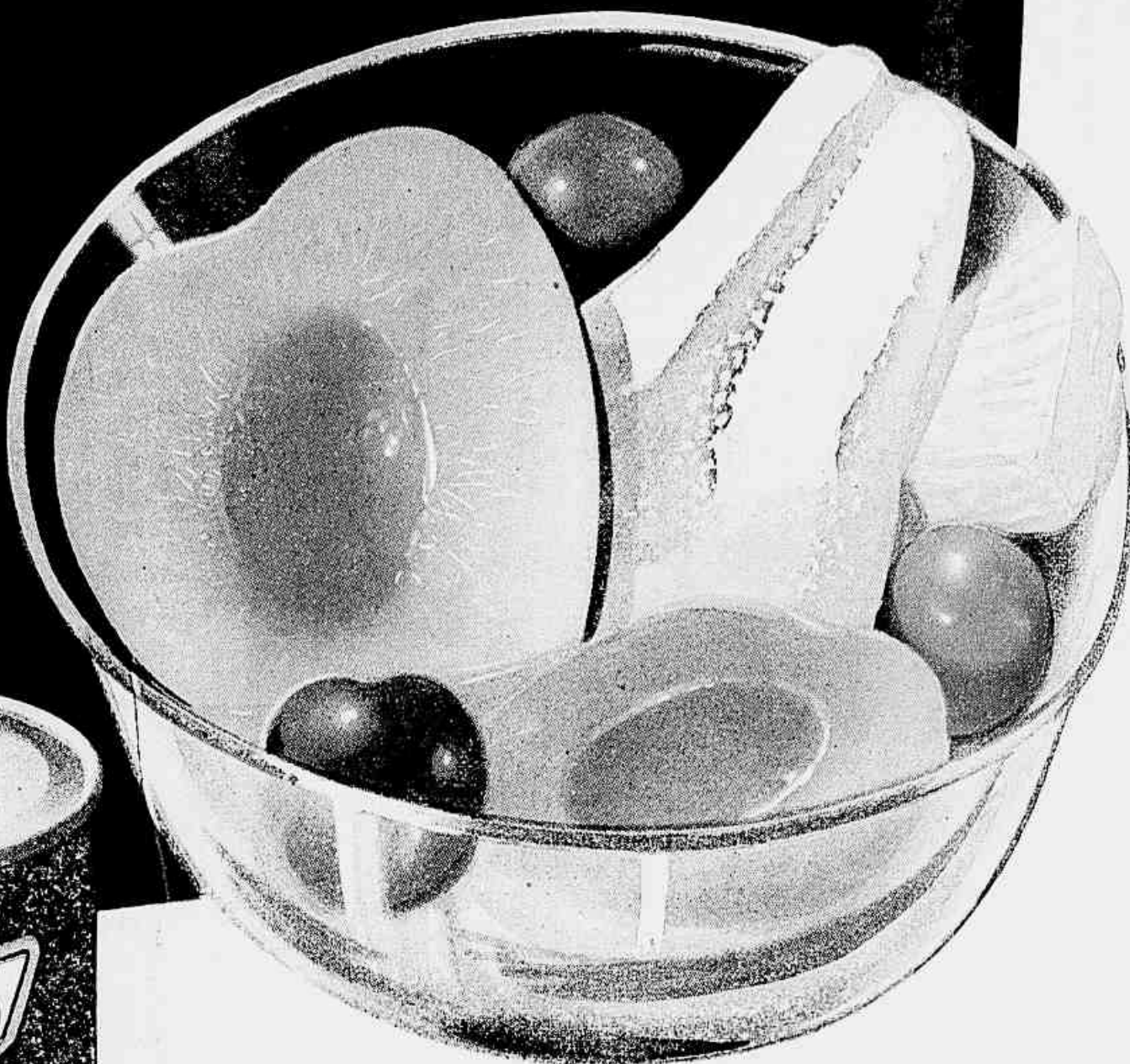


Veja como é fácil conquistar
os paladares com esta deliciosa

SALADA DE FRUITAS



Os gostos variam... mas esta
magnífica combinação de
frutas finas agrada a todos

TODOS aplaudirão sua idéia de servir Salada de Frutas Delrio. Porque tem de tudo, para todos: peras, pêssegos, cerejas, abacaxi e damascos - de qualidade selecionada e preparada por processo exclusivo Delrio. Complete a satisfação dos convivas, servindo Salada de Frutas Delrio em taças ou pratinhos fundos. Delicie-os também com a saborosa calda, feita dos sucos de fruta. Pelo paladar insuperável, pelo colorido e o aroma naturais, exija a marca: Salada de Frutas Delrio!

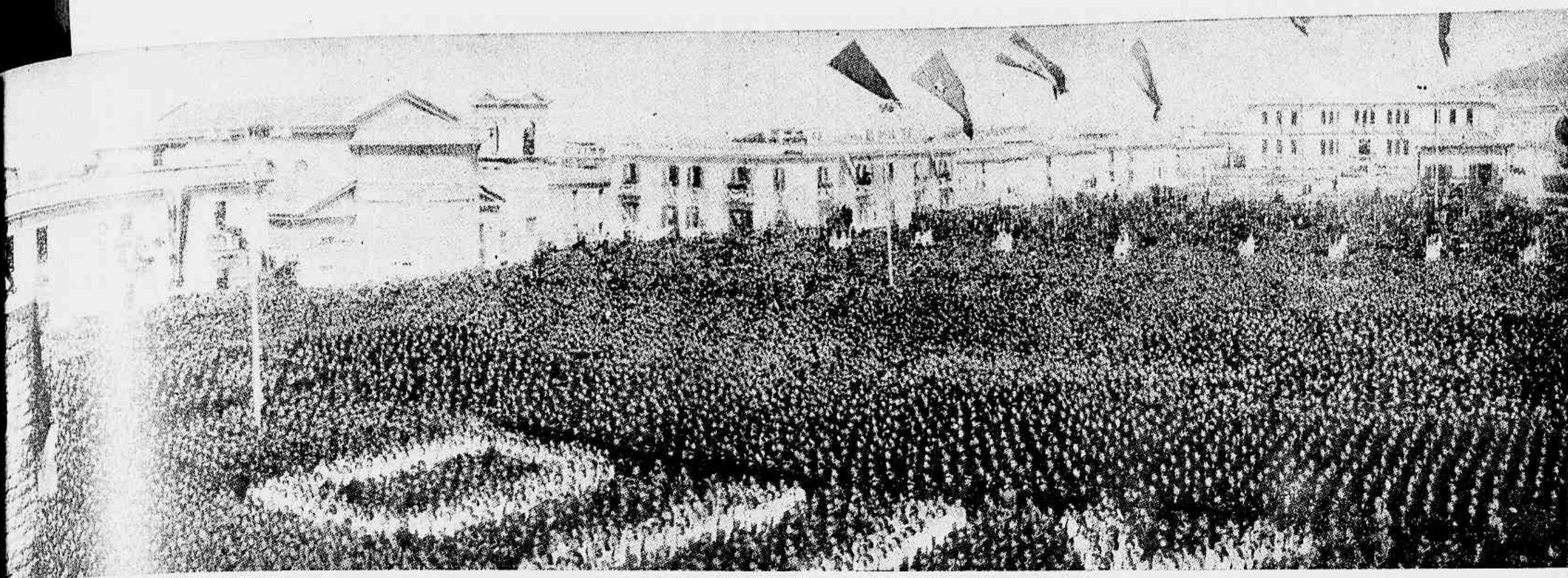
Ouçã o programa que lhe oferece
DELRIO:

"PAPEL CARBONO" - Um antigo favorito.
O mais interessante programa de amadores,
revelador de novos valores. RADIO CLUB
(860 kes.) todas as 3as. feiras às 21,35.

Delrio

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS DELRIO - RIO DE JANEIRO

GRANT



O PRIMEIRO QUE FOI

HISTÓRIA... Significação... Movimento de idéias... Certezas que o tempo modifica...

A vida foi boa. A vida vai ser ótima. Por enquanto é o intervalo.

A guerra pertence à morte. Mas a morte é ainda um ato da vida, — dizia o meu amigo Montaigne — o ato que termina a peça. O intervalo é o fascismo, tal qual saiu da Itália, tal qual cresceu na Alemanha, tal qual se espalhou pelo mundo. Isso não tem nada que ver com a vida, apesar das circunstâncias... Pelo menos com a vida humana, a dos animais racionais. Falta ao fascismo inteligência. Sobra-lhe instinto, mau instinto. Com um lobo assim São Francisco de Assis não adiantava. Nunca que o fascismo seria o irmão lobo... As Nações Unidas encontraram o único jeito de o convencer: matá-lo. Não é violência. É defesa. Mussolini, com Starace, Farinacci e mais alguns da matilha, já teve a sorte do seu chefe de polícia e do seu carcereiro-mor, nas mãos dos patriotas italianos. Hitler, com Himmler e a corja toda, se não seguiu os companheiros não esperará muito. Limpa-se depois o Japão. Desinfeta-se o resto do mundo. E a vida há de recomeçar, a vida vasia de ódio, a vida cheia de amor, sentida, pensada, livre, feliz...

Sim, tinha que ser como se está vendo que é. Na Itália, fascista era o governo; o povo continuou a ser italiano. As aparências tentavam em mostrar inclinada diante da força bruta aquela gente. Também a Torre de Piza parece que vai cair, há muitos séculos, e não cai. Entusiasmos e medos passam, como a ven-

tania e outras confusões dos sentidos. Os italianos que não puderam viver mais na pátria e conseguiram fugir, desde a marcha contra Roma, denunciaram a ignomínia do regime lá imposto. Esses italianos — italianos livres da primeira hora — foram acusados de traidores pelos agentes de Mussolini. Sofreram perseguições nos países onde se abrigaram. As polícias secretas do fascismo, à beira das embaixadas, das legações, dos consulados, dos escritórios comerciais, informavam que os exilados eram deformadores suspeitos que, num interesse vil, procuravam apresentar a Itália dominada pela idéia de aventuras perigosas, qualificando como ameaças à paz do mundo as palavras do Duce e as ações subsequentes... Velhos imigrantes, enriquecidos nas terras em que se instalaram, ficavam em êxtase, de longe, e acreditavam em tôdas as gritarias da propaganda. Criava-se um clima.

O diabo foi a Abissínia. Mussolini provou, gostou, delirou. Remeteu em seguida camisas de luto para a Espanha. Invadiu a Albânia numa sexta-feira da Paixão. E ao ver que a França de outros Francos caía, supôs que a França dos franceses caía, e correu para a divisão dos despojos. Quem caiu foi êle. Caiu no ridículo. Afinal, sem contrato, teve que arranjar um emprêgo com Hitler. Um emprêgo de miserável. Dêsse emprêgo os patriotas italianos o demitiram para sempre.

Mussolini morreu.

Viva a Itália!

a l v a r o m o r e y r a

MUSSOLINI FALA — Antigamente era assim. Quando "il Duce parlava" as multidões de camisas-negras, fanáticas e arrogantes, ergulam o braço e respondiam em cântico às fanfarronadas do ditador: "A noi l'Abissinia". "A noi tutto il Mondo". O cadáver de Mussolini foi exposto na Piazza Loreto, de Milão. Este é o aspecto de uma recepção a "il Duce" em Reggio di Calabria, nos bons tempos do fascismo. Muito dista Milão de Reggio.



A SEMANA EM REVISTA

FOME



Estamos em 1945, o ano da vitória das democracias sobre a selvageria fascista, que durante tantos anos espalhou pelo mundo inteiro destruição, dor, miséria e fome. Estamos na era da valorização do trabalho e da compreensão entre os homens. Nas ruas do Rio de Janeiro multiplicam-se os comícios políticos. Todos falam em democracia, todos falam num mundo melhor. E o povo espera. Espera, como esperava há longos e tenebrosos meses nas portas dos açougues vazios e junto aos carrinhos de leite secos. Espera, espera, espera... Mas quando virá, afinal, esse tão falado "mundo melhor"? Quando, por fim, a tão esperada justiça social sairá das "manchetes" dos jornais para o seio das multidões miseráveis?

E' necessário que compreendamos, de uma vez por todas, que a democracia é uma necessidade; que o voto secreto e direto é a própria dignidade pública dos cidadãos convertida em leis. Mas só o voto não basta. Como muito bem dizia Anatole France, a lei igual para todos não é o suficiente. E justifica o seu modo de pensar dizendo que "é proibido, tanto ao rico quanto ao pobre, roubar um pão". Lembramos estas palavras do grande pensador e romancista justamente por ser este o momento mais oportuno para elas. E' necessário que delas se compenem os homens que se propuseram a levar a cabo a tarefa da construção do "mundo melhor". Que ele não seja apenas encarnado pelo sufrágio universal feito a bico de pena pelos coronéis do interior e capitalistas das cidades. Ao lado do voto é preciso marchar a evolução política do país. O que não se pode mais conceber é que neste momento, enquanto os democratas clamam por liberdade na escadaria do Municipal, do outro lado do edifício esteja um homem deitado na calçada, porque o seu estômago vazio impede a movimentação de seus membros raquíticos. Não é crível que enquanto os nossos soldados vencem uma guerra para livrar as populações européias da miséria, essa mesma miséria, negra e nua, campeie nas ruas do Rio de Janeiro. Não é possível que falemos em democracia deixando esquecidas as centenas de famílias que existem ao desabrigo no coração da Cidade Maravilhosa. Não precisamos citar casos em particular. A miséria que nos envolve é tamanha que não precisamos sair do centro da cidade para vê-la. Ela está onipresente em todas as esquinas. O preço da entrada para ver esse grande drama que se chama "Fome" são os vinte centavos da passagem de um bonde "Praça Mauá".



Ligeiros atrasos...

— Onde?

— Ora, onde! Nos trens da Leopoldina, é claro.

— Mas eles sempre se atrasaram.

— Sim, mas agora estão atrasados sobre o atraso regular. Senão vejamos: domingo último, devia descer de Petrópolis uma composição às 19.30 horas. Como é comum nos domingos à tarde, desde às 18 horas a gare estava repleta de gente que terminara o seu "week-end" nas montanhas e demandava esta capital. As filas diante das bilheterias lembravam serpentinhas gigantes que se enroscavam e distendiam morosamente. Os ponteiros marcaram as 19.30 horas. Continuaram os passageiros a esperar, na doce esperança de que o trem correria com o seu atraso normal de meia hora. Mas

foram-se os minutos, bateram as oito badaladas e a composição continuava a esperar na linha, enquanto a locomotiva resfolegava, acenando com a sua coluna de fumaça, como um símbolo de esperança...



depois... Trazem para o centro do palco um alvo, no meio do qual está desenhado um coração vermelho. As coristas distribuem bolas de tênis pela platéia. A quem acertar no mesmo, será conferido um prêmio pela "vedette" argentina. E este

Num dos nossos teatros de variedades está sendo levada à cena uma revista de sátira política. Mas, para amenizar o espetáculo, a peça é entremeada de "sketches" maliciosos e picarescos, tão do agrado do gosto do público carioca. Entre as cenas de maior sensação figura uma cançoneta movimentada, que canta uma "vedette" argentina, uma morena tropicalíssima, capaz de derreter o gelo da Patagônia com um sorriso, capaz de fazer gelar o sol do Ceará com um beijo. Ah! um "beso" desta "morocha"! Quanta gente por aí existe que trocaria de bom grado vinte anos de existência por essa carícia embriagadora! "Chê, hombre! Que morocha caliente!" E como ela canta! Canta diante das coristas alinhadas num bailado rápido e rítmico. Depois... Ah!

LIGEIRAS ATRASOS

— A que horas, afinal, saiu o trem?

— A bem dizer não saiu. Começou a arrastar-se rumo ao Alto da Serra ali pelas 20.15. Ali parou durante largo tempo, esperando pelas locomotivas-cremalheiras. Vieram as máquinas e o comboio continuou a arrastar-se em direção ao Rio. Na Raiz da Serra, nova parada longa e uma outra espera angustiosa. Viajava no trem um dos redatores da REVISTA DA SEMANA que, com a sua curiosidade profissional de reporter, mas revelando uma ingenuidade de colegial, tentou se informar com o chefe do trem do motivo do atraso. E' claro que a Leopoldina Railway não tinha satisfações a lhe dar. O chefe foi delicado, limitando-se porém a responder-lhe que ele estava se queixando atôa. Pior seria se ele fosse passageiro do trem "Mineiro", que trazia nada menos de duzentos e quarenta minutos de atraso. Duzentos e quarenta minutos de atraso soam bem ao ouvido de qualquer pessoa. Mas isto, traduzido em bom português, se reduz a 4 horas bem contadas.

— E a que horas chegou o amigo ao Rio?

— Às 23 horas, portanto duas horas e quarenta e cinco minutos após a partida de Petrópolis — somadas aos 45 minutos no atraso da saída perfaz um total de três e meia horas, para uma viagem que deveria ser feita em 1 hora e 50 minutos.

— Sim senhor! E ainda há quem fale mal da Leopoldina!

"BESA-ME MUCHO"

prêmio — tremei, mães de família! — é nada mais nada menos que um beijo.

Fomos assistir a um desses espetáculos. A "vedette" cantou deliciosamente a letra da canção cheia de pedidos de beijos. E o ato terminou com o jogo das bolas no coração. Mas os atiradores, ou por emoção ou mesmo por medo, erraram o alvo. Um deles, aproveitando as bolas que tornavam a cair na platéia, tentou três vezes acertar o coração vermelho. De uma delas conseguiu acertar no círculo branco sobre o qual se desenhava o coração visado. Não fizera jus ao prêmio, mas a "vedette" resolveu oferecer-lhe uma consolação e chamou-o ao palco. As galerias deliraram. E, diante da apurada do "poleiro", o homem encabulou e abriu mão do cobiçado prêmio. Que desperdício!

Assim, por um sentimento tolo de respeito humano, um homem abriu mão dos louros que conquistara com um trabalho. E a "vedette" se retirou sem haver beijado ninguém. Acharmos natural que o cavalheiro vencedor do concurso de "bola ao alvo" não quisesse osculá-la. Mas seria justo, então, que ele pedisse procuração para alguém que tivesse coragem de fazê-lo. Nós mesmos, podemos garantir, desempenharíamos com agrado as funções de seu procurador.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602. Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866. Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1246, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 20 --- 19-5-945

REPORTAGENS

Os últimos dias da guerra	4/5
O regresso de Octavio Mangabeira	8
Eles fizeram a cobra fumar (Celius Aulicus)	10/15
A "charge" política no Brasil	21/23
Figuras e Fatos	35
Jockey Club	42

LITERATURA

O primeiro que foi (Alvaro Moreyra)	3
Névoeiro (Philips Oppenheim)	19
Figuras Brasileiras (Escragnolle Doria)	26
O Soldadinho de Chumbo (Anatole France)	30/31
Despedida (Jonathan Adler)	34
Livros Novos	40/41
Maria, um punhal e nove contrabandistas (Arlington Blake)	45

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	29
A moda vem de Hollywood	32/33
Modelos avulsos	50 e 52

CURIOSIDADES

Os cães em serviço de guerra	24/25
Glória eterna aos heróis	27
A nova Carmen	28
"Cow-girls" em ação	46/47

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu... ..	7
Gráficas de Hollywood (Luiz Serrano)	38/39
De Música (Roberto Lyra Filho)	54

CARICATURAS

De Bom Humor	20
Dois em Uma	9
"Charge" de Raul	50

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------------	-------

NOSSA CAPA

Na sobrecapa do presente número nossos leitores encontram uma das primeiras fotos divulgadas pela Columbia, de uma de suas anunciadas revelações artísticas para esta temporada. Chama-se Nina Foch, e sua estreia deve dar-se em um filme, ora em preparo, no qual são focalizados momentos culminantes da vida de George Sand. Trata-se de uma pequena recém-saída da Universidade de Chicago e cujos pendores artísticos revelaram-se desde a primeira infância, quando surgiu em espetáculos infantis, nos quais recebeu de crítica as mais lisonjeiras referências. O material cinematográfico aparece nas diversas páginas desta edição, em que também se destacam reportagens, literatura, aspectos da guerra, entrevista com os expedicionários brasileiros que regressaram feridos, e flagrantes fotográficos das "charges" políticas em uma revista de costumes, ora em cena num teatro carioca.

Nosso correspondente em Hollywood, Luiz Serrano, continua enviando material informativo e fotográfico de grande interesse para os "fans" de cinema, como se vê nas páginas 38 e 39.



Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu...

Há cinco anos

Primavera de 1940... Nunca na vida dos povos escandinavos houve dias tão intranquilos e escuros. A Noruega era uma fogueira. Os milicianos, populares, camponeses, operários, estudantes faziam um esforço supremo, tentando sustentar o avanço das divisões infundáveis da Wehrmacht, que se infiltravam no território pátrio. Eles lá estavam, no alto das montanhas e no seio das florestas, com as suas deficientes espingardinhas de repetição, tocando a infantaria germânica, que chegava em ondas, armada de metralhadoras portáteis de cadência vertiginosa. Os motociclistas de Hitler limpavam as estradas da Dinamarca e da Noruega dos patriotas emboscados. Os reforços ingleses eram impotentes para conter a fúria dos atacantes. E a dinamite dos guerrilheiros de nada valia diante dos "tanks" pesados nazistas, que esmagavam a resistência dos defensores. Foi por este tempo que a REVISTA DA SEMANA publicou um mapa de guerra, reproduzindo a carta política da península escandinava, ao pé do qual se estampava o seguinte texto:

"A Noruega, até dias atrás, exportava pelos seus portos da costa ocidental, entre outras coisas, uma grande parte do minério de ferro produzido pela Suécia, principalmente pelo porto de Narvik que, não obstante estar situado ao norte do círculo glacial Ártico, mantem-se acessível mesmo durante os mais rígidos invernos.

Os principais consumidores do ferro sueco são justamente a Alemanha e a Inglaterra.

Os aliados estenderam há pouco o seu bloqueio aos portos noruegueses, visando justamente o abastecimento de ferro à Wehrmacht.

O governo hitlerista, alegando a possibilidade de um ataque aliado à Escandinávia, resolveu "antecipar-se a êsse assalto", e sem prévia declaração de guerra lançou suas tropas contra a Dinamarca e a Noruega. Tropas de paraquedistas foram lançadas sobre o território das democracias escandinavas, o major Kisling assumiu o governo de Oslo."

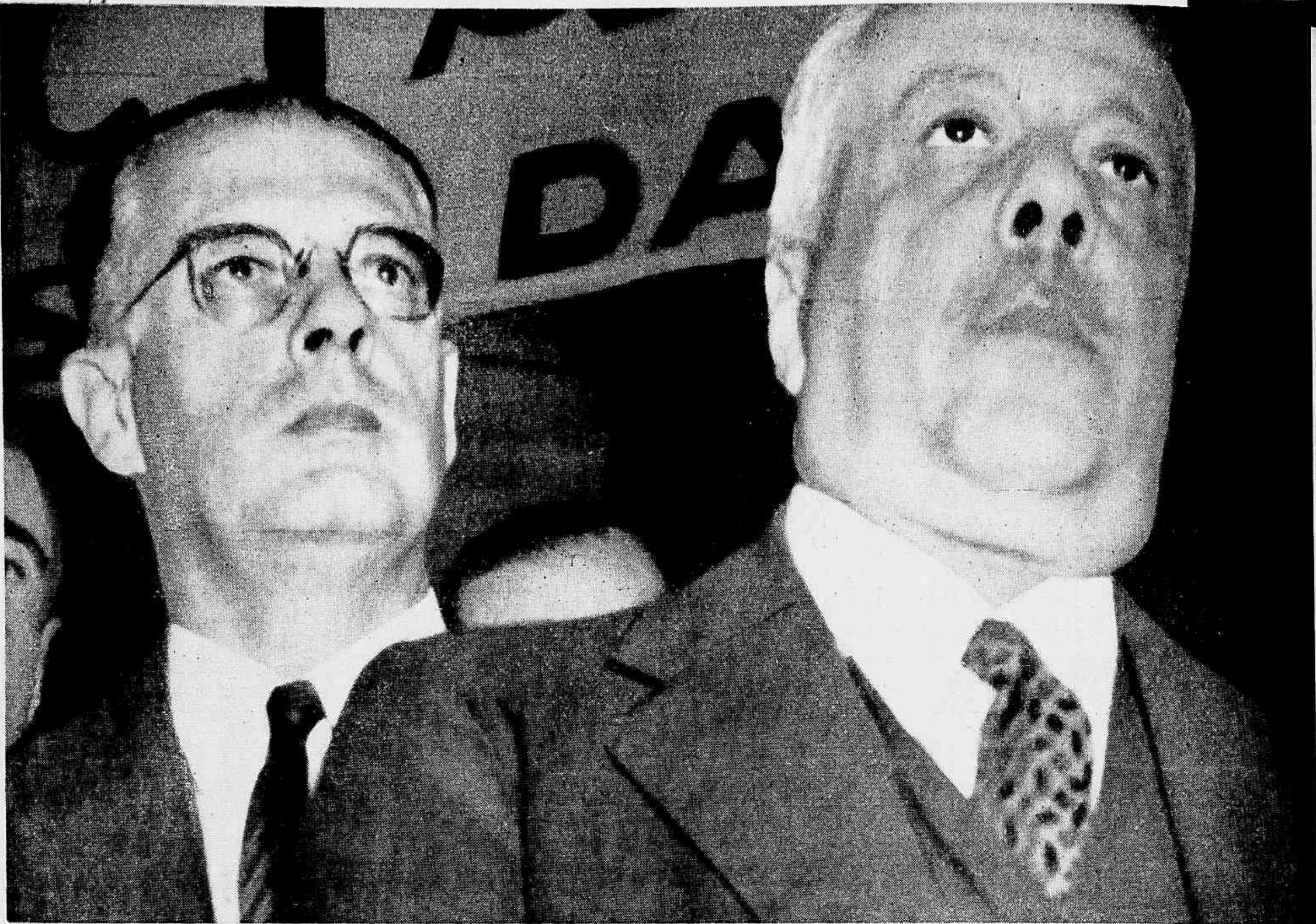
E' oportuna e atual esta transcrição, que fazemos justamente quando o tenebroso major Kisling acaba de se entregar como prisioneiro de guerra às autoridades aliadas. Naturalmente, como Laval e Pétain, o chefe do governo títere da Noruega haverá de pedir clemência aos vencedores, alegando a falta de culpa.

Não é necessário uma documentação muito farta da culpabilidade dêste criminoso para que a sua infâmia transpareça clara e precisa. Basta para tal que os seus juizes tenham boa memória.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO



O Regresso de Octavio Mangabeira

Regressou ao Rio sexta-feira última, depois de alguns anos de ausência em virtude dos acontecimentos políticos que são do domínio público, o sr. professor dr. Octavio Mangabeira, ex-ministro das Relações Exteriores e ex-representante da Bahia, seu Estado natal, em várias legislaturas, na Câmara dos Deputados. S. ex. veio em companhia de sua esposa, d. Esther Pinho Mangabeira. Damos nesta página alguns flagrantes desse acontecimento. Ao alto, o recém-vindo em companhia do major-brigadeiro Eduardo Gomes; à esquerda, s. ex. ladeado por amigos e destacados elementos da União Democrática Nacional, no Aeroporto Santos Dumont. Em baixo, à esquerda, a multidão que compareceu ao comício, na mesma tarde, realizado na escadaria do Teatro Municipal, e, à direita, o antigo chanceler do Brasil em companhia de sua exma. esposa.



Já que é passada a sanguinária era,
 Podeis voltar, que a Pátria vos espera
 Cheia de gáudio e cantos triunfais!
 Podeis abandonar vosso fuzil
 E correndo voltar para o Brasil,
 Pois, Mascarenhas, dizem: de-Morais...

CARICATURAS DE
 MICHEL
 LEGENDAS DE
 ZE' CARIOCA

DIÁRIO DA JUSTIÇA

Vendo Goering, o infame prisioneiro,
 Receber um carinho hospitaleiro,
 Eisenhower protesta e não concorda.
 E quer o general que, por vingança,
 Quem dançou quando foi vencida a
 [França
 Deve dançar na ponta duma corda.



DOIS
 em
 UMA



Na porta da 10.^a Enfermaria do Hospital Central do Exército dois heróis da F. E. B. ensaiam seus passos de convalescentes.



Estas botas pisaram a terra gelada de Monte Castelo. O expedicionário Carlos d'Eça, ator do cinema nacional, ferido em ação, conversa com o nosso redator, assentado na grama do jardim do Hospital Central do Exército. A vida militar desse moço daria um grande argumento para um filme realista.

ELES FIZERAM A COBRA FUMAR

UMA VISITA A DÉCIMA ENFERMARIA DO HOSPITAL CENTRAL DO EXÉRCITO, ONDE ESTÃO INTERNADOS OS FERIDOS DE GUERRA DO BRASIL — O EXCELENTE MORAL DOS EXPEDICIONARIOS REPATRIADOS — A EPOPEIA DA 3.^a COMPANHIA DO REGIMENTO SAMPAIO — "LOURDINHA", MAQUINA INFERNAL — UM ATOR CINEMATOGRAFICO ENTRE OS FERIDOS

Fotografou ARNALDO VIEIRA

Escreveu CELIUS AULICUS

— "Sim — disse o sargento expedicionário Itagiba de Queiroz — o dia 29 de novembro foi o mais duro para a 3.^a Companhia do Regimento Sampaio no "front". A cobra acendeu o cachimbo ali pelas sete da manhã, quando chegou a ordem de avançar."

Conversávamos com o combatente à porta da 10.^a enfermaria do Hospital Central do Exército, onde se encontram os feridos do Corpo Expedicionário já repatriados. E o rapaz prossegue na sua história:

— "Monte Castelo erguia-se na nossa frente. Aquêlê fim de outono na Itália fazia-se notar por uma chuva forte, que cobria de lama os caminhos e as encostas, dificultando a movimentação da infantaria sobre os atoleiros e impossibilitando o avanço das divisões motorizadas, que se perdiam nas estradas alagadiças. Mas veio a ordem de avançar. Começamos a progredir no terreno íngreme e escorregadio, devagar, cautelosamente... A artilharia protegia o nosso avanço, e parecia que íamos alcançar o nosso objetivo, que era o cume de Monte Castelo. Quando o relógio marcou dez horas alcançamos uma pequena eleva-

ção de terreno, a menos de cem metros das linhas avançadas alemãs. Os caçadores de luneta, escondidos em seus ninhos camuflados, dominavam a área de combate. E ali estávamos nós, a terceira companhia, posta sobre uma colina na terra de ninguém, avançando contra um inimigo invisível. O fogo convergente das metralhadoras tornava impossível a continuação do ataque. Chegou a ordem de recuar. Mas um poderoso fogo de barragem da artilharia nazista nos prendeu na colina, interceptando a retirada com uma espessa coluna de ferro e fogo. E os minutos iam-se arrastando morosamente, enquanto esperávamos, enterrados na lama, que a barragem amenisasse e pudessemos voltar às nossas posições. Era uma prova dura aquela a que nos submetíamos. As granadas dos alemães continuavam a martelar o caminho, impedindo o movimento de retorno. A situação era difícil. Mas o comandante da terceira, o capitão Salvador, não esmorecia. Graças ao seu valor, conseguimos salvar-nos sem que as baixas atinssem o número elevado que as circunstâncias faziam prever. Mas, mesmo assim, elas não foram poucas.

A artilharia começou um violento fogo de destruição. Estávamos praticamente desabrigados, numa posição perigosa, sobre uma elevação varrida pelo fogo dos embates anteriores, à mercê do fogo das metralhadoras de primeira linha e dos caçadores alemães. Muitos já haviam sido atingidos. Os alemães visavam nos aniquilar por completo. Uma formação de "tanks" aproximou-se e fez fogo direto contra nós. Às 14 horas todas as unidades já haviam recuado, mas o fogo de barragem continuava a nos envolver. Mas a terceira companhia aguentava firme. O capitão esperava a noite para romper a barragem inimiga. As granadas continuavam a explodir ao nosso lado. Alguns metros adiante os alemães atiravam sem interrupção. Em dado momento notei que era visado pelos fuzis inimigos. Procurando um abrigo mais seguro, levantei-me. Senti como que um sôco na axila. Vi que estava ferido. Minha mão direita já não conseguia sustentar a metralhadora portátil que trazia comigo. Segurei a arma com a sinistra, mas perdía sangue e as forças faltavam-me. Um enfermeiro conduziu-me para a retaguarda. Foi difícil atravessar a

intactos o seu ardor e a sua coragem de soldados do Brasil. Enterraram-se na lama, cobriram-se de neve; o vento dos Apeninos gelou-lhes os membros entorpecidos, a neve da Europa branquejou-lhes as fardas gloriosas, mas o ânimo inquebrantável destes heróis era superior às asperezas do inverno itálico e à selvageria das hordas nazistas.

UMA CENTENA DE HERÓIS

Entramos pela larga porta que conduz à 10.^a e 11.^a enfermarias do Hospital Central do Exército. Ali estavam, uniformizados por pijamas claros, uma centena de heróis da Força Expedicionária Brasileira, que haviam sido repatriados. Olhando as fisionomias sorridentes, não podíamos supor os sofrimentos por que haviam passado e ainda passam aqueles jovens brasileiros, que nas terras de Itália levantaram bem alto, à custa de seu sacrifício generoso e nobre, o nome da nossa Pátria. Já em sua terra, longe dos horrores da frente de batalha, eles jogavam a bisco, ouviam rádio e palestravam animadamente, procurando assim esquecer a dor provocada pelas feridas abertas em seus corpos de soldados. Muitos deles permaneciam ainda no leito, de onde os ferimentos recebidos nos campos de batalha não os permitia arredarem-se. Mas todos mostravam-se confiantes, certos de que os seus generosos sacrifícios e a sua bravura indômita não haviam sido vão. Eles representavam, pelos seus próprios sorrisos de heróis, um exemplo de dignidade e desprendimento, de generosidade e bravura. Outros soldados percorriam as enfermarias e os corredores, firmando-se nas muletas, ensaiando os seus primeiros passos de convalescentes. Havia ainda os que se entregavam aos mais diversos passatempos, para encurtar as horas monótonas do hospital. Sobre uma cama armava-se uma batotinha. As apostas começaram pequenas e foram crescendo aos poucos. As emoções da "ronda" prendiam à banca uma dezena de heróis, que torciam entusiasmamente contra o carteador. Num ângulo da grande sala onde funciona a 10.^a enfermaria, outro grupo de combatentes ouvia pelo rádio as últimas notícias da Europa que falavam de paz. E todos sorriam, porque para eles esta pequena palavra de três letras — "paz" — tem uma significação muito mais ampla que aquela que lhe emprestamos, justamente porque eles viram de perto os horrores da guerra. E agora o mundo festejava a paz. Esta paz que haviam conquistado, à custa de seu sangue, nos campos de batalha da Itália. E ouvindo através do rádio as notícias da rendição da Alemanha, os expedicionários feridos sorriam. Agora eles podem voltar ao lar, ao seio de sua família, beijar os filhos e trabalhar em paz novamente. E um dia, quando os seus filhos forem homens, eles lhes contarão a história sinistra desta guerra, de cujos horrores foram testemunhas e de cujas batalhas foram heróis. E tudo parecerá então um romance terrífico.

Estamos em paz. O mundo respira desafogado, o Brasil festeja a vitória. Mas nas enfermarias do Hospital Central do Exército estão os nossos feridos de guerra, uma centena de heróis, a quem devemos esta paz e esta vitória. E eles lá se encontram sozinhos, entregues às suas recordações e às suas dores sem uma palavra de gratidão, sem uma visita amiga que os conforte. Somente aqueles cujas famílias residem no Rio recebem os parentes. Aos outros ninguém se lembra de levar uma palavra amiga. E lá ficam eles esquecidos, distanciados de nós, por nossa culpa exclusiva. Eis por que reclamamos aqui para os nossos feridos de guerra um pouco de gratidão. Fazemos um apelo ao povo para que os visite e os conforte. Será esta uma obrigação nossa, como é nosso dever visitar os parentes enfermos. Sim, pois esses rapazes que se encontram no H. C. E. não são pessoas estranhas a qualquer um de nós. Eles são nossos irmãos e por isto mesmo merecem a nossa amizade. Eles são heróis nacionais e como tal devem ser tratados.

"LOURDINHA", UM NOME SINISTRO

Voltemos porém a conversar com os feridos. Num canto da enfermaria, coberto por um cortinado de filó, estava o expedicionário Vessio Manelli, de Sorocaba, São Paulo, com a perna esquerda presa a um aparelho de metal que a sustinha em suspenso. E o rapaz conta-nos como foi ferido:

— "No dia 29 de novembro, o dia crítico que atravessou a terceira companhia do Regimento Sampaio, num dos contra-ataques alemães, um metralhador tedesco dirigiu contra mim o fogo de sua "lourdinha".

Abrimos aqui um parêntesis para uma ligeira explicação: "lourdinha" é uma terrível arma de guerra germânica, uma metralhadora portátil, que os soldados conduziam presos

Enquanto Carlos d'Eça lê a carta que recebeu de uma "fan", o seu companheiro da terceira companhia do Regimento Sampaio, José Floriano Velasco, faz uma oração à Virgem. Este último foi ferido num dos primeiros combates travados pela nossa Força Expedicionária, em Monte Africa. Atingido por uma bala no pé esquerdo, ficou incapacitado temporariamente para as ações de guerra. Agora já está quase restabelecido e convalescendo no Hospital Central do Exército.

grossa cortina de fogo que a artilharia alemã estabelecera atrás de nossa posição. Mas logramos romper a barreira e chegar a um posto de saúde avançado, onde fui medicado. E assim terminaram os meus dias de combatente. Fui repatriado. Estava orgulhoso de haver lutado ao lado de meus bravos companheiros da terceira companhia do Regimento Sampaio, naquele difícil dia 29 de novembro. Revi com alegria a terra do Brasil. Mas aqui estou agora, já convalescente. Se precisarem de mim novamente, retornarei com contentamento ao campo de batalha. Espero,

porém, que esta paz, agora começada, seja para todo o mundo a paz definitiva."

Assim falou o sargento Itagiba de Queiroz, um dos bravos combatentes da Força Expedicionária Brasileira que se encontram hospitalizados no Hospital Central do Exército. Fora ele o primeiro combatente a ser por nós entrevistado, na recente visita que fizemos àquele estabelecimento hospitalar. Mas como ele falou todos os seus companheiros.

Voltaram feridos, cobertos de cicatrizes, mas traziam

à cintura. Os brasileiros deram-lhe esse nome baseando-se no fato de que "tôda pequena chamada Lourdes é sapeca". Mas nenhuma delas chega a ser sapeca como a sua homônima germânica, que tem uma cadência de fogo prático de mil e duzentos tiros por minuto, nada menos.

Fechado o parêntesis, voltemos à palestra:

— "Quando fui visado encontrava-me ao desabrigo, num terreno aberto. Uma rajada de "lourdinha" me envolveu. Tudo se passou com a rapidez de um relâmpago. Uma bala bateu em minha chapa de identificação, suspensa do pescoço por uma corrente, resvalou para a esquerda e rasgou-me o peito. Mas o metralhador permaneceu na pontaria e repetiu o tiro. Tomei sobre a lama, com quatro balas alojadas nos membros inferiores. Fui socorrido, permaneci alguns meses nos Estados Unidos e aqui estou de novo, pronto para outra."

Nesse momento uma moça aproximou-se do ferido e cumprimentou-o carinhosamente. Vessio nos apresenta a visitante:

— Sra. Lília Pereira da Silva, enfermeira expedicionária.

Deixámos o rapaz em conversa com a enfermeira e afastámo-nos para falar com outros feridos.

E da boca de todos aqueles soldados ouvimos a crônica sinistra da terrível "lourdinha". Outro soldado do Regimento Sampaio mostrou-nos os seus ferimentos. Um espaço de vinte centímetros, aproximadamente, em sua coxa direita, havia recebido nada menos de quatro balas da infernal arma automática.

Outros contaram também o que sabiam a respeito da metralhadora "strigaita", um verdadeiro símbolo da estupidez e da selvageria nazista, que desviou todos os recur-

sos da técnica alemã para a faina destrutiva dos campos de batalha. O que representava para as forças de infantaria aliadas esse terrível engenho de guerra, é coisa que escapa à compreensão dos civis. Mas pelas palavras com que os soldados o descrevem, podemos concluir que a sua presença era benquista nas linhas do Quinto Exército.

Quando no silêncio das noites hibernais de Itália a "lourdinha" tagarelava anunciando um contra-ataque inimigo, parecia que um sopro de morte corria sobre os campos gelados. E a "máquina de costura" terrífica continuava o seu trabalho sinistro pelas noites a dentro. O latido característico da metralhadora fazia gelar os corações e angustiar as almas dos soldados. Mas dentro das noites de inverno, longe do fulgor tropical das estrêlas dos céus brasileiros, os nossos soldados avançavam sobre a neve, decididos, valorosos, aniquilando tôdas as "lourdinhas" que a técnica selvagem dos totalitários levava às terras de Itália.

E um dia os brasileiros atingiram o cume de Monte Castelo. Os mil e duzentos tiros por minuto não conseguiram aniquilar os quatrocentos anos de lutas democráticas que os nossos bravos soldados levavam para o "front", como uma bandeira de glória.

UM ATOR DE CINEMA VOLTA DO "FRONT"

Entre os feridos que se encontravam na 10.^a enfermaria fomos encontrar um velho conhecido: Carlos d'Eça, jovem ator do cinema brasileiro, que participou de vários filmes nacionais. Já o havíamos visto em "Pureza", "24 Horas de Sonho", "O Dia é Nosso" e "Romance Proibido". Agora víamo-lo encarnando a figura de um soldado expe-

dicionário que regressara do "front". Não era este um papel cinematográfico. Era, sim, uma imposição do momento. Ele cumprira na vida real o seu dever de patriota, e agora, coberto de glória, ferido no campo da honra, retornara à Pátria, disposto a retomar a vida civil no ponto em que a deixara, desejoso de continuar a sua carreira cinematográfica. Vendo-o ali e ouvindo as suas palavras, sentimo-nos como que em presença de um filme realista.

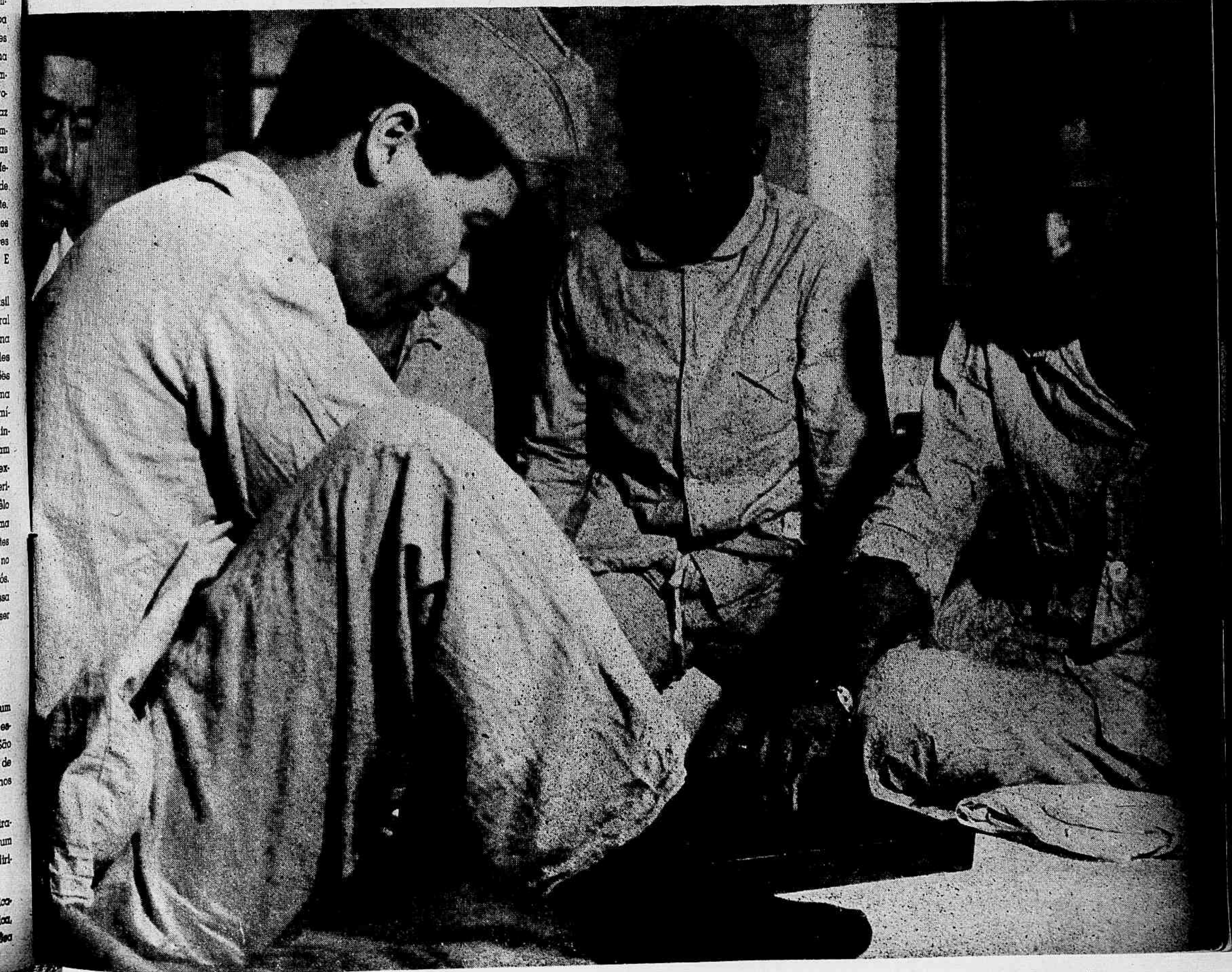
Em verdade, nada mais sugestivo para o argumento de uma película cinematográfica que a história deste rapaz, um brasileiro igual a muitos, pacifista cem por cento, arrastado aos campos de batalha da Europa pelo chamado da Pátria, e que durante todo o seu tempo de combatente desejou ardentemente a paz, enquanto se entregava corajosamente à guerra.

E Carlos d'Eça fala-nos de sua vida e de suas aspirações. A sua voz descansada e suave não faz lembrar em nada o nervosismo dos velhos combatentes nem a rispidez dos veteranos da caserna. Conversávamos assentados no gramado do jardim do Hospital Central do Exército, enquanto pelas alamedas passavam os convalescentes em passeio. Tudo ali era ainda uma reminiscência dos campos de batalha dos Apeninos. E vamos aos poucos tomando conhecimento da epopéia do nosso bravo interlocutor:

Era um rapaz pacato, que nunca havia sequer se dedicado à caça. As armas lhe causavam aversão. Jamais gostou nem mesmo de brincar com revólveres, quando era menino.

Um dia veio a guerra. Carlos d'Eça foi convocado para o serviço militar. Treino intensivo, vida de caserna e, finalmente, o "front" italiano. O rapaz era então um pracinha da terceira companhia do Regimento Sampaio.

Apesar dos ferimentos recebidos em combate, os soldados que se encontram hospitalizados no H. C. E. mostram-se confiantes e alegres. Eles esperam que venham agora dias melhores para todos os homens, e aguardam o momento de retornar às suas atividades de antes da guerra. Enquanto esperam, procuram distrair-se e esquecer as misérias que tiveram ocasião de conhecer na Itália, onde a fúria dos nazistas se mostrou em todo o seu ímpeto selvagem. Estes jogam dama. Como em todos os jogos, não faltam aqui os "sapos" e os "palpiteiros".



No dia crítico de 29 de novembro tombaram muitos soldados da terceira companhia do Regimento Sampaio. Este rapaz, que se vê na foto ao lado da enfermeira Lilia Pereira da Silva, é o expedicionário Vessio Manelli, atingido naquela data por cinco projéteis da terrível "lourdinha".

Era um soldado de infantaria, que avançava contra o inimigo pelas estradas do norte da península italiana. Conheceu as aldeias devastadas, viu famílias ao desabrigo, acariciou criancinhas que se assentavam desamparadas à beira dos caminhos esburacados. Provou a neve européia, estirou-se na lama das covas de raposa, enquanto os "chirapins" explodiam acima de sua cabeça, delatando sobre o terreno devastado um leque de projéteis de aço. Muitas vezes caiu de bruços para evitar o petardo que um morteiro inimigo atirava a poucos metros de seu abrigo. Rastejou pelas encostas geladas, com o ouvido alerta e os olhos bem abertos, protegendo-se dos olhares dos tocaias nazistas. À beira de um ribeiro, quando bebia água, foi visado por um caçador de luneta e escapou milagrosamente do tiro de emboscada. No dia 29 de novembro de 1944 avançou com a terceira companhia para o Monte Castelo. Esteve prêso na terra de ninguém entre o fogo de barragem estabelecido à retaguarda e o fogo de destruição das metralhadoras inimigas, que varria a colina onde se encontravam os nossos. Saiu ileso deste duro embate. Mas os ataques e contra-ataques se sucediam, e a luta em seu setor recrudescia. Carlos era um soldado brasileiro que cumpria o seu dever com coragem, mas sentia sempre o coração oprimido quando divisava, entre os escombros de um parapeto, o corpo de um soldado inimigo sem cabeça. Mas estava ali para defender a Pátria e a liberdade. Tinha consciência de seu papel de soldado e, embora o ato de matar sempre o repugnasse, avançava sempre, sempre mais perto de Monte Castelo, sempre para a frente. Levava consigo apenas o seu fuzil, pois este era o seu dever. Nunca pensou como os outros soldados, na utilidade de uma arma curta. Só atirou granadas de mão quando a isto foi obrigado pelas circunstâncias. A guerra continuava a repugná-lo, mas ele via que o caminho mais curto para a paz era aquele que ele estava seguindo. E continuou a avançar.

Finalmente, num dia claro de fevereiro, os brasileiros atingiram o cume de Monte Castelo. Carlos d'Eça estava entre os soldados vitoriosos. Mas cumpri ainda limpar os ninhos de atiradores inimigos, que se emboscavam na encosta fronteira. Os bravos rapazes da terceira companhia avançaram cautelosamente. Metralhadoras isoladas ladravam sem fúria, devagar, compassadamente. Os últimos redutos germânicos iam caindo em poder dos nossos. Carlos d'Eça avançava de fuzil destravado, entre seus dois companheiros inseparáveis Waldir Ferraro e José Belinho. A artilharia batia com intervalos regulares o terreno íngreme.

Os feridos da 10.^a enfermaria do Regimento Sampaio ouvem pelo rádio as notícias da paz, que acabam de chegar da Europa. O jovem que aparece à paisana é o soldado Eleuterio Ronchi, de Santa Catarina, portador da medalha de campanha, que lhe foi conferida como prêmio à sua bravura.





Outro herói do Regimento Sampaio que se encontra internado no Hospital Central do Exército. Quando de nossa visita à 10.^a enfermaria, o soldado expedicionário Gerson Castor da Silva, ferido na perna por um estilhaço de granada, recebia os curativos. Esta foto é um flagrante apanhado quando um enfermeiro do H. C. E. medicava o herói.

De repente, de uma cratera, surge um tedesco. Levanta a mão direita e atira uma granada contra os atacantes. Carlos é ferido no tronco, à altura do rim direito. O soldado alemão tenta abrigar-se, mas os dois companheiros do ferido liquidam-no, correndo em seguida em auxílio do camarada. Ajoelham-se ao lado do companheiro e pensam-lhe os ferimentos com as ataduras de emergência. Isto feito levam-no a um posto de saúde avançado. Dali o jovem ator é recolhido a um hospital de sangue, onde o submetem a intervenção cirúrgica dez minutos depois. Graças a um milagre da cirurgia moderna dos americanos o rapaz estava salvo. Foi necessária porém a extração de seu baço e de uma costela. Mas a cura processou-se normalmente e o jovem soldado restabeleceu. Está agora à espera da desmobilização, ansioso para retornar aos estúdios cinematográficos.

Esta foi a história que nos contou Carlos d'Eça, um expedicionário brasileiro ferido na Itália. Despedimo-nos dele e deixámos o Hospital Central do Exército, onde se encontram internados uma centena de heróis de Monte Castelo. Eles eram rapazes pacíficos, como Carlos d'Eça, que foram levados à Europa em guerra unicamente pelo

dever de lavar a honra da Pátria ultrajada. E hoje estão de regresso, feridos mas confiantes. Sim, porque trazem no coração a alegria de haver cooperado para a construção de um mundo futuro, onde o barulho das "lourdinhas" e das basucas seja substituído pelo fragor dos tratores e pelo tilitar dos arados.

E' preciso que tenhamos consciência da realidade, nós que nos deixámos ficar no doce aconchêgo da Pátria enquanto, sob o rigor do inverno europeu, milhares de patriotas nossos se empenhavam nos combates sangrentos, buscando para nós dias melhores e mais esperançosos.

Foram eles que nos asseguraram um futuro mais feliz do que o nosso passado, tão cheio de incertezas e de amarguras. A eles devemos a nossa segurança futura e a segurança das gerações vindouras. Sem o sacrifício daqueles que tombaram nos campos de Itália e nas frentes de batalha de todo o mundo, as hordas selvagens do fascismo não encontrariam barreiras postas no caminho de suas ambições desenfreadas. E seriam, então, nada mais que uma saudosa memória os séculos e séculos de civilização edificada pelos nossos maiores. O Brasil não podia estar

alheio a essa luta pela dignidade dos povos e pela segurança universal. E nas trincheiras do Velho Mundo teve a representar-lhe um puçilo de jovens ardorosos e heróicos, que honraram brilhantemente as nossas tradições de bravura e lealdade. Nenhum deles faltou quando era preciso. Nenhum esqueceu o juramento feito ao símbolo da Pátria, de cumprir o seu dever para com o Brasil ainda que com o sacrifício da própria vida. Breve estarão de volta à terra natal. E' necessário que eles recebam então as nossas manifestações de gratidão e de solidariedade.

Os que chegaram feridos não as tiveram. Estão internados no Hospital Central do Exército, visitados apenas pelos parentes e amigos, sem receber dos que ficaram no Brasil qualquer prova de reconhecimento ao seu sacrifício e sua bravura.

Conversámos com aqueles jovens, ouvimos de suas bocas as histórias heróicas e dolorosas dos campos de batalha. Eles sofreram, mas estão conformados por haverem cumprido o seu dever. Agora é necessário que cumpramos também o nosso dever, honrando-os como heróis da Pátria e soldados da civilização.



Nupcias na Sociedade Carioca

Enlace

Helena
Rodrigues
Contardo

•
Raymundo
Silvino
Pereira

Cor
socie
trimo
Rodri
Raym
lebra
O a
sidên
José
môni
parte
Barb
vina
do no
reira
praça
exma
A
brad
tião,
der C
lavra
dor,
ench
pass
de p
sal
gues
conc
sr. S
senh
O
se r
sent
que
maie
e est
mo
Orq
N
gun
acon
pela
SEM

Constituiu nota marcante na sociedade carioca, o enlace matrimonial da senhorita Helena Rodrigues Contardo com o sr. Raymundo Silvino Pereira, celebrado a 8 do corrente.

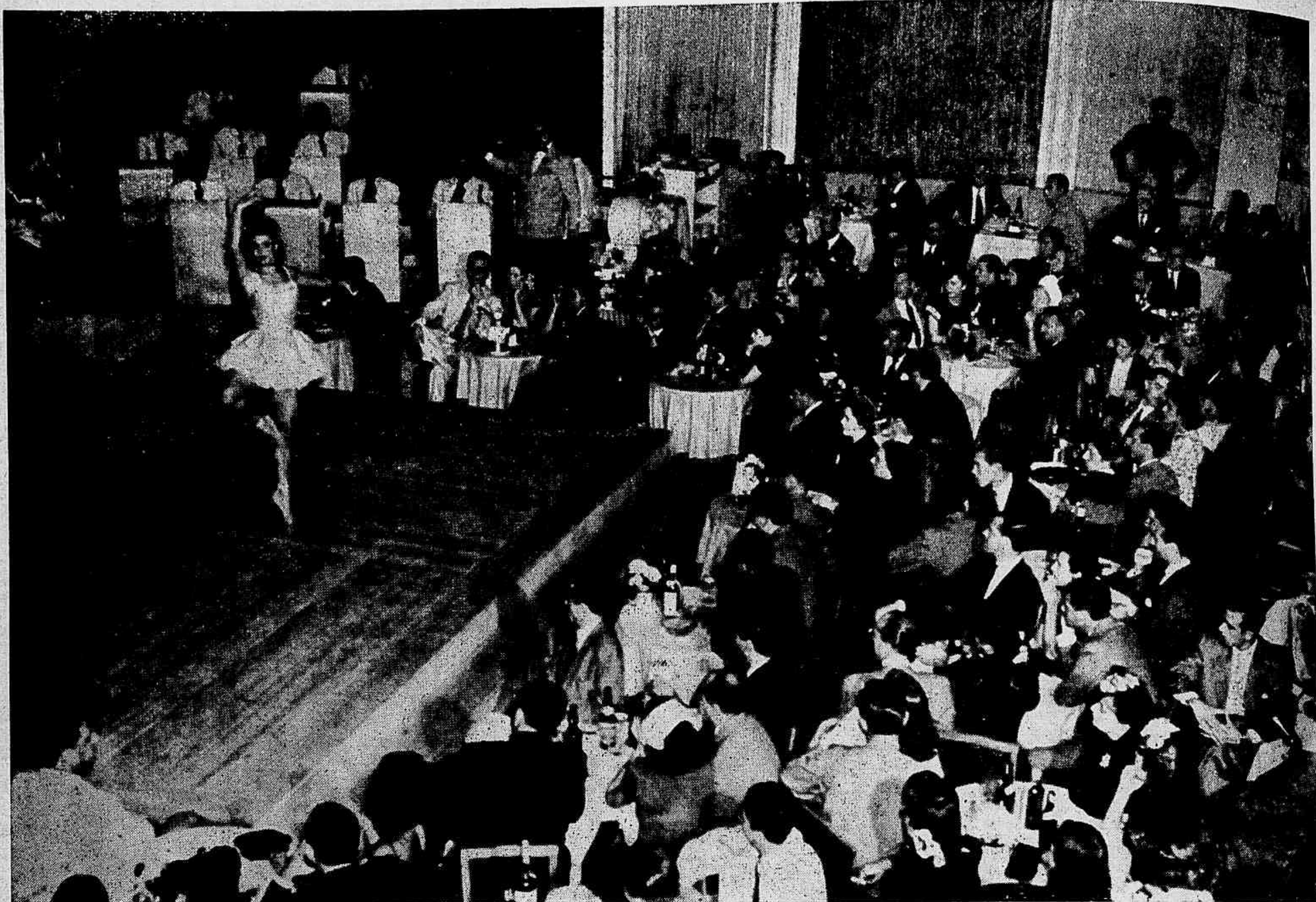
O ato civil foi realizado na residência dos pais do noivo, à rua José Higino n.º 254. Esta cerimônia foi testemunhada, por parte da noiva, pelo dr. Nelson Barbosa Rodrigues e d. Minervina Silvino Pereira; por parte do noivo o sr. Amaro Silvino Pereira, grande comerciante na praça do Rio e São Paulo, e sua exma. espôsa.

A solenidade religiosa, celebrada na igreja de São Sebastião, foi oficiada pelo padre Helder Camara que, com a sua palavra de grande e talentoso orador, conhecido em todo o Brasil, encheu o templo de palavras repassadas de fé cristã. Serviram de padrinhos, pela noiva, o casal dr. Nelson Barbosa Rodrigues, e pelo noivo o grande e conceituado industrial brasileiro sr. Severino Pereira da Silva e senhora.

O tradicional templo achava-se repleto de elementos representativos da nossa sociedade, que cercaram os nubentes das maiores demonstrações de afeto e estima. Para maior brilhantismo da cerimônia concorreu a Orquestra do Teatro Municipal.

Nestas páginas focalizamos alguns flagrantes dêste grande acontecimento social, fixados pela objetiva da REVISTA DA SEMANA.





FESTA DA PAZ NA "BOITE" DO ATLÂNTICO

Sucesso indescritível sob todos os pontos de vista, a Festa da Paz na "boite" do "Atlântico" ficará como um marco luminoso na crônica da vida elegante da cidade. Enquanto lá fora as multidões, num fervor patriótico, davam largas à sua satisfação queimando fogos e dançando em plena rua, dentro do "grill" do Pôsto Seis uma sociedade refinada, numa alegria sã e espontânea, renovava a pirotecnia dos logradouros públicos trocando brindes em que o espírito e o bom humor eram outras tantas girândolas de luz e graça. A fraternidade dos sentimentos emprestava um ar de família a todos, e a alegria reinava nos corações e se espalhava nas fisionomias dos presentes — que aplaudiam a arte diferente e sugestiva de Jüne Preisser, Adelina Garcia e Eileen O'Brien. O "cliché" fixa um aspecto da festa realizada no "music-hall" fidalgo do Pôsto Seis.



Quando voltou, Larson encontrou tudo mudado, no porto que conhecia tão bem...

NA fumaça espessa que enchia o pequeno bar dos marinheiros surgiu uma silhueta de homem. Imediatamente todos se calaram. O rapaz que estivera tocando piano ficou com as mãos no ar, suspensas, sem ousar mover-se. Lá fora, no cais, um cargueiro lançou, dentro da névoa, o seu grito — sim, era como um grito, no nevoeiro que cobria tudo, abafava os sons, tornava espessa a atmosfera a ponto de ter-se a impressão de que subitamente o ar se solidificara, tal a opressão. Eram homens rudes, homens acostumados à luta pela vida no mar, contra as ondas, em terra, no cais, entre dois beijos apressados e o brilho de uma face — uma exclamação abafada, um baque surdo e uma poça de sangue.

Poucos segundos antes, as vozes pastosas de homens excitados pelo álcool se elevavam; agora, porém, de repente, tudo cessara, e aquela silhueta imóvel, à porta, não se apressava em mover-se. Um brilho intenso nos olhos do homem aparecera. Apreciava, lentamente e com prazer, o domínio que tinha sobre aqueles homens, quase animais. Ao seu lado um pequeno vulto se escondia, tentando agarrar-se a ele, de modo a confundir os dois vultos num só. Larson, espantado, contemplou o rosto e as feições delicadas da moça ao lado do companheiro feroz. Uma beleza suave, um ar de pureza e doçura tão incongruente com o meio! Aquêlo movimento brusco de todos os ocupantes do café tinha surpreendido Larson, que não conhecia o homem que entrara, mas tinha suficiente experiência da vida do porto, para saber que era um dos temidos chefes contrabandistas. Mas, e aquela moça? Que faria ali junto dele?

O silêncio já estava se tornando insuportável, quando uma voz clara e evidentemente de um homem que tivera educação superior quebrou-o bruscamente:

— Vejam! O nosso amigo California Joe!

O homem parado à porta voltou-se subitamente, como que atingido por uma punhalada; seus olhos fuzilaram. Depois, lentamente, apareceu na sua fisionomia carrancuda um sorriso, um riso que logo se transformou em franca gargalhada, brutal, ecoando, alta, no silêncio.

— Smiley Brock!

— Sempre o mesmo ar de tempestade em seco, hein, Joe?

O outro pareceu não perceber o que Smiley quisera dizer a princípio. Depois a sua percepção lenta agiu e ele soltou nova risada:

— Não se pode negar que tenha efeito sobre esses imbecis — disse designando os outros ocupantes do bar. Não eram muitos, pois a maioria aproveitara a distração do gigante para desaparecer rapidamente.

Smiley aproximou-se e apertou a mão do gigante:

— Toque aqui, Joe! Eu sempre admiro a sua coragem!

— Minha coragem?



— Sim. Aparecer aqui quando sabia muito bem que eu o estava esperando para prendê-lo.

Novamente o gigante riu com vontade:

— Prender?

A idéia parecia muito cômica. Mas, de certo modo, Larson percebeu que ele estava interiormente muito sério, que viera esperando uma luta e estava pronto para ela.

Ninguém vai me prender.

Smiley não perdeu a calma. Falavam, imóveis, como se estivesse armando um bote.

— Você não sai daqui, Joe.

O gigante moveu-se pela primeira vez.

— Você deveria ter trazido seus homens, Smiley. Sozinho você não me agarra.

A moça correu para um canto e ficou agachada, esperando.

— Não podia trazer meus homens porque não sabia se você viria. Nem esperava que você tivesse essa audácia...

Larson sentiu que ia acontecer alguma coisa de terrível, mas não poderia mover-se nem que o quisesse. Aquela atmosfera o estonteava e ele via tudo o que se passava através de um nevoeiro, sentia-se longe e sobretudo sem controle dos seus músculos. Parecia estar deitado num

ma cama, com febre, e os acontecimentos tinham a aparência de um delírio.

— Smiley, não adianta você tentar. Se você quiser me prender mate-o.

Smiley não disse mais uma palavra; como um gato, com uma presteza e uma agilidade incríveis, pulou. Em breve viase o leão, rugindo, que era o gigante, lutando com um gato, felino e ágil, que se agarrava a ele com mãos de ferro. Larson viu brilhar duas facas. De repente um estertor, depois silêncio. O gigante fugira pela noite a dentro, e Smiley caíra, ferido, no chão.

Larson correu para ele, com um esforço.

— Não fique aí... Corra... Polícia...

O homem caiu de bruços. Larson olhou em torno. A moça desaparecera, com os últimos ocupantes do bar, na hora da luta. O nevoeiro entrava pela porta escancarada do bar. Do cais vinha o murmúrio dos marinheiros.

— Nossa Senhora, Larson, como é que você tem a coragem de me contar uma história dessas, a essa hora. Não vê que eu não vou poder dormir esta noite?

A moça estremeceu e fez uma careta depois, como que para tirar o ar de seriedade de suas palavras.

Larson sentia-se, como que noutro mundo. Aquêlo salão tão iluminado, aquela gente dançando alegremente, despreocupadamente, contrastavam tão fortemente com o ambiente onde se passara a história!

— Sir Montagu!

Um cavalheiro alto, de ar distinto, que ia passando, parou e veio cumprimentar a moça.

— Miss Linton, como está?

— Admiravelmente, como sempre. Quero apresentá-lo aqui ao meu amigo Larson Breit, que anda me contando umas histórias de pôr cabelos em pé...

Sir Montagu riu:

— Confesso que nunca na minha vida vi alguém de cabelos em pé. E entretanto durante a guerra enfrentei a morte acompanhado de muitos soldados, várias vezes.

— Sim Montagu é um homem muito famoso, Larson. Você deve conhecê-lo de nome. Foi soldado durante a guerra e chegou ao posto de coronel. Hoje é um dos nossos grandes atores...

— Um ator muito pouco conhecido.

— Como só poderia ser. Um ator de classe, que não condescende em lisonjejar o mau gosto do público.

Sir Montagu inclinou-se:

— Sempre encantadoramente insincera!

— Sempre insinceramente modesto!

Sir Montagu inclinou-se:

— Touché! Entrego-me à sua misericórdia. De fato, sou vergonhosamente vaidoso a respeito de minha arte. E agora vai me dar licença. Vejo que a duquesa está impaciente. Deixei-a para buscar-lhe um copo de ponche, e esqueci-me completamente.

— Não se prenda por minha causa, Sir Montagu inclinou-se, afastando-se.

— Continue; não acabou a história Larson. Que aconteceu depois?

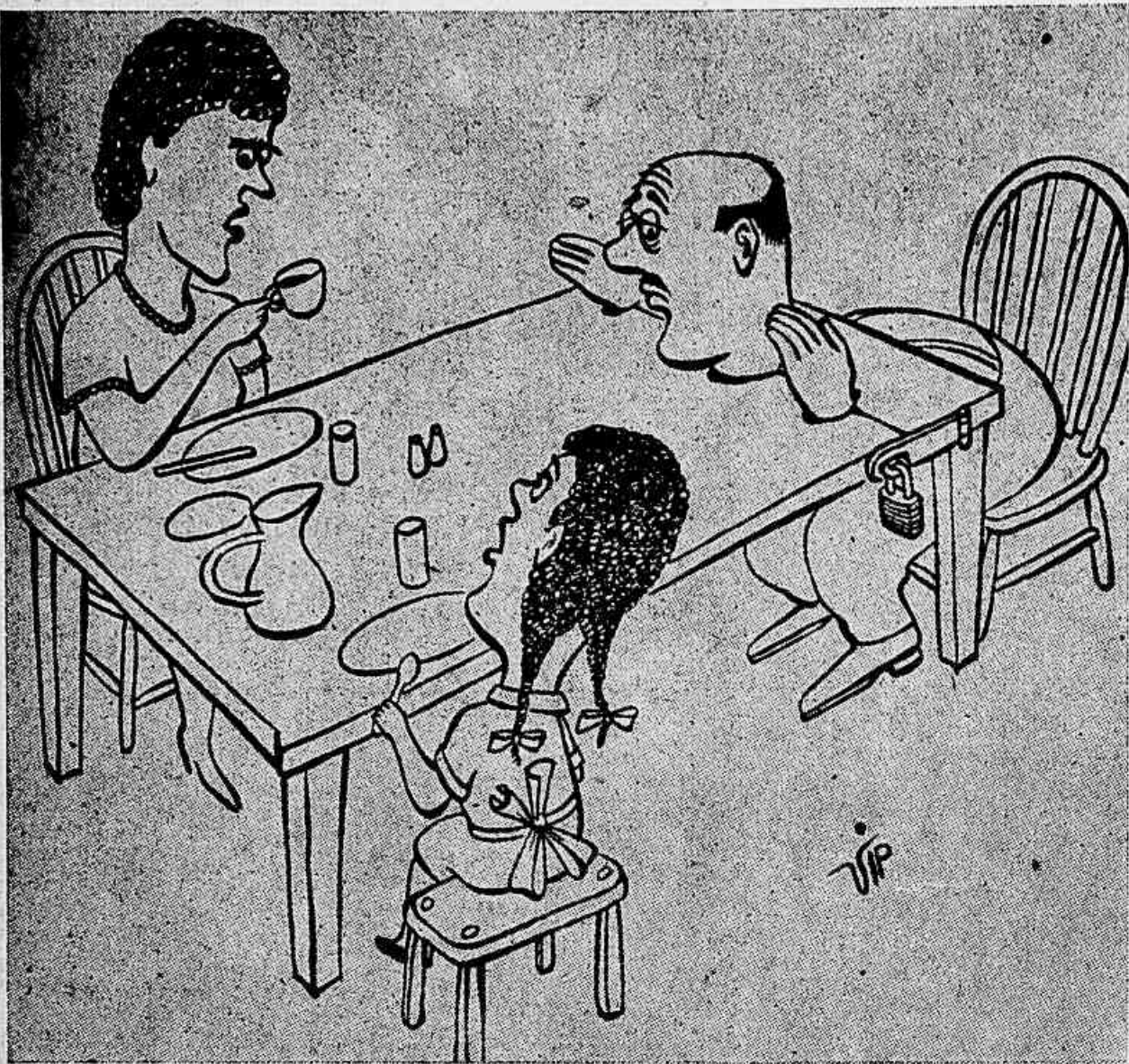
— Chamei a polícia, mas já era tarde. O homem estava morto.

— E não descobriram o paradeiro do California Joe?

(CONTINUA NA PAG. 57)

NEVOEIRO

(Adaptação de uma novela de E. PHILIPS OPPENHEIM)



— Mamãe, será que papai piorou outra vez?

DE BOM HUMOR



— Não vê que o Miguel viaja diariamente de avião para São Paulo...



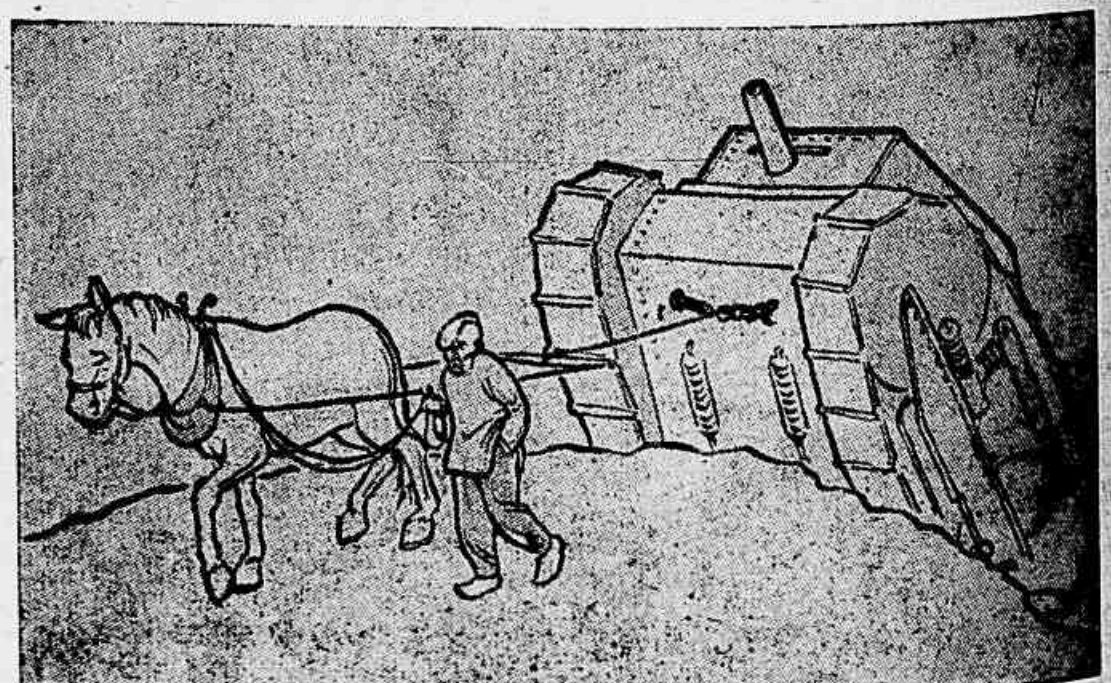
— Barbosa, QUER FAZER O FAVOR DE GUARDAR ESSE JORNAL?



— Está vendo, José? Foi isto que a agência de empregadas mandou...



— Complicadinho, não acha?



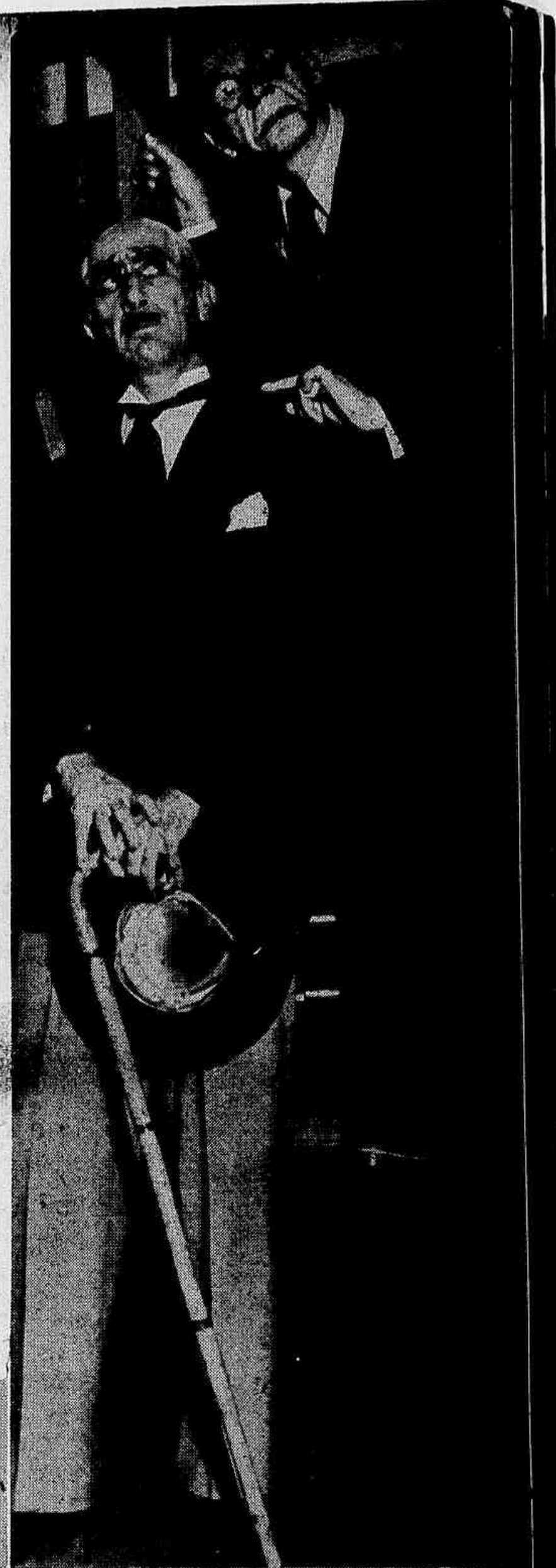


A liberdade de crítica não se restringiu à imprensa, mas fez pé firme também no palco de revista. Agora mesmo estão sendo apresentadas à platéia carioca duas peças desse gênero, ambas focalizando assuntos políticos em grande escala, e nas quais aparecem proeminentes figuras do cenário nacional, e também do internacional. Damos nestas páginas os tipos principais da revista sátira de Geysa Boscoli e Luiz Peixoto "Bonde da Leite". Os acontecimentos de maior projeção nestes últimos tempos ali estão comentados com acentuado bom humor. E o público regala-se de aplaudir as caracterizações dos artistas.

À esquerda, Getúlio Vargas na composição da atriz Dercy Gonçalves, cujo "travesti" constitui um dos hilariantes momentos da revista. Em cena aberta esse personagem profere eloquente discurso dando, ele mesmo, às multidões, a "deixa" para os aplausos: "— Jáááá!!!". De fato Dercy Gonçalves está engraçada e merece os aplausos do público.

À direita: Arthur Bernardes e José Americo procuram seus lugares no bonde com destino ao Cruzeiro, via "E. Novo". O primeiro parece pouco disposto a entrar, enquanto o segundo, já no estribo, insiste no convite. Esses tipos são feitos, respectivamente, pelos atores Humberto Catalano e Otavio França.

Em baixo: Ela parece dizer: "Entre les deux..." Ela é a Democracia, interpretada pela atriz Hortensia Santos. De um lado, Getúlio (Manuel Vieira) põe a mão no coração e diz-lhe: "Sempre estive contigo, minha nêga!". Do outro, o Brigadeiro (Bandeira de Melo) dobra o joelho e, em largo estilo, afirma defender a Democracia em terra, mar — e ar...



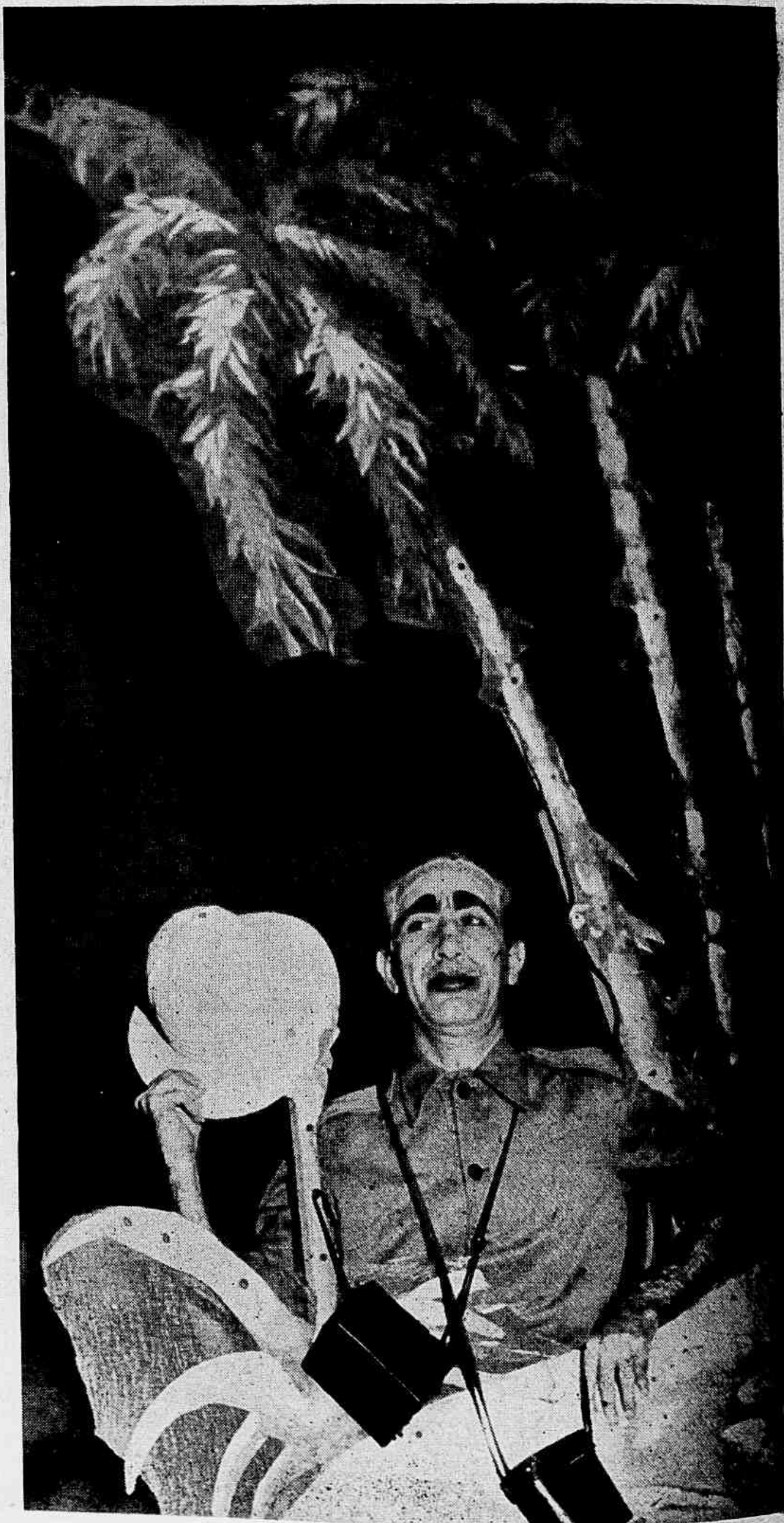
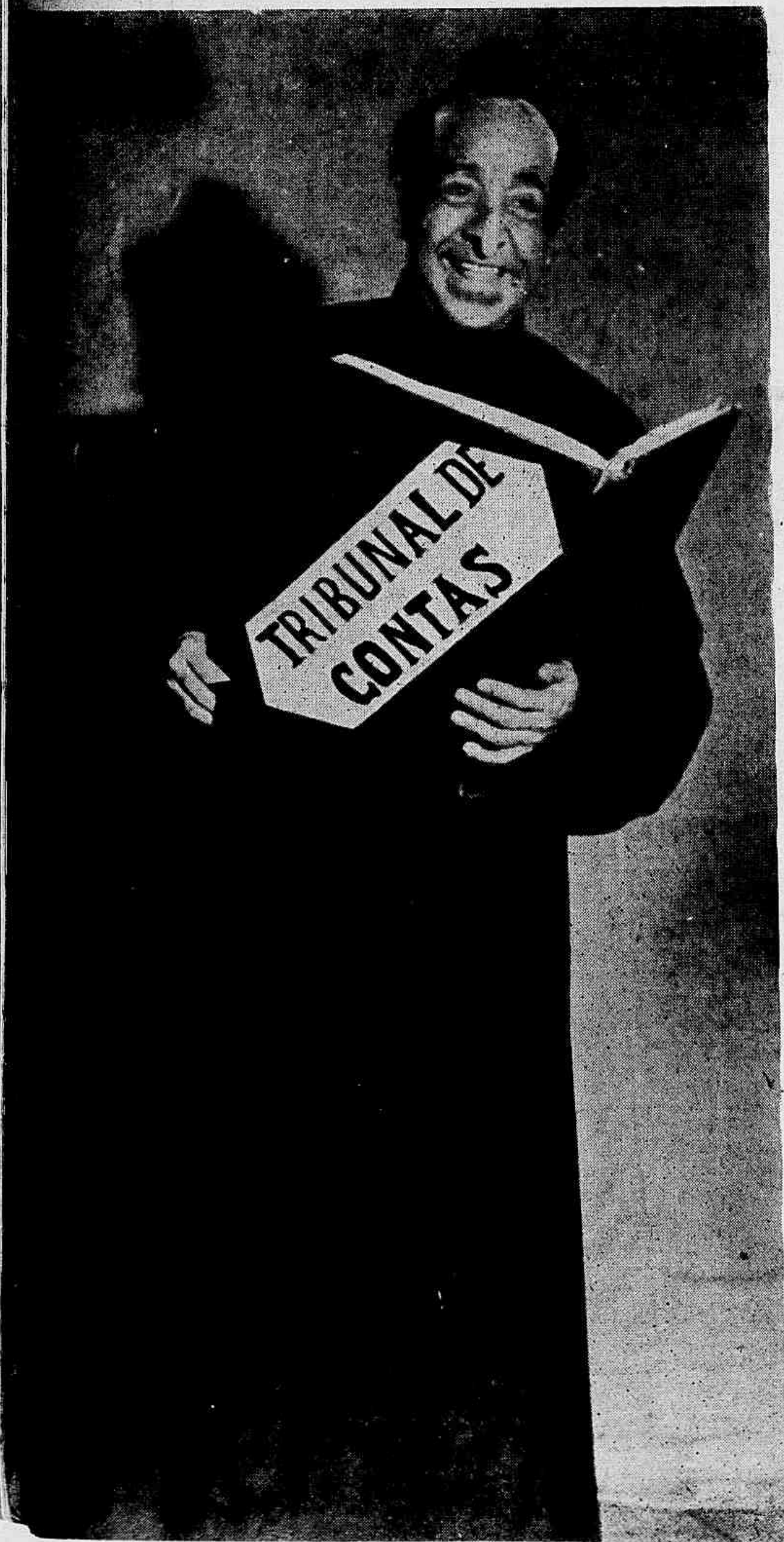
A "CHARGE" POLITICA NO TEATRO

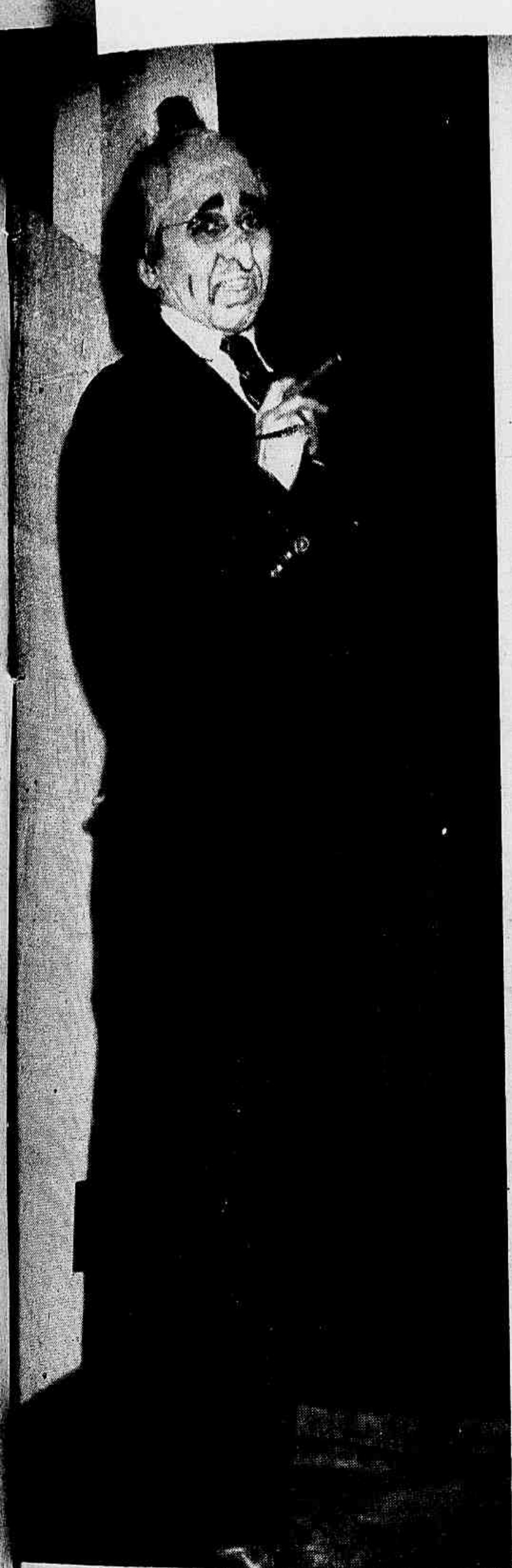




Hitler, feito pelo ator Paulo Celestino, parece ter sido enterrado vivo, de muletas e tudo. O entêro do façanhudo herói nazista provoca hilaridade, e os aplausos chovem no recinto do velho teatro Recreio. Hitler mostra-se nas últimas, a roupa em tiras, o moral em frangalhos... Tipo acabado do gato-morto...

A esquerda: O cônego Olimpio, na composição do ator Manuel Rocha, outro personagem cuja aparição em cena provoca muitos aplausos. Ele está sorridente e amável, na certeza de ficar muito bem com quem ficar melhor... E não se preocupa com o resto. No fim dá certo. Por isso é melhor rir! À direita: — João Alberto (Humberto Catalano), desvendando os rincões brasileiros, descansa sob o coqueiro amigo enquanto se prepara para dar nova investida nos Chavantes. Para eles vai levar as coisas mais gostosas do Rio: o Carnaval, a multa, o samba, e até as novelas pelo rádio...





A esquerda: — Dois são os intérpretes de Getúlio Vargas na revista "Bonde da Látex". Aqui está Dery Gonçalves na "travessia" do Presidente. O inseparável sorriso entre os dedos, o sorriso maneiro e o olhar de relance, na atitude clássica de quem está convencido de haver nascido para ser o tal... A direita: — Este é o outro Getúlio — feito pelo ator Manuel Vieira. Aqui o vemos na função de motoneiro do bonde rumo ao Catete, via "E. Novo". É ele quem toca o bonde, no qual viajam os políticos de maior evidência, do pro e do contra. Um detalhe importante: o veículo tem o número 177.

A esquerda: — Getúlio diz uma palavrinha ao ouvido de Stalin. E, pelos modos, Stalin ficou animado... Que teria sido? (Stalin: ator Manuel Rocha). Ao centro: — o Brigadeiro que tomar a vez de Getúlio na direção do bonde, mas ordena, primeiro, que este desça para poder subir. A direita: — o condutor Agamenon (J. Maia), discute com o gaúcho Flôres Ramos Junior) sobre a demora na saída do bonde...



Ultimamente os cães eram empregados em Londres para descobrir as vítimas das bombas aéreas, soterradas sob os escombros dos edifícios demolidos.

Por HULDINE V. BEAMISH
(Copyright do B. N. S., especial
para a REVISTA DA SEMANA)

EMBORA a guerra seja um mal, muitas vezes as condições que dela resultam produzem ou aumentam o potencial dos recursos de um país, de muitas formas inesperadas.

O treinamento de cachorros para servir às forças armadas, forma entre os recursos menores do potencial de guerra de um país.

Durante a guerra passada foram treinados cachorros na Grã Bretanha para servirem ao exército e à Cruz Vermelha; mas embora tenham dado resultados satisfatórios, as autoridades não continuaram este treinamento como uma organização oficial permanente. Felizmente um reduzido número de treinadores continuou o seu trabalho em caráter particular. No início da guerra, no entanto, todos reconheceram o valor do cachorro na guerra e iniciou-se um treinamento intensivo.

Nos primeiros dias era necessário treinar o maior número de cães o mais depressa possível. As fábricas de material bélico e os aeródromos espalhavam-se por todo o país, assim como depósitos secretos e centros de pesquisas, cuja proteção tinha que ser garantida a qualquer

Este cachorro "airedale" foi especialmente treinado para prestar serviços à Cruz Vermelha.

OS CÃES EM SERVIÇO DE GUERRA



Na fotografia vemos um belo exemplar canino empregado pelas forças armadas nos serviços de patrulha.

prego. Também naquela época a possibilidade de uma invasão pelos ares ou pelo mar constituía séria ameaça.

As autoridades imediatamente lançaram um apelo ao povo para que emprestasse os seus cães ao governo. Muitas pessoas que se viam numa situação deveras difícil para alimentar seus cães, receberam o apelo com o maior entusiasmo, pois, assim, não só resolviam o seu problema como contribuíam para a proteção do país.

Os treinadores foram logo convocados, e iniciou-se o movimento.

Por diversas razões não posso fornecer os pormenores da organização, mas posso adiantar que os cães foram empregados nos aeródromos, acampamentos, fábricas e depósitos secretos, e demonstraram, em várias ocasiões, a sua eficiência. Foram especialmente treinados para os serviços de guarda e de patrulha. Nenhum sentinela é capaz de seguir ou atirar contra um suspeito quando a noite está tão escura que não lhe permite ver, mas ninguém consegue escapar à vigilância de um cão de fila.

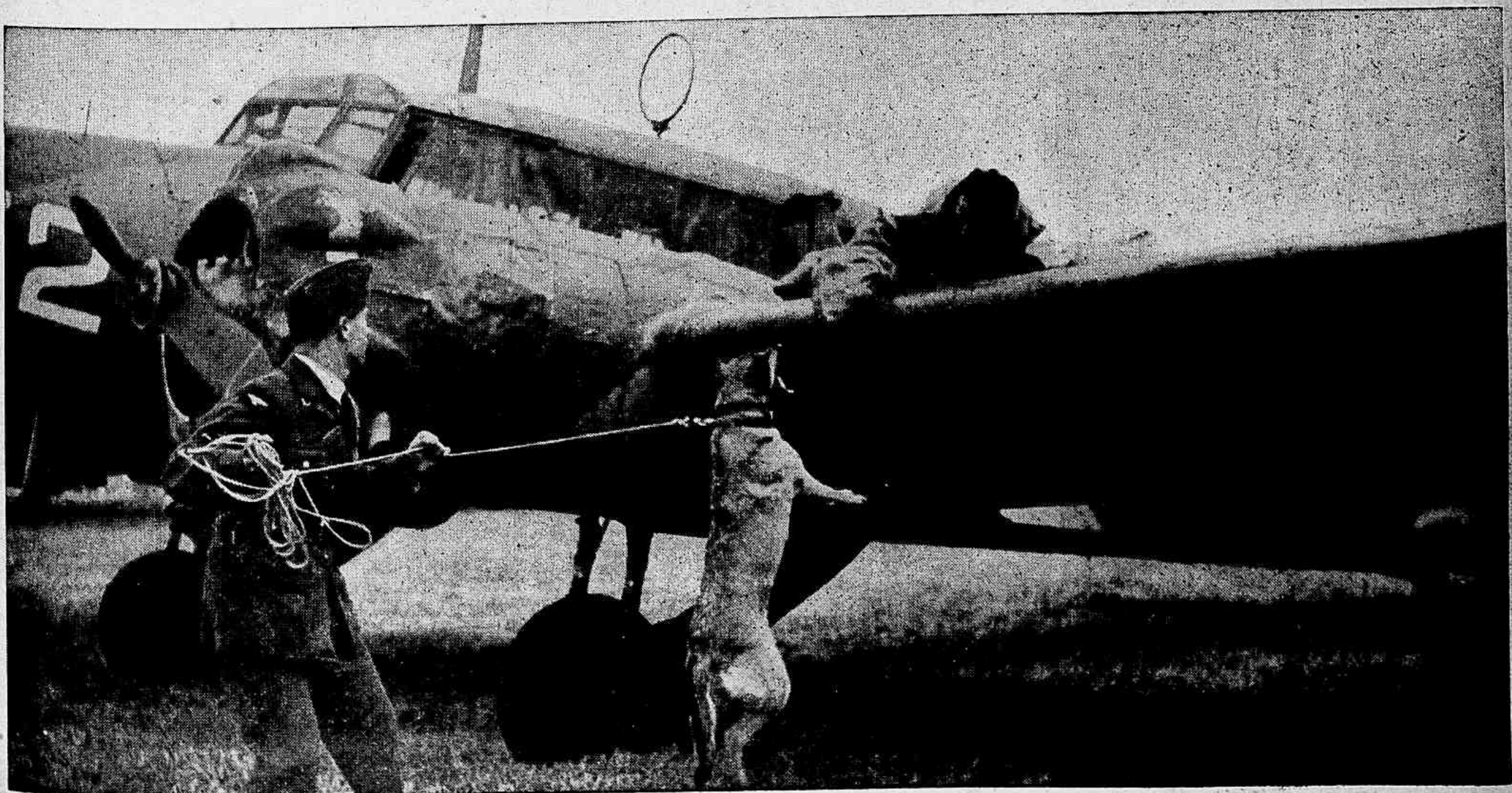
Ultimamente os cães foram empregados em Londres para descobrir as vítimas das bombas voadoras, muitas vezes soterradas sob os escombros dos edifícios demolidos, mas ainda com vida. Muitas vezes têm sido salvas com o auxílio destes valiosos colaboradores do exército.

Assim que os Estados Unidos entraram na guerra, as autoridades militares, seguindo o exemplo da Grã Bretanha, organizaram imediatamente o serviço de treinamento de cães.

A medida que os exércitos aliados avançavam na Europa, os contingentes caninos que os acompanhavam desempenhavam a sua missão com a maior eficiência.

Os ingleses, com o seu amor pelos animais, e especialmente pelos cães, esperam que agora, após a guerra, as forças armadas e policiais possam contar com um serviço dessa natureza de caráter permanente.

Um cão "policial" dá uma mostra da sua agressividade.





CONSELHEIRO SÁ E ALBUQUERQUE

LOPES NETTO

FELIPE LOPES NETTO nasceu em Pernambuco de 1814. Na idade de escolher estudos maiores, já creado o Curso Juridico de Olinda, o moço pernambucano foi estudar Direito na Universidade de Pisa, onde quase pela certa o unico academico brasileiro.

De regresso a Pernambuco advogou, envolvendo-se na politica partidaria, nela liberal por fim exaltado, par-

de vez deixando-se de politica. Representou-nos em La Paz, Montevideu, Washington e Santiago.

Do que vio, sentio e ouvio em terras americanas, a não ser em secos papeis officiais, Lopes Netto não legou memoria. Pouco publicou, limitando-se a reunir algumas de suas orações parlamentares e a dar à estampa um relatorio.

Proveio este da incumbencia dada por Nabuco, ministro da Justiça, desejoso de estabelecer colonias penais agricolas. Lopes Netto visitou penitenciarias inglesas e belgas, consultando especialistas em materia criminal para concluir pela inexequibilidade das colonias penais sonhadas por Nabuco.

Nem sequer em Fernando de Noronha a ideia é praticavel, declarava Lopes Netto. A ilha solta em pleno oceano era, no sentir do seu ex-morador, o ponto estrategico mais importante do Brasil, no caso de desembarque toda a população insular a ajudal-o.

Nabuco continuaria a achar viavel a ideia das colonias penais agricolas, lembrando que "nos carceres a perversidade aumenta pelo contacto de outros instintos perversos."

Ministro na Bolivia, Lopes Netto celebraria com este país discutido tratado de limites revivido na Questão do Acre e sujeito à pena revisora de Rio Branco no tratado de Petropolis.

Outro serviço, este indiscutivel, prestar-nos-ia Lopes Netto na própria Bolivia estancando auxilio militar a Solano Lopez, afinal em fuga e desespero na Campanha das Cordilheiras.

Era Lopes Netto um espirito esclarecido e para espiritos de tal qualidade Roma torna-se um sitio de eleição, alem disto Lopes Netto afeiçoado à Italia como provou da juventude à velhice quando já bem longe de ter sido advogado, parlamentar e o revolucionario duramente epitetado por Borges da Fonseca nas colunas do *Republico*.

Ministro do Brasil em Roma, nesta cidade, em 1888, Lopes Netto terminava vida ativa na diplomacia, após pouco mais de vintenio de funções.

Passou Lopes Netto para o quadro da disponibi-

Os bachareis de 1842 tinham tambem por original condiscipulo um terceiro anista chamado Oxalá, que, rixento, aggressivo, em nada correspondia aos bons desejos expressos pela interjeição de raiz etimologica arabica.

Alistado na politica, Sá e Albuquerque foi presidente de provincia, e outrora as nossas presidencias regionais, sobretudo bem exercidas, conduziam a promoções quais a de deputado geral, de ministro, de senador.

Para experiencia administrativa, Sá e Albuquerque governou a Paraíba, depois Alagoas e mais tarde presidiria o Pará e a Bahia. Da administração de provincias menores é que se ia á de maiores.

Em 1861 estava Sá e Albuquerque na Camara dos Deputados quando Caxias organizava ministerio do seu partido, o conservador.

Todos os ministros do 2 de Março, salvo Caxias senador, eram deputados, dois deles liberais, Sá e Albuquerque e Saraiva.

Na distribuição de pastas pelo Marquês organizador de gabinete, coube efetivamente a Sá e Albuquerque a importante pasta dos Estrangeiros. Escolha honrosa, já pela importancia da pasta, já pelo aprego de Caxias pelo nomeado, no exercito e na politica o Marquês conhecido como tendo dedo para escolha de auxiliares, o ser dele constitua recomendação de peso.

No Senado, Caxias havia de dizer no singular como ele e seus colegas de ministerio deviam agir no governo: "Entendo que presentemente o país quer, sobretudo, a rigorosa observância da Constituição e das leis, e a mais severa e discreta economia dos dinheiros publicos." E acrescentava Caxias: "Os atos, senhores, devem valer mais do que as palavras, e peço a todos que nos julguem pelos atos." Palavras de 1861.

Com a retirada do ministerio 2 de Março, Sá e Albuquerque continuou ministro, da Agricultura, no gabinete Zacarias de 24 de Maio de 1862.

Formador de gabinete, o de 3 do Agosto de 1866, Zacarias apelaria para Sá e Albuquerque, de novo ministro dos Estrangeiros.

No exercicio de cargo teria Sá e Albuquerque de atender sobretudo a duas guerras, uma de alheios, a

ESCRAGNOLLE DORIA

FIGURAS BRASILEIRAS

ticipa da Revolta Praieira. Vencida esta, Lopes Netto achou-se condenado a pena cumprida em Fernando de Noronha, prisão ao meio ar livre, de semi-liberdade, à guarda da qual o Atlantico nada favoravel a evasões.

Em Fernando teve Lopes Netto assás tempo para meditar sobre os inconvenientes de interromper auspiciosa carreira politica. De 1843 a 1848 representara a sua provincia na Camara dos Deputados, na qual Pernambuco caprichava em manter bancada de lustre.

Beneficiado por uma das anistias de verdade do Imperio, em 1866 entrou Lopes Netto para a diplomacia,

lidade diplomatica e tambem para o quadro suplementar da vida, a ancianidade. Em premio de serviços, o governo imperial honrou a retirada de Lopes Netto distinguindo-o com o titulo de barão, barão de seu nome.

Lopes Netto mudou-se para Pisa, uma dessas outrora calmas cidades europeias propicias aos que viviam mais de lembranças que de dias presentes; Pisa de memorias como as conservadas na casa natal de Galileu.

Na cidade pisana é o seu Campo Santo de celebridade universal por museu de pintura, de escultura, em côres e marmores apagando o que na ideia da Morte possa pungir demais.

Necropole desde o século XIII, o Campo Santo de Pisa enterra verdadeiramente em sagrado. Fundou o cemiterio um arcebispo pisano, Lanfranchi. Mandou vir, de transporte por uns cincoenta navios, terra colhida no Calvario.

Pensando na morte, Lopes Netto simplificou a consumição de seus restos mortais. Testou, pedindo a incineração de seu corpo, assim talvez o primeiro brasileiro a tomar resolução crematoria.

Falecido Lopes Netto, em Novembro de 1895, foi cumprida ultima vontade. A terra bem sagrada do Campo Santo de Pisa para desfazer contou um morto a menos.

SA' E ALBUQUERQUE

No maior teatro da vida nacional no Imperio e sua politica, houve personagens sempre em boca de cena por continuamente presentes à memoria publica como homens de governo, um Paraná, um Paranhos, um Zacarias.

Estes e outros do mesmo quilate arregimentaram distintos correligionarios em dous grandes partidos, o liberal datando de 1831, o conservador de 1837.

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque militou com brilho.

Pernambuco antigo foi terra de engenhos. No engenho Guararapes nasceu Sá e Albuquerque no Brasil quase Reino.

Diplomou Albuquerque o Curso Juridico de Olinda em 1842, em turma academica pequena na qual um estudante paraense ostentava extenso nome, sobrenome e apelidos, Antonio Felix Alvellos Góes de Britto Inglez

da Espanha e do Perú, outra guerra nossa, a do Paraguai. A primeira dessas lutas suscitaria exigencias e reclamações contra o Brasil por parte da Espanha, do Chile e do Perú, este a proclamar a justiça da causa de Solano Lopez, o liberticida oposito a Imperio democratico.

No responder a exigentes e reclamantes, Sá e Albuquerque sobrelevou-se como jurista em notas notaveis.

Estava a carreira politica do defensor a amadurecer para o Senado, meta suprema dos parlamentares do Imperio. Para eles figurar em lista senatorial e não ser escolhido era "ferida incuravel", a de José de Alencar, a de Pinto de Campos, por exemplo.

Na vaga de Paes Barreto, em 1864, houve cadeira a ter dono no Senado. Pronunciaram-se as urnas de Pernambuco mandando à corôa, em lista triplice, bem pernambucana, os nomes do Sá e Albuquerque, Nascimento Feitos e Saldanha Marinho.

Em cabeça de lista, Sá e Albuquerque foi escolhido. Tinha quarenta e tres anos e só aos quarenta se podia entrar para o Senado onde o novo senador ia encontrar dileto amigo, Olinda, na casa vitalicia desde 1837 no passe de magica da regencia Feijó.

Sá e Albuquerque era muito chegado a Olinda, intimo na casa do illustre comprovinciano, à rua do Lavradio. E a regencia una do Imperio exercida por Olinda lhe dava fóros de semi-majestade a presidir no Rio de Janeiro colonia pernambucana.

No Senado, de 1864 por diante, Sá e Albuquerque continuaria a ser o politico geitoso de maneiras cortezes de oratoria parlamentar comedida, mesmo nos momentos criticos da primeira questão militar entre Caxias e Zacarias representantes de classes diferentes.

Em 1867 a saude de Sá e Albuquerque periclitava, minada para a morte. Esta ainda deu ao ministro dos Estrangeiros o ensejo de apôr sêlo grande à sua vida politica em continua ascensão.

Um decreto de 1866, referendado por Sá e Albuquerque, declarou, desde 7 de Setembro de 1867, à navegação mercante de todas as nações abertas as aguas do Rio Negro até Manáos, as do Tocantins até Cametá, as do São Francisco até Penedo, as do Tapajós até Santarem, as do Madeira até Borba, as do Amazonas até a fronteira do Brasil.

Quem ligou nome para todo sempre ao franquear de tão momentosos rios, o ministro Sá e Albuquerque, tomava a angustiada resolução de buscar a terra natal para ter nela previstos ultimos dias.

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque morria em Pernambuco, a 22 de Fevereiro de 1868.

BARÃO DE LOPES NETTO
Retrato de Pedro Américo

Ilustração de
MIGUEL H.



nada, em Berlim, a ata final da capitulação, cujas cláusulas entraram em vigor às 24 horas de 8 de maio.

Conhecendo as ações solertes dos alemães, que consideram os tratados e acordos como pedaços de papel sem valor, não tínhamos razões para acreditar em sua palavra. No entanto, desde a manhã de hoje as tropas alemãs, cumprindo a ata da capitulação, começaram a depor as armas e entregar-se a nossas tropas. Assim, não se trata de pedaços de papel. Trata-se da verdadeira capitulação das forças alemãs. E' certo que um grupo de forças alemãs na zona da Tchecoslováquia desconhece ainda a capitulação. Mas confio em que o Exército Vermelho levá-los-á a raciocinar.

Possuímos agora razões para declarar que chegou o histórico dia da derrota final da Alemanha, dia da Grande Vitória de nosso povo sobre o imperialismo alemão. Não foram em vão os grandes sacrifi-

cios para a vitória e a independência da pátria, os sofrimentos de nosso país no curso da guerra e o intenso trabalho, tanto na retaguarda como na frente de combate. Foram coroados pela completa vitória sobre o inimigo.

A batalha dos povos eslavos pela sua existência e independência terminou com o triunfo sobre os invasores alemães e a tirania alemã. De agora em diante ondulará sobre a Europa a bandeira que nos é tão querida: a bandeira da vitória dos povos e da paz entre as nações.

Há três anos Hitler declarou publicamente que seus planos compreendiam o trucidamento da União Soviética e a anexação do Cáucaso, Ucrânia, Rússia Branca, Estados Bálticos e outros distritos russos. Hitler afirmou: "Destruiremos a Rússia de tal forma que jamais voltará a levantar-se". Isso foi há três anos, mas os alucinados cálculos de Hitler não estavam destinados a se realizar. No curso da guerra foram destruídos. Na verdade sucedeu totalmente o contrário das ameaças de Hitler. A Alemanha está totalmente destruída.

As tropas alemãs estão capitulando, a União Soviética saiu vitoriosa embora não vise aniquilar nem desmembrar a Alemanha.

Camaradas! A Grande Guerra Patriótica terminou com a nossa vitória. Terminou o período de guerra na Europa. Começou o período do desenvolvimento pacífico.

Glória ao nosso heróico Exército Vermelho que defendeu a Independência de nossa pátria e conquistou a Vitória sobre o inimigo.

Glória ao nosso povo vitorioso.

Glória eterna aos heróis que tombaram na luta contra o inimigo, dando suas vidas pela liberdade e a felicidade de nossa pátria."

UM DOCUMENTO QUE FICA NA HISTÓRIA DA MAIOR GUERRA DE TODOS OS TEMPOS: A PA- LAVRA DE ORDEM DO MARECHAL STALIN

O marechal Stalin dirigiu ao povo da União Soviética o seguinte discurso anunciando o fim da guerra na Europa:

"Camaradas, compatriotas, homens e mulheres:

Chegou o dia da grande vitória sobre a Alemanha. A Alemanha fascista foi posta de joelhos pelo Exército Vermelho e pelas tropas

de nossos aliados, reconheceu sua derrota e declarou a rendição incondicional.

No dia sete de maio a ata preliminar da capitulação foi assinada em Reims. No dia oito de maio, na presença de membros do Alto Comando russo e na presença de representantes do Supremo Comando das Forças Aliadas, foi assi-

GLORIA ETERNA AOS HEROIS





A NOVA CARMEN

O maior elemento de atração de Carmen Miranda, para as platéias americanas do norte, é justamente aquele que mais a tem prejudicado junto ao nosso público: sua maneira de vestir. O que para nós constitui um motivo de censura — aquela sua exuberante roupagem, aquela preocupação de ficar mais alta, aqueles "carros alegóricos" à cabeça — é justamente o que maior soma de aplausos provoca nos cinemas dos Estados Unidos, da Inglaterra e, com certeza, em outros lugares.

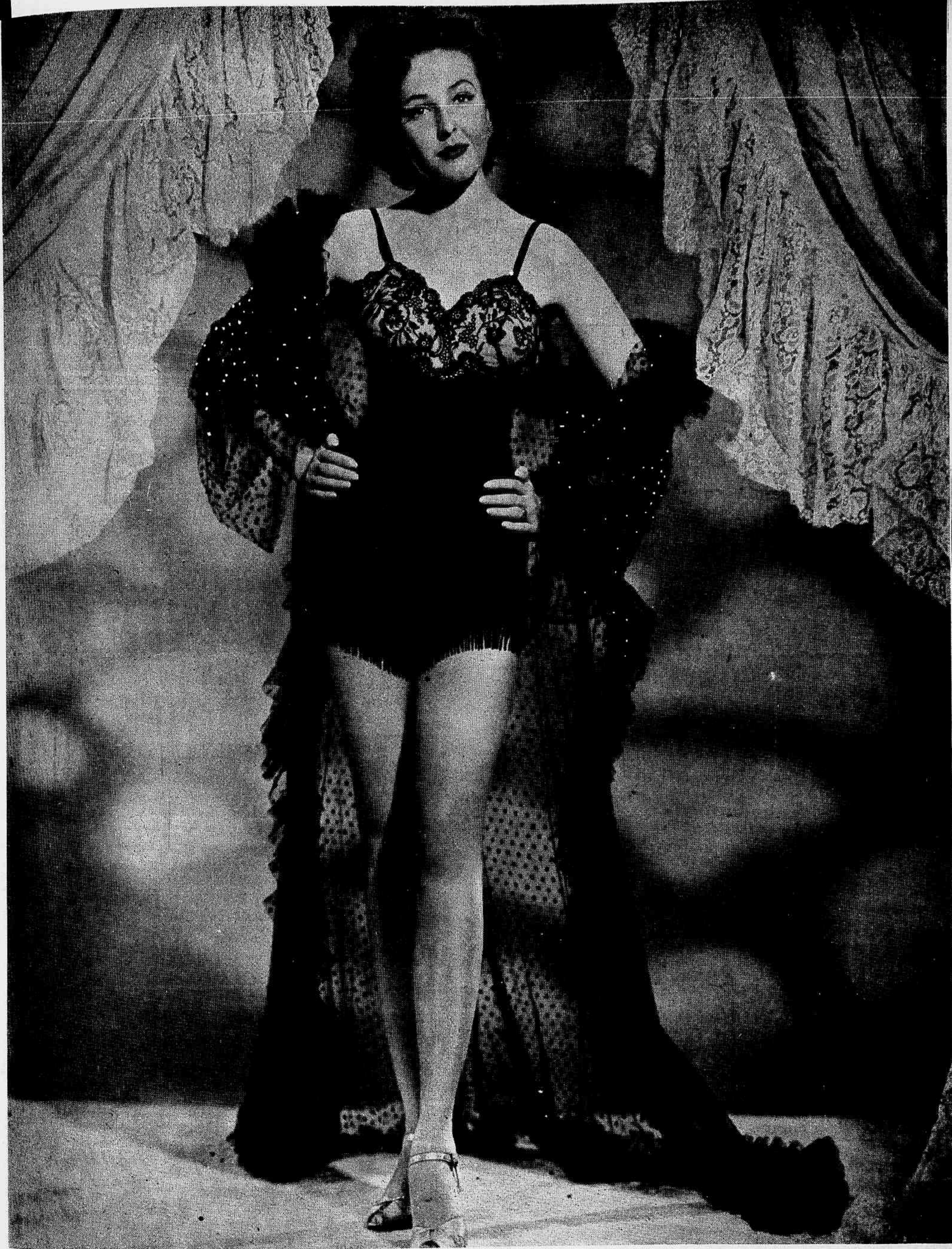
Sempre que nos anunciam "uma nova Carmen" no filme seguinte, vamos assisti-lo com a esperança de ser realmente nova a atriz que nos mostram, senão na idade — o que seria absurdo admitir — ao menos no modo por que se apresenta ou no papel que vai representar. Mas as esperanças vão se dissipando à medida que o filme desliza no "écran". E quando os últimos metros do celulóide se projetaram, estamos com os últimos remanescentes de esperança diluídos também.

Aí está porque estas novas pôses de Carmen são recebidas com a nossa mais visível simpatia. A nossa e a do público. Ninguém vai exigir da sempre lembrada intérprete do "Taboleiro da Baiana" que apareça nos filmes vestindo longas túnicas, "bancando" a vestal e moderada nos gestos, nas atitudes, em tudo, enfim. Que se vista à vontade, que dê trabalho às mãos e as movimente à grande; mas que também apareça na tela servindo de modelo, vestindo uma "toilette" capaz de ser copiada por uma elegante carioca...

As quatro pôses de Carmen Miranda reunidas nesta página, chegam-nos no momento exato em que mais se pode esperar uma nova Carmen, uma pequena de reais predicados, e não uma eterna espalhafatosa. Lupe Velez era também "internal". A exemplo de Carmen, vestia-se com aparato, e toda ela, a artista, era o símbolo do alvoroço, da trepidação e da malícia. Mas quando se exigia de Lupe Velez uma "performance" da importância de "Ressurreição", a atriz mexicana dava conta do recado — e de que maneira! Nossos amigos de Hollywood precisam voltar melhor suas atenções para a "estrela" sul-americana. Experimentem fazer de Carmen, não um "caminhão de verduras ambulante", não apenas a baiana dos balangandans, mais alguma coisa que a outra, a barulhenta, a que vai "resolver uma parada" com a noiva do seu "flirt" — mas uma artista na verdadeira expressão da palavra.

E acreditamos que a "Pequena Notável" pode corresponder a esses nossos desejos, mesmo porque, do contrário, ela continuará sendo apenas um malôgro artístico.





LARAINÉ DAY (RKO-Radio)

A intimidade, essa coisa tão amena e tão cômoda, é no entanto um arriscadíssimo problema, que todos nós devemos enfrentar com um tato e um cuidado absolutamente femininos. Ser íntimo não implica em ser descortez. Ser íntimo não obriga à indiscrição para consigo mesmo. Todos nós temos, indubitavelmente, um recanto sagrado em nossa alma, um recesso qualquer em nosso "eu" que, mesmo os mais íntimos, devem respeitar. O fato de ser íntimo de alguém, de haver intimidade entre duas criaturas, não faculte a incorreção na maneira de tratar, a impontualidade num encontro marcado, o assalto aos segredos, o desrespeito à personalidade e aos hábitos de cada um.

Ser íntimo não implica em parecer desleixado; ser íntimo não implica em ser prosaico.

A intimidade não deve excluir o respeito mútuo, as mútuas atenções. Por ser íntimo de alguém não se deve estar exposto a vê-lo em qualquer atitude ou em qualquer traje sumário. Muito ao contrário: é na intimidade que melhor se evidencia o desejo de agradar, a elegância natural de cada um. A intimidade é pedra de toque na verdadeira, na legítima educação de cada qual. A troca de atenções entre os íntimos, a gentileza para com os parentes, delicadeza cultivada no próprio lar, espalha uma fragrância de paz e de felicidade, um perfume de harmonia, na casa onde floresça a intimidade a par da boa educação.

Jesy Barbosa

mod. bastidores femininos

O SOLDADINHO de CHUMBO

NESSA noite, como a febre da influenza me impedisse de dormir, ouvi muito distintamente três pancadas no vidro de uma vitrina que fica junto à minha cama e onde vivem misturadas figurinhas de porcelana de Saxe ou de "biscuit" de Sèvres, estatuetas de terracota de Tânagra ou de Mirina, pequenos bronzes da Renascença, chávenas da China, caixas de verniz Martin, bandejas de laca, cofres de esmalte; enfim, mil ninharias que eu aprecio pelo acabamento do trabalho ou pela beleza do material. As pancadas eram leves mas perfeitamente distintas, e eu reconheci, à clareza da lamparina, que era um soldadinho de chumbo, instalado no móvel, que tentava se libertar. Conseguiu-o e, em breve, sob seu punho, a porta de vidro abriu-se inteiramente. Para falar verdade, não me surpreendi mais do que era natural. Esse soldadinho sempre me pareceu um péssimo indivíduo. E nestes dois anos que decorreram depois que o recebi da senhora G. M... tenho estado a esperar da parte dele todas as impertinências. Traja o dólman branco agalado de azul: é um guarda francês, e sabemos que esse regimento não se distinguia absolutamente pela disciplina.

— Olá! gritei, **La Fleur, Brindamour, La Tulipe!** não poderia fazer menos barulho e deixar que eu descanse em paz, porque estou muito indisposto?

O insolente respondeu-me resmungando:

— Assim como o senhor está vendo, burguês, faz cem anos que tomei a Bastilha, depois do que esvaziamos muitas canecas de bebida. Não creio que restem muitos soldados de chumbo tão velhos quanto eu. Boa noite, vou à parada.

— **La Tulipe**, respondi severamente,

seu regimento foi extinto por ordem de Luiz XVI a 31 de agosto de 1789. Você não deve ir mais a nenhuma parada. Fique nessa vitrina.

La Tulipe torceu os olhos e, olhando-me de esguelha, com desprezo:

— Mas então, disse, o senhor não sabe que todos os anos, à noite de trinta e um de dezembro, enquanto as crianças dormem, a grande parada dos soldados de chumbo desfila sobre os telhados, entre chaminés que fumegam alegremente, e onde ainda se desprende a última cinza da lenha de Natal? É a cavalcada de vairada, onde figuram os cavalinhos que não têm mais cabeça. As sombras de todos os soldados de chumbo que pereceram na guerra, passam, num turbilhão infernal. Tudo são tonetas torcidas e sabres quebrados. E as almas das brancas mortas, muito pálidas ao luar, olham nos passar.

Essa arenga deixou-me perplexo.

— Dessarte, **La Tulipe**, trata-se de um costume, de um costume pleno? Respeito infinitamente os costumes, os usos, as tradições, as lendas, as crendices populares. Chamamos isso de folclore e nos propomos a estudar o que muito nos diverte. **La Tulipe**, vejo com grande prazer que você é tradicionalista. Por outro lado, não sei como devo deixá-lo sair dessa vitrina.

— Deves, disse uma voz harmoniosa e pura, que eu ainda não conheci ser a da jovem mulher de Tânagra que, apertada no manto, mantinha-se de frente ao guarda francês que ela dominava com a majestade elegante de seu porte leve. Todos os costumes transmitidos pelos antepassados são igualmente respeitáveis. Nossos pais sabiam melhor do que nós o que é permitido e o que é proibido porque estavam mais perto dos deuses. Assim, convém observar esse gálata realizando os ritos guerreiros dos ancestrais. Em seu tempo eles

Conto de **ANATOLE FRANCE**
DESENHO DE JOSÉ ANTONIO

usavam, como êsse, um ridículo dólman azul, forrado de vermelho. Cobriam-se apenas com seus escudos. E metiam-nos muito medo. Eram bárbaros. Também tu és um gálata e um bárbaro. Debalde lêste os poetas e os historiadores, não sabes absolutamente o que é a beleza da vida. Não estavas na ágora, quando eu fiava a lâ de Mileto no pátio da casa, debaixo da amoreira antiga.

Esforcei-me em responder com circunspeção:

— Bela Pannychis, teu pequeno povo grego imaginou formas que alegram para sempre as almas e os olhos. Criou as artes e fundou as ciências. Pannychis, convem reconhecer que falaste acertadamente. Alva Pannychis, tu que fiavas a lâ de Mileto debaixo da amoreira antiga, não me terás feito ouvir inutilmente palavras criteriosas; aconselhado por ti, permito a **La Tulipe** ir a tôda parte aonde a tradição o chame.

Uma pequena bateadeira de manteiga de "biscuit" de Sèvres voltou então para mim olhares súplices.

— Senhor, não o deixe partir. Ele me prometeu casamento. E' o apaixonado das onze mil virgens. Se êle se afastar, não o tornarei mais a ver.

E, ocultando suas faces cheias no avental, ela chorou tôdas as lágrimas de seu coração.

Tranquilei-a o melhor que pude e convidei meu guarda francês a não se demorar, depois da parada, em alguma taberna. Ele prometeu-mo, desejei-lhe boa viagem. Mas não partia. Coisa estranha, permanecia tranquilo em sua prateleira, na mesma imobilidade dos bonecos que o rodeavam. Manifestei-lhe minha surpresa.

— Paciência, respondeu-me. Não poderei partir assim, debaixo de seus olhares, sem contrariar tôdas as leis da magia. Quando o senhor dormitar, será fácil para mim fugir num raio de luar, porque sou sutil. Mas não tenho pressa alguma e posso esperar mais uma hora ou duas. No momento o que temos de melhor a fazer é conversar. Quer que eu lhe conte uma história do tempo antigo? Sei mais de uma.

— Conte, disse Pannychis.

— Conte, disse a bateadeira de manteiga.

— Mas conte-a então, **La Tulipe**, disse eu por minha vez.

Ele sentou-se, puxou o cachimbo, serviu-se de um copo de vinho, e começou nestes termos:

— Faz noventa e nove anos, dia a dia, que eu estava em cima de um aparador com uma dúzia de companheiros que se pareciam comigo como irmãos, uns em estado bastante bom, outros mutilados na cabeça ou nos pés: eram os restos heróicos de uma caixa de soldados de chumbo, comprados no ano anterior na feira de São Germano. O quarto era forrado de seda azul pálido; um cravo...

Interrompi:

— **La Tulipe**, conheço esta história: é a de uma visita domiciliária durante o Terror. Ela não é para você; eu mesmo a contarei, e logo amanhã. Conte-nos uma história de guerra.

— Seja, respondeu **La Tulipe**. Dê-me de beber e eu vou narrar-lhe a batalha de Fontenoy, onde estive. Nós aí desbaratamos os ingleses. Também havia contra nós, nessa batalha, austríacos, holandeses e, se estou lembrado, alemães; mas êsses indivíduos não contam. A França só tem um inimigo, a Inglaterra. Chegamos ao campo de batalha. Desde o começo os louros, sob meus passos, erguiam-se da terra. Quando chegamos a cinquenta passos do inimigo, fizemos alto, e "milord" Charles Hay, capitão dos guardas ingleses, tirou seu chapéu e gritou para nós:



— "Senhores guardas franceses, atirem."

"Ao que nossos oficiais replicaram:

— "Senhores guardas ingleses, cabe-lhes a honra. Atirem primeiro. E êsse grito foi repetido por todo o regimento, e minha voz, mais forte que as outras, dominava-as. Só a minha era ouvida.

— Ficou célebre, disse eu. De onde lhe veio, **La Tulipe**, êsse impulso de generosidade sublime, que provocou a admiração da posteridade?

— De generosidade? exclamou **La Tulipe** rolando os olhos furibundos. Como está dizendo? Cidadão, será que me considera um papalvo? Olhe-me bem, pareço algum maricas?... Generosidade?... Não pense que eu seja um homem do tempo em que se amarrava o cachorro com linguça. Querá que eu lhe corte as orelhas? O senhor é um velhaco. Seria realmente bonito que um guarda francês cheio de anos de serviço

se mostrasse generoso para com os **Goddam**. Nós dizíamos aos ingleses que atirassem primeiro, porque de costume a primeira salva não causa muito dano àquele que a recebe. E' disparada ao acaso e sem os pontos de referência que a fumaça do inimigo proporciona. Então não sabe que nossos regulamentos nos proibem de sermos os primeiros a atirar? E' preciso que o senhor seja muito ignorante.

— Sei, contudo, **La Tulipe**, que essa primeira salva de Fontenoy foi, contrariamente às suas palavras, por demais mortífera.

La Tulipe concordou.

— E' verdade, ela o foi por causa da proximidade extraordinária em que os ingleses se encontravam dos franceses. Nossas primeiras fileiras foram ceifadas. Mas tínhamos agido nesse encontro como aprendêramos a fazer. A primeira virtude militar é a de obedecer ao regulamento. Mas ouça a continuação: essa batalha que teve um começo penoso continuou alegremente. Mataram-se muitos ingleses. O marechal de Saxe, montado num cavalo fogoso, conduzia nossas tropas ao combate.

Aí eu o interrompi:

— Julgava, disse-lhe, que o marechal de Saxe, muito doente, se fizesse carregar numa liteira.

(Continua na pág. 36)



Aqui está Dusty Anderson num belíssimo traje de inverno. A jaqueta e o casaco em duas tonalidades: cinza claro e cinza chumbo. A saia em tom cinza claro. O chapeuzinho e a bolsa em marron, e as luvas "gris perle" completam a harmonia d'este elegantíssimo conjunto. Jeff Donnel estende o seu olhar nostálgico para as regiões da saudade! A maia, elegantíssima, em crocodilo. O Vestido, branco-e-preto, adornado de pequenos botões; cinto e viezes negros; as luvas brancas; o chapéu branco, enfeitado de preto, que lhe empresta um arzinho de holandesa em férias. Tudo isso, tôda essa harmonia não consegue afastar de seus olhos a emoção da viagem que vai empreender.

A MODA VEM DE HOLLYWOOD

Observem a graciosidade dêste chapéu que Janis Carter apresenta. Poderá ser executado em feltro negro, com a pequenina barra em verde ou rosa pálido. O casaquinho, elegantíssimo, tem adornos em pérola, o que o torna de uma elegância bastante original.





Muita coisa acontece a bordo de um transatlântico... e acaba com a viagem...

ELA examinou mais uma vez a cabine, cuidadosamente, e depois saiu, fechando a porta atrás de si. A alegria dos passageiros era evidente. O navio já ia se aproximando do pôrto. Uma banda de música tocava o Hino Nacional, festivamente, no tombadilho, e todos esqueciam, por um momento, as desavenças que tinham assumido aspecto grave durante a longa viagem. Agora que a pátria estava próxima, que chegava o momento de despedir-se, todos se esforçavam por deixar uma boa impressão. Pelo menos um adeus cordial.

Ariadne subiu para o tombadilho e encostou-se na amurada, vendo aproximar-se o cais e ouvindo, como que muito ao longe, a conversa, o ruído que faziam a música, os passageiros, o navio.

— A senhorita sabe que está pisando no meu roupão?

A apresentação fôra assim, sem formalidades. Aliás, a bordo é permissível, mesmo para aqueles que observam mais rigorosamente a etiqueta, falar com estranhos. Porque, bem feitas tôdas as contas, não são estranhos: são membros de uma família reunida ao acaso num navio e que têm, forçosamente, que aceitar a intimidade de gente que desconhece, durante a viagem. Por que isolar-se?

— Desculpe.

— Não estou reclamando: estou afirmando um fato.

— E eu já fiz o possível para reparar a desatenção...

— Nesse caso estamos quites. Quer tomar qualquer coisa para comemorar a paz?

— Com prazer.

Ele chamou o garçon, que ouviu em silêncio as ordens e foi buscar os refrescos.

— A senhorita vai para a América?

— Vou. E o senhor?

— Também.

— Coincidência, não é?
Ligeira pausa. Finalmente ele disse:
— Escute, eu em geral não sou assim, sabe?

— Assim, como?

— Desajeitado.

— Em que sentido?

— Sem saber falar, dizer um galanteio.

— Pensa que tem obrigação de dizê-lo?

— Visto que estou pensando uma infinidade dêles...

— Prefiro a timidez.

— A viagem é curta...

— E o senhor tenciona aproveitá-la?

— Isso.

— Nesse caso deve procurar quem aprecie o "flirt"...

— Agora já sei!

— O que?

— Porque você me intimida.

— Já passei de senhorita para você?

— Descoberta a causa, está passado o temor, a intimidação.

— Qual era a causa?

— Você é loura, de olhos azuis e parece com uma governanta alemã que eu tive quando era pequeno, que me dava palmadas e cascudos. E' a pessoa que mais temo no mundo.

Ela riu:

— Quer dizer que basta que eu ameace uma palmada, para que aquiete?

Ele a olhou com um ar tão malicioso que ela percebeu, com o sorriso dêle, a inconveniência que proferira sem pensar, e corou.

Ele disse:

— Ótimo!

— O que?

— Você corou. Mostrou que tem sangue sob essa aparência gelada.

— Aí vêm os refrescos.

— À sua saúde!

— Com laranjada?

— O champagne fica para depois...

Os dias passaram. Veio o baile de Natal. Naquele dia ele multiplicara as graças, as brincadeiras. Dizia as coisas mais absurdas e mais audaciosas. Fazia-a rir. Brincava com ela: fazia-a corar; depois, como que arrependido, mostrava o maior respeito. Ariadne passou dias maravilhosos.

— Recebi um telegrama hoje, flôr.

De quem?

— De minha mulher.

Ela não disse nada, por alguns momentos. Depois, apelando para tôdas as forças, tentou dizer em tom de voz indiferente:

— Não sabia que você era casado.

De repente notou que ele a encarava com ar sério.

— Não adianta fingir que não se importa, flôr.

Aquêle tratamento carinhoso, de que ela tanto gostava, irritou-a.

— Você é muito pretensioso.

— Flôr, não fique assim. Eu não estive brincando com você. Gosto realmente de você. Queria que casássemos... Acredite, flôr. Se eu nunca lhe disse que era casado é porque queria esquecer que entre nós havia um obs-

(Continua na página 33)

DESPEDIDA

CONTO DE JONATHAN ADLER



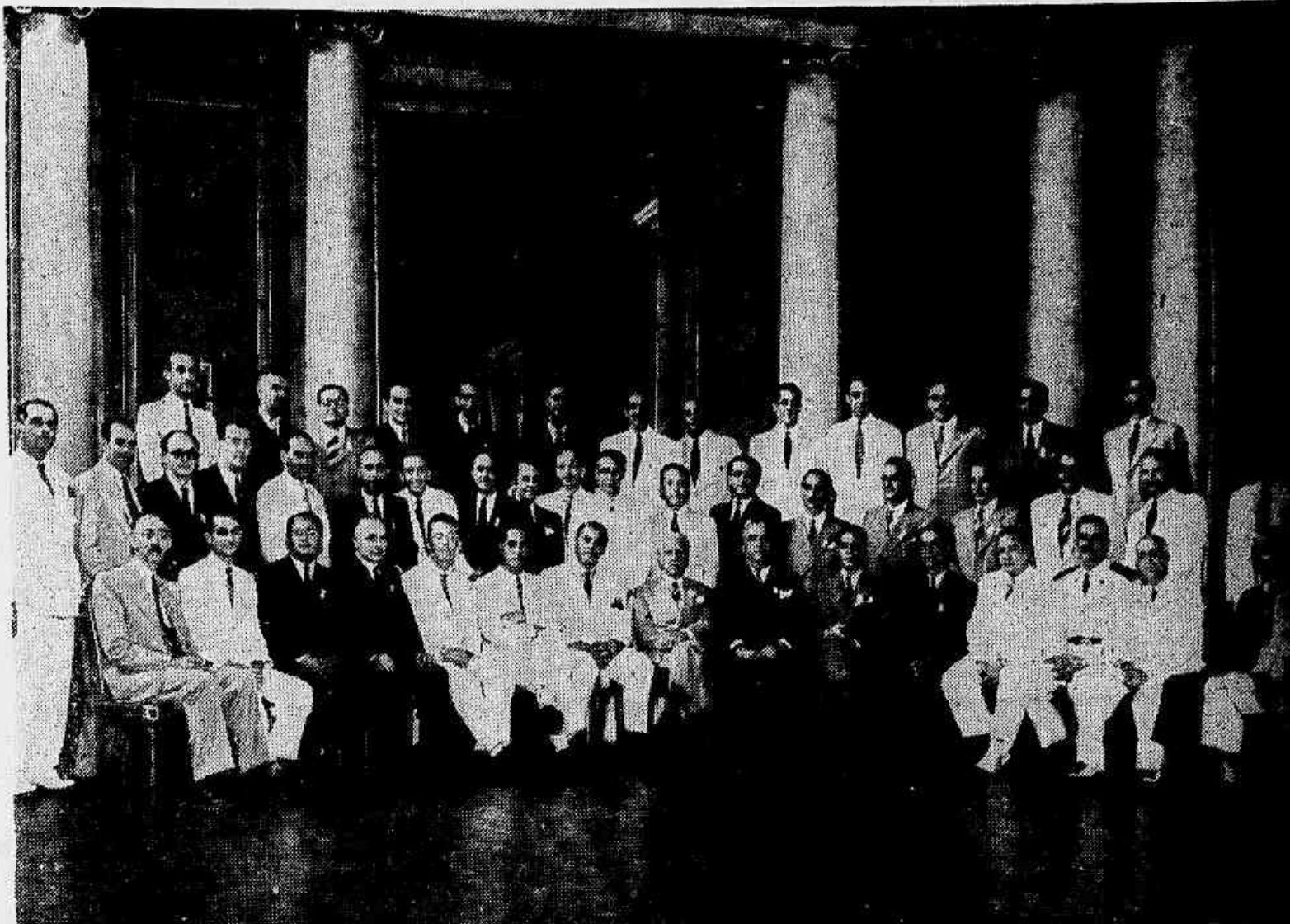
Vera Lucia, filha do sr. Oscar Candido de Queiroz e dona Iracema Braga de Queiroz.



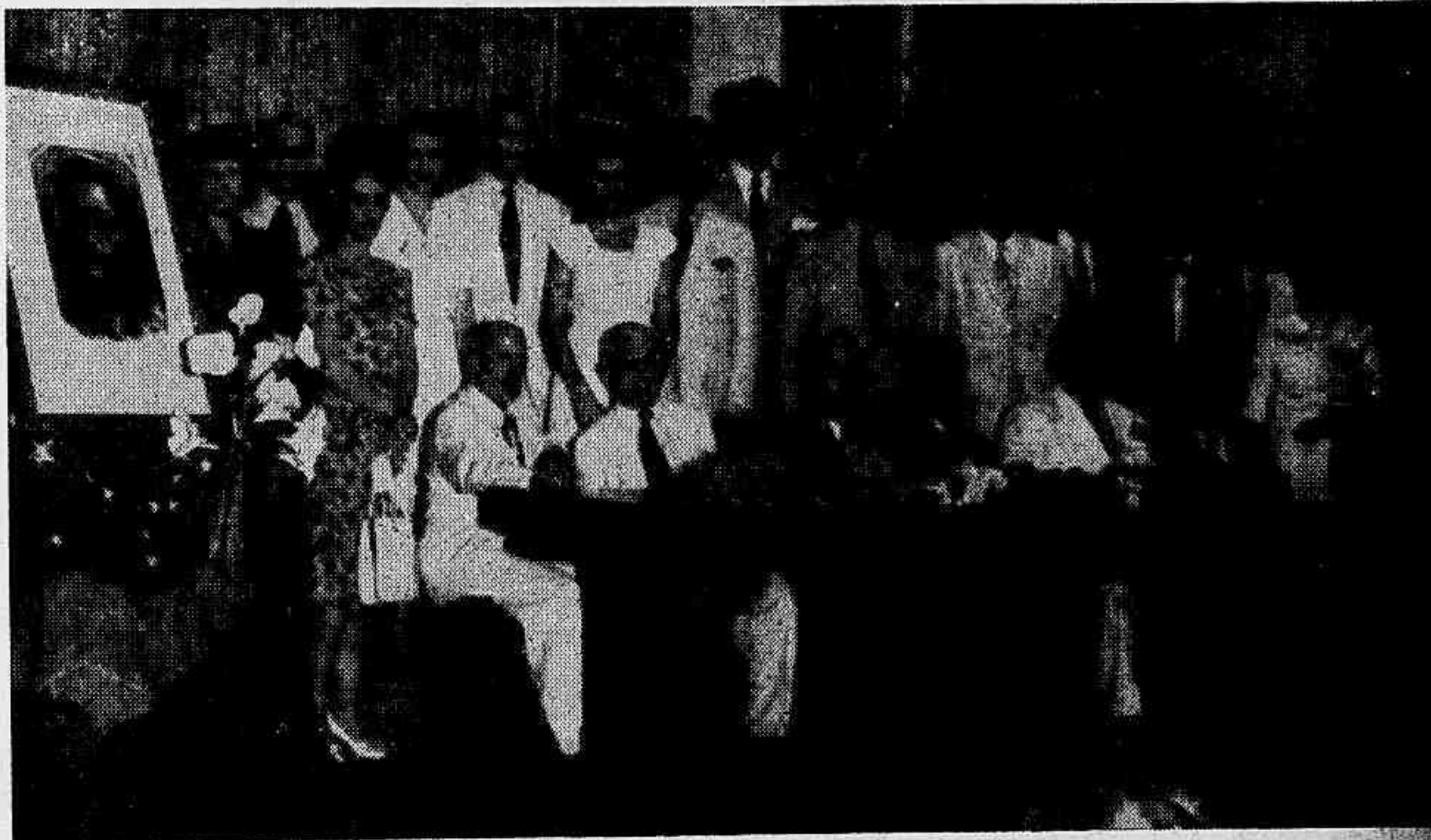
Sr. Armando Penna, elemento de destaque na sociedade bandeirante, cujo aniversário transcorre hoje.

FIGURAS E FATOS

A artística vitrine da "Casa Nunes", exposta por ocasião da original campanha de publicidade levada a efeito para lançamento do filme "Desde que partiste". Uma cena exata daquela película foi reproduzida na mostra do elegante estabelecimento, denotando a habilidade e experiência dos "experts" de seu departamento de propaganda.



Bacharéis em Ciências e Letras pelo Externato do Colégio Pedro II, da turma de 1920, reunidos no almoço de confraternização comemorativo do 25.º aniversário de sua formatura, que teve lugar no dia 21 de abril último.



O sr. Ary Kerner Veiga de Castro realizou uma conferência na Associação Brasileira de Imprensa, denominada "A matança dos filhos de Brutus", nela tecendo considerações sobre a futura democracia brasileira. E' da solenidade à qual compareceram personalidades do mundo político e social, a fotografia acima.



O soldadinho de chumbo

(Continuação da pág. 31)

— O senhor tem razão em julgá-lo. Porque é verdade e eu o vi com meus olhos em seu leito volante, onde jazia a fio comprido. Mas evitava dizê-lo por bom gosto, decôro, decência e respeito. E como sei de que maneira se deve falar, tinha substituído um catre por um corcel impetuoso. Eis como se deve escrever a história. Cavalheiro, não o tente fazer. O senhor não tem o espírito bastante sublime para conseguí-lo. Uma liteira! Que aparato para um guerreiro... Portanto, o ma-

rechal de Saxe, instigando um cavalo indomável, ardia no desejo de se banhar no sangue dos inimigos. A batalha que começara penosamente continuou em meio à alegria: morreram muitos ingleses. São uns animais ruins. O senhor sabe que eles têm rabo.

— Não o sabia, La Tulipe.

— E' que então o senhor não é bastante instruído. Mas prossigo: em dado momento dessa grande batalha minha coragem levou-me quase sozinho até bastante longe do campo da luta, junto a um barranco em frente a um reduto formidável, defendido por uns cinquenta desses animais; matei quarenta e um e feri

trinta e quatro. O resto fugiu e o reduto foi tomado. Meu ardor levando-me para ainda mais longe, encontrei-me num bosque onde não se ouvia mais o rumor do combate. Depois de ter caminhado bastante tempo, deparei com um velho que fazia molhos de lenha. Perguntei-lhe se por acaso não tinha visto meu regimento que eu havia perdido. Fez-me sinal que não. Exultando de entusiasmo, gritei-lhe com voz inchada pelo ardor da glória:

— Somos vencedores. Grita: "Viva o rei!"

"Mas, como única resposta, dando de ombros, ele continuou a prender seu feixe. Então, indignado com tanta baixeza, enterrei-lhe minha baioneta no ventre e prossegui.

"No dia seguinte nós nos alojamos na casa dos habitantes. Destinaram-me a residência de um rico negociante chamado João Gosbec, para onde me dirigi muito tarde da noite. Fui recebido por uma criada bonitinha e de andar provocante, que me levou por uma longa escada até uma plataforma erguida num celeiro, onde eu deveria passar a noite. Eu seguia os seus passos e, como não havia luz, ela iluminava o caminho.

Foi só na manhã seguinte que vim a conhecer a patroa, a esposa de João Gosbec. Chamava-se Úrsula e era uma dessas mulheres a que se não pode chamar de bonita, pelo menos se pode dar o nome de apetitosa. Logo que a avistei compreendi que estava, não sei por que, apaixonado por ela. E dei-lhe conhecimento de meu estado d'alma. Úrsula falou-me de seu marido, que era ciumento, e avisou-me que ele a mataria se soubesse do caso.

Tentei abrandar o terror que a possuía e, para provar-lhe o meu afeto, tomei-a nos braços e beijei-a na boca. Estava ainda a envolvê-la, quando João Gosbec entrou na sala. Úrsula gritou de pavor ao ver o marido. Ele não podia ver meu rosto. Mas quando me volvei em sua direção, ficou aterrorizado e retirou-se sem dizer palavra.

"Eis, cavalheiros, a narrativa completa da batalha de Fontenoy."

— Confesso, disse eu, que nem Voltaire fez uma tão boa assim!

— Também julgo isso, disse-me o guarda francês. Mas quem era esse tal Voltaire? Com certeza algum burguês, que não entendia patavina das coisas da guerra. Estou com muita sede, caramba! Mande descer uma cerveja.

A Pioneira Desde 1913 Gordura 100% de Côco



Gordura de Côco Brasil

3 fortes razões para a Sra. preferir a Gordura de Côco "Brasil"

- 1 - Melhor para o seu paladar — Note o excelente sabor que ela empresta aos alimentos.
- 2 - Melhor para a sua saúde — Não fermenta e não causa distúrbios ao aparelho digestivo.
- 3 - Melhor para a sua bolsa — Sendo pura gordura de côco, basta empregar um terço menos do que as congêneres.

PRODUTO DA REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S/A.

É VERDADE. Há mais de 30 anos, a Gordura de Côco Brasil vem contribuindo para que as donas de casa possam apresentar sempre pratos mais saudáveis, mais gostosos, mais nutritivos e mais econômicos. Peça, pois, hoje mesmo ao seu empório, uma lata da puríssima Gordura de Côco Brasil, feita exclusivamente de côcos selecionados. Experimente-a. Seus pratos ficarão mais saborosos, mais saudáveis e mais baratos.

★ Agentes Distribuidores da REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S.A. no Rio de Janeiro: JACINTO AGUIAR & CIA. Av. Rio Branco, 120 - 11.º And. - s. 1108 - 1110 - Tel. 42-5394 ★

PEITINATI

Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 120

RECIFE

À busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o ego do espírito. Benal encontra-se em todas as drogarias e farmácias.

NEVOEIRO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 19)

— Não. Ao que parece, um cargueiro que partiu no dia seguinte para S. Francisco levou-o.

— Não telegrafaram para prendê-lo ao chegar?

— Sim. Mas ele escapou na hora do desembarque.

De repente Larson parou de falar.

— Que houve?

— Quem é aquela moça?

Uma jovem loura parara à porta do salão e ficara a conversar com um cavaleiro desconhecido.

— Lady Jane Morrow. Não vai me dizer que também sabe alguma história sobre ela.

— Por que?

— Porque ela é uma figura misteriosa.



Terrível insonia

Querer dormir e não poder! Só quem já experimentou esse tormento pode avaliar quanto ele nos aflige e abate, moral e fisicamente.

É uma felicidade ter à mão um tubo de ADALINA de Bayer. Um ou dois comprimidos, atuando suavemente sobre o sistema nervoso, põem termo à insonia. E consegue-se dormir tranquilamente e ter um despertar calmo e natural. ADALINA não prejudica órgão algum.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Aparece e desaparece da sociedade. Passa meses sem que se saiba onde anda.

— Não me admira.

— Por que?

— Foi ela que eu vi em companhia de California Joe, no bar.

— Oh!

— Apresente-me a ela.

— Com todo prazer. Isso está ficando cada vez melhor.

Aproximaram-se da moça. Miss Linton disse:

— Lady Jane, queria apresentar-lhe um amigo que chegou recentemente dos Estados Unidos: Larson Breit.

A aristocrata encarou-o placidamente.

— Já nos conhecemos, não é verdade, Mr. Breit?

Miss Linton, que estimava tanto sir Montagu, olhou-o com ar furioso. Afinal de contas ele estragara o grande momento.

Quando Lady Jane encarara fixamente Larson, sem o menor temor, ela esperara um grande momento, sensação! Porém a voz de sir Montagu soara, logo após:

— Que estão tramando aí, nesse grupinho?

E o momento passara, seguindo-se uma conversa frívola.

Na hora da despedida Lady Jane disse: — Mr. Larson, não se esqueça de ir me visitar, conforme prometeu.

— Quando terei esse prazer?

— Quer amanhã?

— Às suas ordens.

— Espero-o às três.

— Estarei lá.

Miss Linton arregalou os olhos.

Durante a noite, que ele passara em claro, Larson procurou nos "Who's Who" informações sobre Lady Jane. Ali havia somente uma nota breve sobre seu pai,

Lord Morrow, que havia morrido, fazia pouco tempo, deixando toda a fortuna para a filha. Sua esposa já morrera há muito.

— Lady Jane, tenho que comunicar-lhe, em primeiro lugar, que esta manhã estive em Scotland Yard...

— Sim?

Ela estava sentada em uma poltrona, calmamente fumando um cigarro.

— E contei ao comissário tudo o que presenciei naquele bar.

— Podia fazer-me um favor?

— Pois não.

— Como aconteceu que um rapaz da sua posição na sociedade estivesse ali?

— A senhora, sem dúvida, não sabe que eu comecei como estivador, e foi naquele pôrto que eu me engajei pela primeira vez...

— Deveras? Como é romântico! Uma visita para matar saudades...

(CONTINUA NA PAG. 44)

★ Água de Colônia
★ Brilhantina
★ Extrato
★ Loção
★ Óleo perfumado
★ Pó de Arroz
★ Sabonete

Perfume
Organdy de BAZIN

Obra prima da perfumaria!

P. Ferraz

A VENDA EM TODO O BRASIL

Um almoço com Fay Emerson e uma visita aos estúdios "Paramount"

(Por LUIZ SERRANO, correspondente em Hollywood)

Nosso primeiro contacto com as "estrelas" bonitas do cinema tem sido o mais auspicioso. Os grandes estúdios desta terra abrem-se de par em par, recebendo com simpatia o representante da REVISTA DA SEMANA. Eis como podemos conversar, por algumas horas, com a elegantíssima Fay Emerson, da Warner Bros., com ela fazendo um "lunch" do qual guardamos inesquecíveis recordações. Fay Emerson confessou-se grande admiradora do Brasil, não esquecendo o nosso esforço denodado em prol da Vitória. Também na Paramount a REVISTA DA SEMANA está em ordem do dia. Damos, com esta crônica, uma série de interessantes aspectos fotográficos dos estúdios da "marca das estrelas". Nas gravuras abaixo os leitores vêem Zoo Mozart, uma irresistível "pin-up girl", cuja atuação destacada se faz sentir no filme "Unusual Occupation". Na página em frente, ao alto, Carol Deere e Valmore Barman, outras duas lindas garotas, do filme da Paramount "Cross my Heart". Do mesmo filme, em baixo, à direita, Mavis Murray falando ao telefone para algum admirador. E na coluna de fora, de cima para baixo: William Seiter, diretor do filme "The Affairs of Susan", num grupo com Joan Fontaine, George Brent e o novato Don De Fore. Logo abaixo, Joan Fontaine e Walter Abel numa "tomada" do mesmo filme de Seiter. E, finalmente, Dorothy Lamour, estrela do filme "Masquerade In Mexico", cantando para o diretor Michell Leisen. Na última fotografia, à direita, Bing Crosby e o diretor Hal Walerk, num intervalo do filme "Duffy Tavern", também da Paramount.



GRAFICAS DE HOLLYWOOD





Petrolina



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

VILA RICA, peça em quatro atos, de R. Magalhães Júnior — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Magalhães Júnior tornou o seu nome dos mais vitoriosos do moderno teatro brasileiro. Em meia dúzia de anos, cerca de uma dúzia de peças suas foram representadas, triunfaram; e algumas tiveram a consagração da livraria e dos palcos estrangeiros. Cumpre notar que este ramo de atividade será ainda o que exige menos operosidade numa carreira — é duplamente o caso de se dizer — distribuída pela imprensa diária, a novela e o conto, as traduções de romances e de filmes, etc. etc. Trabalhador de inspiração sempre pronta e dedos infatigáveis, de certo o Sr. Magalhães Júnior não poderia produzir tanto se não escrevesse à máquina. Faltar-lhe-ia tempo para isso, a menos de se servir dum estenógrafo a quem ditasse e dissesse ou tres copistas para o resto da tarefa. E faz-nos lembrar a fecundidade literária de Teófilo Braga, à qual — disse Ramalho Ortigão — não bastariam, para lhe ir dando vasão, todas as tipografias de Lisboa.

A obra teatral do Sr. Magalhães Júnior abrange, por assim dizer, todos os gêneros. Vai da reconstituição histórica, passando pela alta comédia e a comédia ligeira, até à simples farsa. Algumas peças, como a *Família Lero-Lero*, que não figura na lista inserida no presente volume, chegam a participar, de várias feições e vários processos. Em todas, porém — e tal a principal razão do seu bom êxito — se ostentam a mesma facilidade e a mesma audácia. Vê-se perfeitamente que o comediógrafo, uma vez senhor do seu assunto e para certos casos suficientemente documentado, lança tudo aquilo ao papel, em ritmo acelerado, sem lhe importar, por exemplo, a verossimilhança se o "efeito teatral" lhe parece seguro. Ora, em tal previsão, — não se engana nunca. Pelo menos, ainda até agora — se não enganou. E *Vila Rica*, a peça aqui presente e cujo êxito de livraria não ficará de certo a quem do obtido em cena, bem nos dá o exemplo daquela rapidez e daquela temeridade.

Como nos diz uma nota liminar, esta peça se baseia em acontecimentos reais, isto é: "nos atribulados amores de Dona Emerenciana Jeana Evangelista de Seixas, irmã de Dona Dorothea de Seixas, poéticamente conhecida pela alcunha de Marília de Dirceu". Não é verdade que esse termo "alcunha", aplicado a tal entidade, uma espécie de deusa por ser a musa autêntica dum grande poeta, soa escandalosamente a impropriedade e irreverência? Mas o escritor não se quis dar ao trabalho ou não teve tempo de procurar substantivo mais adequado. Assim lhe acudiu de momento, deixou ficar assim mesmo. Nem por isso a obra sofreu qualquer prejuízo. Pelo mesmo sistema de anda mão, fia deda, como diziam os nossos maiores, amanhôu o autor os quatro atos e precipitou o desfecho do drama. E' um destes finais que eletrizam a platéia e análogo efeito produzem no público leitor. E quem se lembrasse de censurar o Sr. Magalhães Júnior pelo abuso da *ficelle* deveria reflectir que a mesma acusação fôra repetidamente feita ao autor da *Tosca*, da *Fedora* e de *Madame Sans-Gêne*, Victorien Sardou, o grande Sardou.

O FIGURÃO, romance de Sinclair Lewis, tradução de José Geraldo Vieira — Livraria do Globo, editora. — Porto Alegre, 1945.

SINCLAIR LEWIS



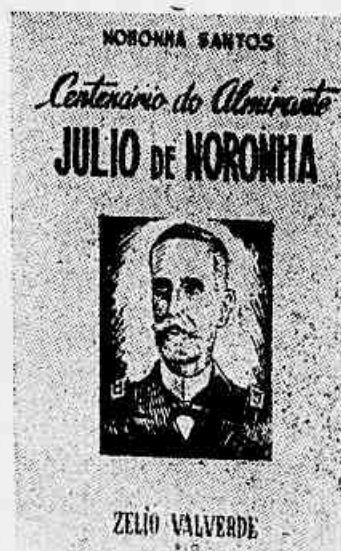
O FIGURÃO

COLEÇÃO NOBEL

E' um romance ao mesmo tempo de observação profunda e de mordacidade. O autor visa com o seu espírito satírico o mundo dos ricos que fundam sociedades de divulgação científica, propaganda social ou patriótica e pura beneficência. Algumas dessas instituições receberam títulos pretensiosos e pitorescos, tais como *Simpalizes* com os propósitos pacifistas da nova democracia turca, *Associação para promover a cultura esquimó*, *Crusada Nacional Cristã Excelsior*, *Conferência de cidadãos sobre a crise constitucional da comunidade*. E' nesse meio que se encontra o escritor, conferencista, especialista em organizar as ligas e sociedades tão do gosto dos milionários norte-americanos: Gideon Peanhi. Em verdade, Planish se dedica convictamente se entrega às suas funções beneméritas. Não deixa, porém, de contar que, acima dos livros e dos discursos, elas o ajudam a prosperar na vida, pela aproximação dos personagens de situação e prestígio superiores. E nessa ambição o anima, se realmente o não inspira, sua esposa, Peony, que fez um curso universitário e é em tudo uma companheira útil e uma preciosa colaboradora.

A ação do romance vai-se desenvolvendo, sem grande vivacidade, por entre episódios e incidentes de reuniões de diretoria e assembléias gerais, propostas debates, relatórios. As vezes, a tendência crônica de Sinclair Lewis se torna quae feroz, comentando as idéias e costumes correntes naquele meio opulento e filantrópico. E essa é a feição predominante e deveras interessante do livro, feição que o excesso de pormenores e particularidades descritivas não chega propriamente a prejudicar.

CENTENÁRIO DO ALMIRANTE JULIO DE NORONHA, biografia por Noronha Santos — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945.



O autor desta obra qualifica-a de "esboço biográfico" mas em verdade ela é mais do que isso. Reune enorme e bem escolhida cópia de documentos e outros dados relativos à individualidade e à carreira do ilustre marinheiro a cuja memória se consagra. E a sua organização, pelo método como pelo cuidado carinhoso, só merece louvores.

Começa o livro por uma rápida exposição do que era, no ano do nascimento de Julio de Noronha, a vida do Rio de Janeiro. Aí vem a situação política e administrativa, as obras e projetos de edificação que ampliariam a cidade, embelezando-a e em tudo a fazendo progredir; as inovações do comércio e da indústria; o movimento literário, os grandes êxitos do teatro, os jornais de prestígio e de popularidade — finalmente, o advento da polca primeiro ao teatro S. Pedro e depois aos salões da sociedade que então se chamava fluminense e se ofenderia se lhe chamassem carioca.

A biografia propriamente dita traz como epígrafe as palavras escritas pelo capitão de mar e guerra Afonso Pereira de Camargo por ocasião da homenagem ao almirante Julio de Noronha, promovida pela Liga Naval Brasileira,

em 1939:

"Como oficial de marinha, sua vida, traduzida ainda mesmo que de forma lacônica nas páginas duma longa e brilhante fé de ofício, abrangendo um período de meio século

Novos

(57 anos) de bons e leais serviços inteiramente dedicados às atividades da Marinha — não há dúvida que constitui, por si só, um documento que bem atesta não somente a individualidade dum completo oficial de Marinha — como também a dum verdadeiro cientista, administrador ponderado, justo e realizador. Procurou sempre apoiar as suas distinas em bases sólidas e duráveis — com agudeza de intuição e previsão que bem denotavam dotes excepcionais de inteligência e cultura, tudo aliado à perfeita inteireza de caráter e profunda bondade.

O livro vai a mais de duzentas páginas e deve com efeito conter, como informação e esclarecimento, tudo aquilo que se deseje conhecer acerca do insigne biografado.

BARCAS DE VAPOR, "cenas do passado brasileiro", por Mário Sette, ilustrações de Lauro Vilares — Edições Cultura — São Paulo, 1945.



O Sr. Mário Sette dá-nos a impressão de gozar, já como escritor já como cidadão, duma felicidade deveras inagável — e assim Deus o conserve por muitos e dilatados anos. É uma espécie de ventura que depende apenas da sua vontade ou da sua imaginação. Ao Sr. Mário Sette não o teve afligir miséria alguma nem qualquer fealdade dos tempos que vão correndo, porque lhe assiste sempre um recurso providencial. Quando corre o risco de se apouquentar, como os outros homens, considerando o presente, que faz ele? Refugia-se no passado. E não no passado como se oferece aos simples pesquisadores, aos pobres mortais que não passam de historiadores, mas sim numa era tanto quanto possível sua, que o cronista ressuscita à feição da sua inteligência, do seu sentimento — no passado como ele entende que deveria ser. A verdade persiste nas suas observações e através lá maneira como os apresenta; traz, porém, a adorná-la a influência dum temperamento, não de analista mas de contemplativo, não de repetidor fiel mas de sensível, generoso artista. E desses períodos de férias para se libertar das realidades de hoje, nos deu o Sr. Sette as crônicas que formam os volumes *Maxambembas* e *maracatús*, além de romances como *Palangim dourado* e outras obras que, reportando-se a épocas mais ou menos afastadas, logo nos levam consigo para diante daqueles espetáculos, para o convívio daqueles personagens, para aqueles ambientes que com tanta propriedade e tanta graça ao mesmo tempo, nos fazem respirar, sentir.

Nas *Barcas de vapor* viajamos do segundo quartel do século XIX até por volta de 1910. O panorama de Recife, em cenários lentamente movimentados, devidos de vez em quando para nos deixarem presenciar episódios, anedotas de rua ou de interiores domésticos, traz-nos bailes e banquetes, novenas e procissões, ranchos de colegiais, jogos de prendas, banhos de mar, concursos de beleza, repúblicas de estudantes, folguedos de carnaval e mostra-nos por fim o que foi o advento do cinema à capital pernambucana, em julho de 1909. Tudo isso se desenrola e passa em capítulos curtos, de três, quatro páginas — figuras e quadros que fazem, mas deixando limpidas recordações. E os desenhos à pena do Sr. Lauro Vilares valiosamente acentuam essa leveza e essa nitidez.

OS TRÊS NOIVOS DE SUSETTE, romance de Mariel, tradução anônima — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro 1945.



Este romance, cujo título poderá causar certa estranheza a quem conheça a orientação e os processos habituais da autora, nada encerra, no entanto, de escandaloso ou sequer "arriscado". A heroína não se parece absolutamente com a do livro famoso de Marcel Prévost. Os seus três noivos são absolutamente para o bom fim. E as moças que, ózinhas ou diante de gente, lerem estas páginas, não terão nunca motivo para côrar nem para disfarçar.

Trata-se dum caso frequente na vida, mais frequente ainda nos filmes norte-americanos: Um mancebo e uma lonzela que se amam sem saber ou sem querer declarar francamente um ao outro. A força de esconder ou dissimular os seus sentimentos, chegam a persuadir-se de não haver entre eles positivo amor e, por conseguinte, de precisarem de buscar alhures a felicidade a que aspiram. Assim se estabelece, como centro da ação romântica, ponto essencial donde partem todos os episódios, a situação da encantadora peça em verso, de Arthur Azevedo, *O badejo*, cujo protagonista, amado por uma criaturinha de casa, pupila de seus pais, e, no fundo, deveras lhe correspondendo, se desviou dela, andou por Seca e Meca da galantaria e do namoro...

...sem reparar que a ventura
linha ao alcance da mão.

Também a Susette da presente história procura um tanto às cegas aquilo que, no dizer corrente, se lhe metia pelos olhos dentro. No epílogo, já se sabe, a moça abre os olhos verdadeiras para ver com clareza e convicção. E tudo termina ditosamente, como nas comédias rimadas, nos filmes de Hollywood — e às vezes na vida também.

J. L.

BANCO DE CREDITO PESSOAL — Recebemos em ótimo folheto ilustrado o Relatório do Banco de Crédito Pessoal S. A., desta praça com sede à Rua Buenos Aires, 55. Vê-se, através do documento, a boa situação do mencionado estabelecimento.

O TRACOMA. — Otacilio Lopes. — Grafica Oriental. — São Paulo. Recebemos o volume supra referido, trabalho ilustrado em que o autor dá noções práticas para o médico não especialista. Agradecemos

REVISTA DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO. — Recebemos o número 2, do ano V, correspondente a Junho de 1944 de Revista de Imigração e Colonização, editada pelo Conselho de Imigração e Colonização do Itamaraty. Traz, entre outros trabalhos, um profundo estudo do Sr. Artur Hebel Neiva a propósito da "Imigração Semita no Brasil".

'ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. 10.

Nome

Rua

Cidade

CHUVEIRO ELETRICO
QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático,
econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas
e perfeitas pela casa

PAN • LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A
QUALQUER CHAMADO OU
PEDIDO TELEFÔNICO
DE INFORMAÇÕES



QUE BANHO DELICIOSO!

VENDAS À VISTA E A LONGO
PRAZO PELO SISTEMA
S. E. R. V. E. LTDA.

Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391



Jockey Club Mundano

Com o brilhantismo do costume, realizaram-se as carreiras de domingo no Hipódromo da Gávea, em prosseguimento à temporada oficial do "turi" do Jockey Club Brasileiro. A reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA, durante essa tarde turística, colheu os instantâneos que aqui estampamos, na "pelouse" do elegante prado.





Deanna
DURBIN

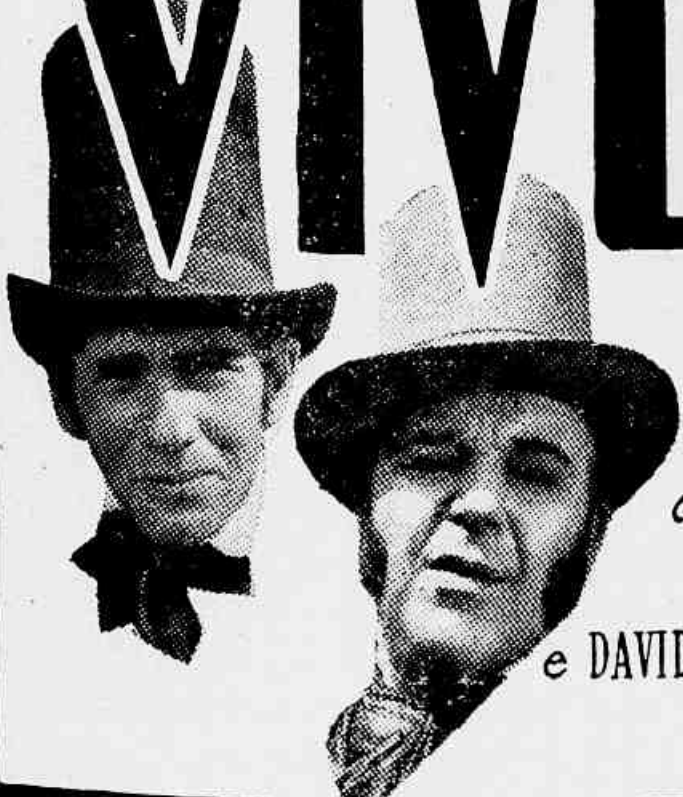
*pela PRIMEIRA VEZ
em
TECHNICOLOR!*

O filme que irá
assombrar o mundo!

*Melodias milagrosas
de JEROME KERN
através a mais deliciosa
voz do Cinema*

Deanna
DURBIN
em

VIVO para CANTAR
"Can't Help Singing"



com **ROBERT PAIGE**

AKIM TAMIROFF

e DAVID BRUCE LEONID KINSKEY RAY COLLINS JUNE VINCENT ANDREW TOMBES THOMAS GOMEZ

Direção de FRANK RYAN Produtor: FELIX JACKSON Prod.Assoc.: FRANK SHAW

AGUARDEM ESTE LANÇAMENTO SENSACIONAL

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA. 50

NEVOEIRO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 37)

— ...que me fez testemunha de um assassinato.

— Hum...

— Nega, que estivesse lá, naquele dia?

— Não lhe disse que já tinha o prazer de conhecê-lo?

— Não fomos apresentados.

— Mas nos conhecemos. Mr. Larson, eu só tenho uma coisa a lhe dizer: o senhor tem muita sorte. Se tivesse feito essa perigosa descoberta antes que eu terminasse a minha missão, eu seria forçada a lidar com o senhor de maneira diferente. Mas agora, que já cheguei ao que queria, até me divertem as suas investigações. Com que então foi à polícia? Por que não disse a eles que eu era contrabandista?

— Disse-lhes.

— Ótimo! Vejo que não perde tempo. E tem provas contra mim?

— A polícia se encarregará disso.

Nesse momento um mordomo veio anunciar que um cavalheiro da Scotland Yard estava à porta. Jane mandou-o entrar.

— Lady Jane — disse o inspetor — em nome da lei a senhora está presa. E' meu dever avisar que qualquer coisa que a senhora disser agora em diante será anotada e poderá ser usada como prova contra a senhora. Tenha a bondade de acompanhar-me.

Ela sorriu.

— Com todo prazer.

O processo causou sensação. Acusados de contrabando dois membros da alta roda londrina: Lady Jane Morrow e Lord Montagu Firth. Larson, aliás, se bem que não tivesse podido identificar o ator, depois deste preso achou que de fato ele se assemelhava muito ao gigante do bar. Um grande ator...

— ...E' essa, em resumo, senhores jurados, acusação, tanto mais grave porque não se trata de viciados, mas de um homem e uma mulher da nossa alta sociedade que, tendo como único objetivo o lucro, introduziam no nosso país, clandestinamente, ópio e cocaína.

O promotor sentou-se, extenuado. O advogado, então, levantou-se lentamente e principiou seu discurso:

— Meritíssimo:

Senhores jurados:

Se não me engano, há duas acusações pesando sobre os meus clientes; mas só uma delas será julgada aqui nesse tribunal. E' a questão do contrabando de ópio. O crime de morte será julgado mais tarde, e por isso pede-se ao promotor e ao advogado que não façam menção ao outro caso. Devo pedir licença ao meritíssimo sr. juiz para desobedecer, a essa restrição, baseado em uma lei anterior, que exige que todas as provas que possam ser usadas para inocentar os reus, dentro do critério de valor legal, devem ser apresentadas apesar de não estarem diretamente ligadas ao caso em questão, reservando-se o advogado a tarefa de relacionar os fatos que cita com os fatos que o promotor alega. E' assim que começarei a minha história: não no momento do contrabando, mas antes, no dia do casamento da ré Jane Morrow. Nem todos sabem que a ré é casada. Ou melhor, hoje é viúva. Uma certidão desse casamento será incluída na documentação da defesa. Casada com um homem belo, atraente, mas de caráter fraco, Jane Morrow, que se unira a ele secretamente, verificou ainda na sua lua de mel que o marido era um cocainômano. Resolveu então manter secreto seu casamento, curar seu marido antes de apresentá-lo à sociedade, onde fazia aparições raras para não despertar suspeitas. E assim foi tentando fazer com que o marido deixasse o vício. Mas enquanto via aquele homem fraco, doente, todos os dias, aumentava a

sua piedade e diminuía o seu amor, chegando por fim a não ter amor ao marido. Foi quando conheceu um homem que fora um herói na guerra e que era um nome no teatro: Montagu Firth, que se apaixonou por ela, sendo logo correspondido. O marido, porém, exasperado com a falta da droga sem a qual não podia viver, fugiu da casa onde ela o mantinha e começou a organizar um bando de contrabandistas, que cedo se tornou um dos mais eficientes, espalhando a droga e ganhando dinheiro com isso. Não conseguindo obter provas contra ele, Firth e Jane tomaram uma resolução desesperada. Resolveram combatê-lo com suas próprias armas e organizaram um outro bando. Acontece, porém, que o ópio que eles traziam e que davam aos viciados, não era ópio mas uma droga perfeitamente inofensiva, conforme poderão verificar mandando analisar toda a carga apreendida. Porém quando o bando fundado por Jane e Firth à custa de muita audácia estava açambarcando todo o mercado em matéria de contrabando, com o fim de impedir o marido dela de continuar a envenenar os pobres diabos, este encontrou-os no porto, onde Firth se fizera conhecido e temido sob a alcunha de California Joe, uma caracterização para a qual muito o auxiliava o seu talento de grande ator.

Smiley, porém, resolveu denunciá-lo à polícia e impedir que ele continuasse a fornecer a droga. Firth, sabendo disso, desapareceu por certo tempo, mas quando soube que Smiley estava novamente controlando a droga, sem saber o que fazer, tornou a aparecer no cais. Jane acompanhou-o. Jam sem saber o que fazer, como lutar contra Smiley.

A conversa que a testemunha Larson Breit ouviu nada tem de autêntica: era um diálogo que só os interlocutores entendiam. Smiley ameaçou Firth de mandar prendê-lo. Firth tentou intimidá-lo como intimidara o povo do cais. Mas sem poder revelar, é claro, nas suas palavras a verdadeira causa da sua briga com Smiley. Este não tinha então a menor intenção de mandar prendê-lo. Queria era matá-lo. Sabia da influência que California Joe conquistara no cais, intimidando aquela gente, forçando os viciados a comprar do seu ópio, falsificação inofensiva, fazendo uma obra benéfica. Smiley não podia suportar, além disso, a amizade da esposa com Montagu, e essa foi a verdadeira causa da luta. Ficou demonstrado, senhores, pelo próprio testemunho de Larson, que Firth matou em legítima defesa. Os motivos da discussão é que não eram conhecidos. Sabemos todos agora. Tenho dito.

Quando se sentir ameaçado...

Quando se sentir ameaçado de dores ou de inflamação da garganta, faça uso durante o dia e à noite, ao deitar-se, de algumas pastilhas de Panflavina. Os resultados serão magníficos.

A base das pastilhas de Panflavina é a Trypaflavina, que destrói, com segurança, os germes mais perigosos e resistentes, mesmo os estreptococos, sem apresentar o mínimo efeito nocivo à pessoa que as usa. Pode-se empregá-las tanto em crianças de pouca idade, como em pessoas de idade avançada, sem qualquer receio, mesmo durante semanas e meses.

As pastilhas de Panflavina têm agradável sabor de chocolate, dissolvem-se na saliva, distribuindo-se pela mucosa de toda a cavidade buco-faríngea.

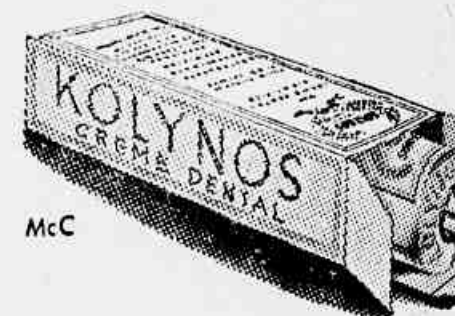
A um doente em cuja garganta foi verificada a presença de estreptococos administraram-se pastilhas de Panflavina; ao fim de poucas horas, o exame das mucosidades buco-faríngeas revelou livres de estreptococos virulentos.

O leitor, se for previdente, será sempre em casa um vidro destas pastilhas.

QUAL UMA NOVA LUZ



KOLYNOS
REALGARA'
seu sorriso...



REALCE
a personalidade
de seu sorriso usando
o CREME DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpe mais... agrada mais... rende mais...

...como ESTÁ AUMENTANDO!

• Realmente, é notável o desenvolvimento dos nenês alimentados com Maizena Duryea, produto de alto valor nutritivo. Garanta a saúde de seu filhinho, dando-lhe diariamente a incomparável

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento infantil em cada pacote

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____
ESTADO _____

Maria, um punhal e nove contrabandistas

Novela de ARLINGTON BLAKE

MARIUS tinha certos hábitos, certas manias, que a longa prática transformara em necessidades que deviam ser satisfeitas. Assim, se passava mais de dois meses sem investigar algum caso intrincado, sentia-se, na sua expressão, "enferrujado por dentro". E na falta de crimes, de mistérios inventava-os. Assim aconteceu naquela tarde. Quando Marius entrou em casa, o amigo que o esperava levantou-se para saudá-lo, mas antes que pudesse dizer uma palavra o detective já lhe apertara a mão, puxara uma cadeira, indicara outra a ele e começou a contar a aventura em que se enredara:

— Imagine você que, esta tarde, eu estava sentado à mesa de um café que costumo frequentar, quando veio instalar-se ao meu lado um jovem que conheço muito de vista. Acho que é o destino que faz com que estejamos constantemente a nos encontrarmos. Se fôsse somente no café seria uma coincidência sem a menor importância, porque, como eu, ele poderia ser um frequentador assíduo. Mas não: é na rua, nos teatros, nos cinemas, até num baile, certa vez, avistei-o, de longe. Que tenho eu a ver com esse ra-

paz? Nada. Que me faz investigar a sua vida? Nada. Entretanto eu já estava sentindo a ferrugem tomar conta de meu cérebro. Era preciso encontrar um caso interessante. Já que ele não se apresentava, porque não aceitar a sugestão da providência e seguir o rapaz. Foi o que fiz. Aliás, durante todo o tempo que permanecemos no café ele esteve meditando, evidentemente arquitetava algum plano. Ora, tanto podia ser a coisa mais inofensiva do mundo, como poderia ser uma maneira de roubar o Banco de França.

Em vista disso, e como não tinha nada de urgente a fazer, acompanhei-o discretamente quando ele saiu. Discretamente digo eu, em termos, isto é suficientemente oculto para escapar à atenção de um homem qualquer, mas francamente visível o meu interesse pelos seus movimentos se ele fôsse um criminoso experiente, acostumado a andar seguido.

O amigo, Dupont, diretor do Louvre, encarou Marius, curioso, e perguntou:

— E então?

— Ou ele é mais sabido do que parece ou é perfeitamente inocente apesar

(Continua na pág. 48)

Longa Tradição
de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete
de Reuter

I-A SR-3

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drásticas melhorias de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogeries e Farmácias. Fórmula do Prof. Austregésilo Remetemos pelo Reembolso Postal Cr\$ 20,00 o vidro. Produtos PANVITAL — Rua da Estréla, 6 RIO DE JANEIRO

Quina Petroleo ORIENTAL, finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

COW-GIRLS

EM AÇÃO

Um curso de vaqueiras! Só mesmo nos Estados Unidos. E, acreditem ou não, ele existe. Este curso, que funciona como um departamento anexo ao clube de futebol do Thomas Jefferson School. Técnicos especializados ministram diariamente lições práticas às candidatas a "cow-girls", que aprendem a montar, atirar e laçar como qualquer vaqueiro do Texas. E dentro de poucos meses elas tornam-se verdadeiras artistas da arte de campear, podendo sair a campo e conduzir boiadas sem o auxílio de qualquer descendentes de Adão. Moças de dezoito e vinte anos, como os veteranos das pradarias do West, atiram o laço com perfeição, trazem aos rebanhos os garrotes desgarrados e montam os potros mais ágeis e "passarinheiros".

Uma das mais maravilhosas cenas de bucolismo e arte popular é, sem dúvida, na América do Norte, a dança dos laços. Essa evolução coreográfica os pioneiros aprenderam com os índios do West na era da febre do ouro. E as pequenas da escola de "cow-girls" são peritas nessa dança. Elas armam o laço, rodando três ou quatro vezes acima da cabeça, e pulando dentro da circunferência formada pela corda começam a bailar. E enquanto umas bailam as outras apreciam-na, para depois fazer o mesmo. É um maravilhoso espetáculo de graça e beleza. Americanas de todos os Estados, pequenas do Texas, de New York, garotas do outro planeta, manejando o laço e bailando sobre o verde relvado. Com vaqueiras assim o bucolismo das boiadas, atravessando as savanas, ganha cem por cento em encanto. Vendo as "cow-girls" em ação não podemos deixar de crer nas palavras de Virgílio. A vida do campo se, nos afigura agora bela e deliciosa, e para ter uma copataz deste tipo qualquer homem da cidade enfrentaria com agrado a malita e o carrapato.

Assim é a América. Nos Estados Unidos existe um curso especializado na formação de vaqueiras competentes e dexteras. No Brasil os cartazes e as cartilhas pedem braços para a lavoura e fazem a apologia da vida rural. No entanto, para que os nossos homens tomassem o rumo da gleba, bastaria que se fundasse aqui uma filial da escola de "cow-girls". As cidades se despovoariam imediatamente.

A balisa da escola de cow-girls, Jo Ann Taylor, recentemente promovida a major da banda de tambores e clarins. Em baixo: um grupo de alunas em formação. Sorrisos e laços. Vendo-as assim, muita gente tem inveja dos búfalos.

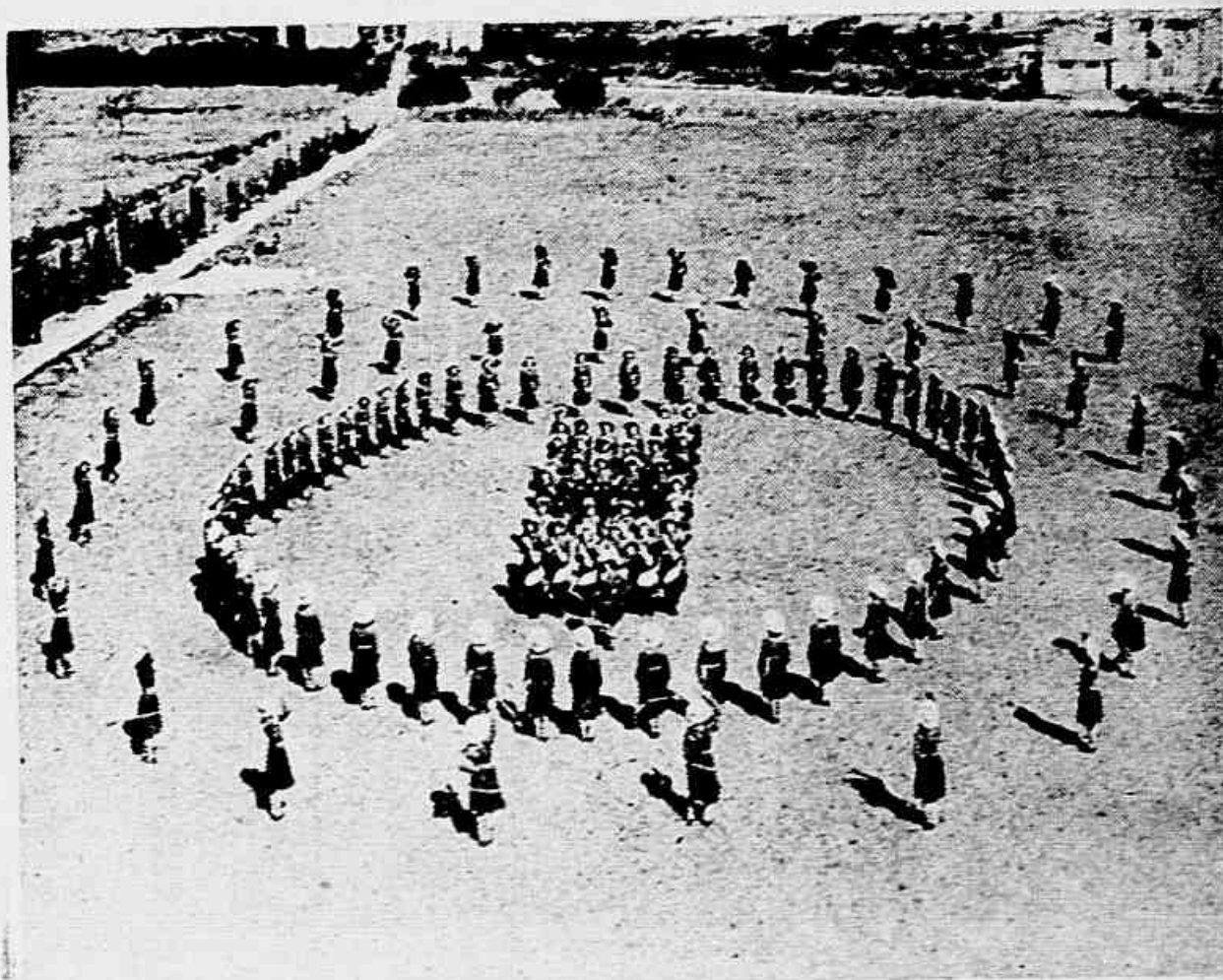




Carolyn Row é uma verdadeira artista na ciência do laço. Ela faz tudo o que quer com uma corda lisa. Enquanto as suas colegas, assentadas em círculo sobre o gramado, observam os seus movimentos ela ensaia uma nova dança, desenvolvendo passos coreográficos dentro da laçada. Ela também é major, e pela foto podemos nos assegurar de que merece a patente.

Para se exercitar na manobra, esta bela "cow-girl" jogou o laço sobre duas camaradas que passavam. A corda, atirada com segurança, prendeu as companheiras pelo pescoço. Perita, esta pequena. Mas meu Deus! Quando se formar ela poderá prender muita gente assim. Que bom para quem for preso!

Uma evolução em triplo-círculo das alunas da escola de "cow-girls". Vejam a perfeita sincronização dos movimentos. Estas pequenas manejam o laço como qualquer vaqueiro do Arizona. Mas não fossem eles, a atração de seus encantos seria suficiente para trazer para junto delas qualquer carneiro desgarrado.



HEMORRHOIDAS? tome
 LEC 3510-14-3 325 DMS P
 ENCONTRA SE EM TODAS AS
 Farmácias e Droguarias
Pilulas de Herva de Bicho
 Garantidas! Ótimas!
 Infalíveis!

MARIA, UM PUNHAL E NOVE CONTRABANDISTAS

(Continuação da página 45)

do meu palpite. Não deu por mim, ou fingiu não perceber-me.

— Aonde o levou?

— A um edifício de apartamentos, em cuja porta esperava uma linda moça. Entraram juntos...

Dupont riu gostosamente:

— O tal plano sinistro, nesse caso, era estratégia... amorosa?

— E' o que parece.

— Você me surpreende. Não parece muito desapontado.

— Puderam! A tal moça é minha conhecida.

— Ah! Quem é ela? Conheço-a também?

— Creio que não. Mas deveria conhecer para não deixá-la entrar no Louvre. E' capaz de carregar um de seus quadros.

— Uma ladra?

— Famosa. Fama internacional.

— Que me diz!

— A pura verdade.

— Nesse caso, a visita do rapaz poderia não ser por assunto amoroso...

— Por outro lado é possível que se trate justamente disso. Ela pode estar tomando umas férias com uma boa paixão.

— E éle aceitaria isso se fôsse honesto? Um romance com uma ladra?

— Pode ser que não saiba. E' quase certo que não, se se trata de um caso amoroso.

— Ela é pouco conhecida?

— Nunca foi presa. Além disso, a certeza de que é ladra é mais um de meus palpites. Está sempre nas festas em que há roubos sensacionais de joias, mas tem influência na sociedade, e nunca tivemos

prova alguma contra ela que permitisse a mais leve suspeita, a não ser...

— A não ser...?

— A não ser a curiosa coincidência da sua presença em todas as festas onde há roubos sensacionais...

— Curioso.

— Muito curioso.

Nesse momento entrou um criado com um cartão e entregou-o a Marius.

"Caro senhor.

Pode conceder alguns minutos de atenção ao rapaz que seguiu esta tarde com tanta curiosidade? Preciso falar-lhe a sós e preferiria que o sr. Dupont não estivesse presente. — Robert Vidalin."

Marius, imediatamente, disse:

— Diga a esse senhor que me espere no gabinete.

Dupont levantou-se.

— Bem, eu vou andando...

— Não quer esperar? Talvez não demore.

— Não. Eu preciso mesmo ir. Até breve.

— Até breve.

— Não se esqueça de me contar o fim da aventura da ladra e do rapaz que você seguiu...

— Está bem. Não esquecerel...

O rapaz sorriu ao cumprimentá-lo. Marius pela primeira vez na sua vida esteve ameaçado de perder a dignidade e corar como uma menina.

— O senhor sabia que o estava seguindo?

O rapaz tornou a sorrir.

— Não sou tão ingênuo quanto pareço.

Marius confessou:

— E' o que estou começando a verificar...

— Sr. Marius, tenho uma proposta a lhe fazer.

— Ouvi-la-ei com atenção.

— Trata-se do seguinte. Eu estou planejando um roubo.

— Como?

— Sim. Tenciono roubar, na semana vindoura, o Museu do Louvre.

— Perdão, cavalheiro, mas...

— Não se assuste. Trata-se de um roubo simulado. Sou reporter do Paris Soir. Estão aqui os meus papéis. Tenho a bondade de examiná-los...

— Sim, de fato, o senhor é...

— Reporter do Paris Soir. Mas presentemente ladrão provisório.

— Francamente, cavalheiro...

— Um momento. Eu preciso explicar. O roubo tem uma finalidade. Alertar o público e o diretor do museu que acaba de sair daqui.

— Conhece Dupont?

— Muito. Por isso não queria encontrar-me com éle. A última vez que o vi, éle me expulsava do seu escritório.

— Mas por que?

— Por uma razão muito simples: porque eu lhe afirmara que, com a vigilância deficiente que há, é bem possível roubar um quadro do Louvre, sem grandes inconvenientes...

— Eu...

— Não proteste. Éle protestou, o diretor do jornal onde trabalho protestou; todos protestaram. Mas quero provar-lhes que é verdade. Como? Com um roubo simulado. Roubarei o quadro num dia e hora marcados com antecedência e com a ajuda...

— ...De mim. Recrta.

— Viu-me com éle hoje, não é verdade?

— Exatamente. Pois é isso que tenho a propor-lhe. Como detective experimentado o senhor não terá dificuldades em

CAFEINS BRANCOS
LOCAO
Brillante

achar o responsável. Eu estou facilitando o seu trabalho...

— Não compreendi bem.

— Trata-se do seguinte: eu acho que não só é difícil pegar o ladrão em flagrante delito como, dadas as circunstâncias de vigilância, da inexistência de um registro de visitantes, impossível descobrir o ladrão depois do roubo. Sua tarefa será portanto, uma vez comunicado o roubo, provar que eu o cometi.

— Como?

— Isto é o senhor partirá da suposição que eu sou o ladrão. E' nisso que estou lhe ajudando. Para que minha demonstração da ineficiência da vigilância seja completa, o senhor saberá quem é o ladrão mas não conseguirá provar que é éle.

— Interessante. Mas arriscado.

— Como assim?

— Ora. Se você for preso...

— Se eu for preso o senhor e Dupont terão ganho a partida e provado que o Louvre é bem vigiado.

— Está aceito o desafio...

— Ótimo.

— Quando será o roubo?

— Sexta-feira. O senhor compreende que os guardas não devem ser avisados. Tudo deve correr normalmente. Confiar no senhor, que não estragará a demonstração alertando os guardas.

— Estou certo. E quando entrarei em ação?

— O sr. Dupont não se esquecerá de telefonar-lhe uma vez cometido o roubo.

— Bem...



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela **PRISÃO de VENTRE**

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As **Pilulas Aloicas**, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
 Mina e Destroi sua Vitalidade
 Arruína sua Força e Saúde
 Rouba sua Personalidade
 Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
 2 Purgante

VERMONT

DE HOMEM PARA HOMEM!

**DEIXE DE PESSIMISMO
 RAPAZ, FAÇA COMO EU.**



Tenho mais de 60 anos e desde que comecei a usar as **Pilulas Maratú**, sinto-me cada vez mais jovem. Este poderoso tônico nervino é composto de duas plantas brasileiras: a Catuaba e a Marapuama (Acanthos virilis). Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos indígenas que usavam-nas como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Elas lhe restituirão o entusiasmo perdido, proporcionando-lhe uma sensação de bem estar e alegria de viver. Experimente-as e verá. As **Pilulas Maratú** são licenciadas pela Saúde Pública como tônico nervino, no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações.

PILULAS MARATÚ

O SEGREDO DA MOÇIDADE

VAUMART



Conserve o seu otimismo! Mantenha o seu bom humor! Animo tristonho quase sempre é sinal de fígado doente. Lembre-se das "Pílulas de Reuter" quando a insuficiência hepática lhe estiver afetando a saúde e a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

— Até sexta.
— Até sexta.

Foi na sexta-feira pela manhã que Marius recebeu a telefonada.

— Alô?
— É o sr. Marius?
— Sim.
— Aqui fala Robert Vidalin. O nosso plano vai ser mudado. Imagine o senhor que mlle. Recrin está muito indisposta...
— Resolveu adiar?
— Não. Farei tudo sozinho. Só eu terei.
— E acha que conseguirá?
— Sim. Creio que sim.
— Boa sorte.
— Obrigado. E esteja a postos para a telefonada de Dupont.
— Estarei esperando.
— Até mais ver.
— Espero que seja breve.
— Quem sabe se não será hoje mesmo?
— O senhor compreende que não pode usar a formação que lhe dei se não para procurar o fio da meada?
— Descanse. Não o importunarei enquanto não descobrir a maneira pela qual você roubou o quadro.
— Muito bem.

— Telefonista! Telefonista!
— Pronto, cavalheiro.
— Por que cortou a ligação?
— A ligação não foi cortada, cavalheiro. O senhor que atendeu no número 2304 desligou.
— Ligue de novo!
— Pois não.
Dupont ainda estava tentando tomar a

ligar, quando ouviu uma voz atrás dele.

— Pode deixar. Já estou aqui.
Era Marius.
— Mas você desligou no meio. Não me deixou explicar a razão...
— Eu sei por que você telefonou. Estava esperando a sua telefonada.
— Mas roubaram um Corot...
— Já lhe disse que sabia de tudo. Vamos. Depressa, antes que a pista esfrie.
— Mas como você sabia que o quadro tinha sido roubado?
— Escute, Dupont. Não se aflija. Isto tudo não passa de uma brincadeira. Não se preocupe. Vá para casa que eu lhe trarei o quadro dentro de pouco tempo.
— Mas...
— É um roubo simulado, meu amigo...
— Como assim?
— Não tenho tempo para explicar, mas digo-lhe que sei quem tirou o quadro, já investiguei a sua vida e sei que é um

rapaz honesto. Trabalha de fato no Parlamento e tem uma filha corrida impecável...

— Mas ele roubou meu quadro...
— Já lhe disse que foi uma brincadeira. Ou melhor, uma experiência. Não se assuste e não me desanhe mais que eu tenho que descobrir como. Encontrei tudo isso como um problema abstrato. O quadro voltará ao museu de qualquer forma, mas eu faço questão de investigar o caso...
— Vou telefonar para a polícia...
— Tolice...
— Como?
— Escute. Dê-me um dia. O rapaz é sabido mas eu sou mais sabido do que ele, e sabendo o que sei não preciso mais do que um dia...
— Mas...
— Não discuta. É' isso mesmo.
— Mas você me promete que devolve o quadro.
— Claro.

Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mãos precavidadas tem-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações

MENTHOLATUM

— Eu não gosto dessas brincadeiras.

© relatório do guarda encarregado da



Você não sabe o que está perdendo...

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Exatamente! Uma perda! Em sabor e energias... Nem se fala, então, se sua mesa carece de algum alimento indispensável. Mais do que uma delícia, Malzbier da Brahma é nutritiva, dada sua riqueza em malte. Ligeiramente doce é a cerveja do lar, devido a seu baixo teor alcoólico. Ela proporciona um valor e prazer redobrados às refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é isto quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador a vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente.

O espaço vital do "Calúnga"



*Contra comichões só o pó
de se coçar. Garantido.*



*Provém o delicioso elixir de
mamão macho iodado*



*"Un baiser froid" é o perfume
da alta roda viva.*



*Apartamentos de lixo, em
condomínio, em Sapucaia.*



*-Estranham estas legendas?
Tudo é influencia do meio...*



*O Calúnga caiu na última página,
entalado nos anúncios...*

dependência em que se achava o quadro roubado dizia:

"Conforme solicitação o senhor diretor deste museu, passo a relatar todos os acontecimentos desde o momento em que abri a galeria confiada aos meus cuidados até que dei pelo roubo do quadro de Corot.

Logo que abri as portas da galeria entrou nela uma estudante da escola de Belas Artes, que costuma vir todas as manhãs copiar um quadro. Já copiou vários quadros e diz que tenciona copiá-los todos. Pouco depois, enquanto essa moça começava os seus preparativos para as atividades do dia, entrou outra moça com cavalete, tela, palheta e pincel. Logo a seguir mais outra estudante, também da escola de Belas Artes. Assim, meia hora depois três moças trabalhavam na sala da galeria. Durante duas horas só isso aconteceu. Pouco depois das onze horas, isto é decorridas duas horas, entrou um rapaz alto, magro, bem vestido, que me perguntou se havia naquela galeria um quadro de Corot. Eu afirmei que havia vários. Em vista disso ele me perguntou os nomes dos quadros. Apanhei um catálogo e entreguei-lhe. Ele logo perguntou-me se "L'Enfant" estava naquela galeria. Disse-lhe que sim. Fomos procurar o quadro. Mostrei-lho. Ele ficou admirado o quadro. Voltei ao meu posto. Pouco depois, enquanto ele ainda estava embevecido admirando o quadro, as três moças saíram para o almoço. Poucos minutos mais tarde ele saiu também. Não levava nada nas mãos. Era impossível que levasse o quadro consigo. Fui até o fundo da galeria. O quadro desaparecera. Não só o quadro como a moldura. O quadro ele poderia ter ocultado de baixo do paletó, mas a moldura não."

— Seu relatório está incompleto. Quero saber o que aconteceu depois.

— Diga-me: do seu posto você via tudo não deixei ninguém entrar e mandei prevenir o sr. diretor.

— Diga-me: do seu posto você via tudo o que se passava dentro da galeria.

— Não, senhor. A galeria faz um ângulo. Eu não poderia ver. Mas ninguém saiu com o quadro!

— Hum...

Uma enorme tentação me veio de perguntar ao guarda se o homem era parecido com Robert Vidalin, fornecendo uma descrição mais ou menos exata, mas contive a tentação e dei por provável que fôsse, de fato, Robert. Mas nesse caso...

No dia seguinte pela manhã Marius recebeu um telegrama.

"Obrigado auxílio. Estou seguro na Inglaterra, quadro vendido. — Seu amigo."

Mais tarde veio uma carta elucidativa.

"Caro amigo:

A maneira mais simples de impedir que uma pessoa veja uma coisa é mandá-la olhar para outra. Não concorda? O amigo é, de fato, um grande detetive, mas eu sou um ladrão mais hábil ainda. O plano que há muito eu arquitetava já o incluí no dia em que, por obra do acaso, despertei a sua curiosidade. Seguindo-me, você quase estragou meu plano, pois descobriu que mille estava associada ao roubo, e isso eu não queria que você descobrisse porque ela é quem ia cometê-lo. Estava preparando há muito. Mas não prejudicou de todo o meu plano a coincidência. Sua ingenuidade ajudou muito.

PÍLULAS DE BRISTOL

Vegetais e açucaradas

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

I.A. - P.B.

Imagine que eu planejara o seguinte: Roubaria o quadro. Mas precisava de tempo. Esse era o único fator que me interessava. Precisava de um dia, pelo menos, para fugir da França. Como obtê-lo? Desafiando-o! Você impediria a polícia de procurar-me pelo menos por um dia, tentando descobrir como eu haveria roubado o quadro. Ora, eu não roubaria o quadro mas trataria de fazer-me bem suspeito. Assim fiz. Entrei em primeiro lu-

gar para o jornal Paris Soir, enquanto mlie. Recriminava todos os dias do Louvre para acostumar o guarda a vê-la. No dia do roubo telefoniei para você dizendo que ela não poderia ir e que eu faria o roubo sozinho. Você assim procuraria um homem. E não investigaria de perto a moça. O roubo, em si, foi simples. Ela estava fazendo uma cópia do quadro. O guarda não notara que quadro ela estava copiando ou tê-lo-a dito. Ela copiava justamente o quadro "L'Enfant". Nem era preciso isso, mas em todo caso... No dia do roubo eu entrei, escondemos o quadro dentro do óco de uma estátua que há bem no ângulo da galeria, justamente quando as duas moças saíram para almoçar. Depois ela saiu logo com o verdadeiro quadro debaixo do braço sem despertar a menor suspeita. Só me restava anunciar o roubo do quadro. Dei, em seguida, um endereço falso a seu amigo Dupont e saí. Ora, você impediu Dupont de man-

dar-me procurar, pois estava certo de que era uma brincadeira, mas era a sério. Enquanto, apesar de saber que era eu o ladrão, ou um dos ladrões, você impedia que eles me buscassem, eu fugia com mlie, para a Inglaterra, onde vendemos o quadro a um colecionador que não faz perguntas. Há homens assim, e ele me ofereceu uma fortuna pelo quadro e prometera não fazer perguntas. Assim, estou hoje rico; você não sabe em que mãos está o quadro e aconselho-o a que da próxima vez não encare o roubo como um problema técnico. Não se esqueça da psicologia... — Seu amigo, Robert.

— Você escreveu a história dessa aventura para torná-la como um aviso... Inutilizável! "Marta, um punhal e nove contrabandistas"...



NO CALOR...

Dê à sua cutis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antisséptica e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA

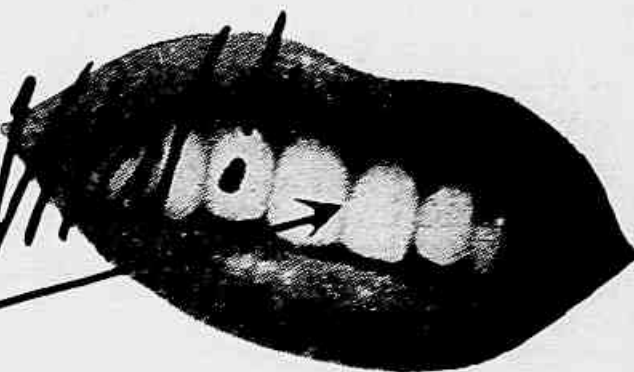
— Quem é Marta? Que punhal? Quantos contrabandistas? Não há nada disso na história...

— Mas o título atrairá os leitores que gostam de histórias com crimes, e eles tirarão do caso o proveito da minha lição...

— Ora essa. Você tem cada uma!

De Espuma Ultra-Penetrante

Gessy protege
no Ponto Vital



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Desperte a Bilis do seu Fígado!

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Píbulas Cartera para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píbulas Cartera para o Fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



É NA JUNCÃO dos dentes, entre as faces ocultas, onde a escova não atinge, que surgem 4 em cada 5 cáries. Por isso, para proteger os seus dentes no Ponto Vital, use o Creme Dental Gessy.

A espuma de ação ultra-penetrante do Creme Dental Gessy limpa até onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Proteja seus dentes no Ponto Vital: use Gessy três vezes ao dia.

GESSY CUSTA MENOS que os demais dentífricos de alta qualidade. Use Gessy e economize até 20% em cada tubo de creme dental.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso, do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICAÇÕES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Pede enviar-me prospectos:

NOME

ENDEREÇO

MODAS



Para as noites de inverno aqui está um modelo oportuno. Mangas longas, decote alto e uma saia de renda grossa entremeadada com fita em duas cores. Uma "toilette" ao mesmo tempo vaporosa e hibernal. Um conjunto esplêndido, como se vê.
Eis aqui uma "toilette" graciosa. Um traje cujo estilo recorda a indumentária mexicana, mas não chega ao exagero dos detalhes. É uma belíssima sugestão para os dias do inverno carioca, onde a claridade de um sol confortador e risonho não deixa de brilhar sobre o orvalho da noite fria e gostosa que passou.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



**ENTÃO SERIA, ACONSELHÁVEL
DEPURAR O SEU SANGUE, PARA AU-
MENTAR A FELICIDADE CONJUGAL.**

**ESSENCIA
PASSOS**
DEPURA E FORTIFICA
É UM PRODUTO
DO LABORATÓRIO SIAN

Despedida

(Continuação da página 35)

táculo. Minha mulher não me ama, nem eu a ela; mas recusa-se a dar-me o divórcio, porque sou rico...

Era a velha história da cavadora de ouro que se casara com o moço rico pelo dinheiro. Ariadne já a ouvira tantas vezes! Mas nunca encontrara o herói de uma delas. E logo o primeiro era ele...

— Quando eu chegar em Nova York tentarei mais uma vez...

Ele provara que era assim que deveria agir, e conseguira convencê-la, mas a tristeza que ela sentia, voltando sozinha, sem ele, o navio se aproximando... Lembrava-se das suas palavras:

— Ela não deve suspeitar de nada. Se souber que quero o divórcio para casar-me de novo, há de fazer uma série de exigências. Assim, eu desembarco no próximo pôrto e sigo de avião. Quando você chegar, siga diretamente para casa. E de lá telefone para mim...

— Charles!

— Hum?

— Eu nem sei seu nome direito...

Ele riu:

— Não é que eu me esqueci! Charles Stanton Hope, para servi-la, senhorita. Eis meu cartão.

No momento da despedida ele a beijara.

— Não perca o cartão. Assim que chegar a Nova York telefone...

— Sim, Charles.

— Adeus, meu amor.

— Adeus, Charles.

Sua única preocupação era desembarcar. O povo que a cercava continuava a demonstrar sua alegria. Ela, pedindo licença, ia furando a multidão, procurando o telefone mais próximo do cais, mesmo antes de ir tratar da bagagem.

— Informações? Queria o telefone do sr. Charles Stanton Hope, rua Dranton 456.

— Perdão, senhorita, mas essa rua não existe...

— ...E o nome...?

— Não consta da nossa lista de assinantes.

Ela deixou cair o fone e foi buscar sua mala na alfândega. Tinha lágrimas nos olhos. Compreendera...



Elas serão as primeiras a louvar a sua

*Cutis
juvenil!*

Enquanto os homens vêm apenas o "conjunto", as mulheres vão aos mínimos detalhes, ao analisar outra mulher... Com que rigôr o fazem! E o primeiro olhar é sempre para a pele! Defenda-se, pois, assegurando uma cutis sempre juvenil com o uso diário, pela manhã e à noite, do Leite de Colônia. Cientificamente preparado, Leite de Colônia limpa, amacia, aveluda a pele. Não disfarça, apenas, corrige os defeitos, removendo espinhas, cravos, sardas e manchas. Para proteção da sua beleza, use Leite de Colônia, a juventude permanente da cutis.

Leite de Colônia

ANEL "ZODIAICO"
A Oitava Maravilha

Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês de seu nascimento. Um presente INESQUECÍVEL, feito de prata fina com OURO 18K., e também todo de OURO 18K. com os signos de platina. Mande dia e mês do seu nascimento, bem como a medida do dedo, e pague no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio, pelo sistema de Reembolso Postal. Peçam catálogos grátis desta joia maravilhosa. Fáb. de Joias "AZTECA", Rua Regente Feijó, 18, Rio de Janeiro.

STANDARD
CRB 100

FEDERAL
CRB 160

INCA
CRB 260

AMERICA
CRB 135

CAPITAL
CRB 260

BRASIL
CRB 280

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

DE Música

GABRIEL FAURÉ

Quando a influência de Cesar Francik e de Wagner ameaçava sufocar a música francesa com o gigantismo orquestral do último, que chega a seu extremo no delírio de Mahler, nesse momento surge, na França, um movimento novo, uma procura paciente da tradição da música nacional para reatar o fio de seu desenvolvimento, perturbado pelos ecos do que ia pelo mundo. E surge Gabriel Fauré. E' o início de uma grande época, é o primeiro passo em direção a Debussy.

Em Fauré vamos encontrar, logo, a característica imprescindível do estilo realmente francês: o bom gosto. E a seguir, o "charme". Uma poesia de "nuance" fina, aristocrática, um horror à eloquência.

Enquanto o mundo estoura em ex-crescências oratórias; em música, Fauré traz o seu talento tranquilo para um recanto que mais tarde viria a tornar-se glorioso.

Impressiona, em primeiro lugar, no

espírito francês, o horror ao grandiloquente, que ora sai com as cambalhotas e os saltos, a "féerie" sonora de um Debussy, ora se exprime através do som, de certo modo, intenso, encerrando uma força quase que física de Ravel. No grupo tipicamente francês vamos encontrar Fauré.

Seria, talvez, prudente lembrar, aqui, o perigo das generalizações. De fato, se dissermos, com a maioria dos críticos: musicais: "Fauré era fundamentalmente francês; sua música é intraduzível", se afirmamos isso, deixamos implícita uma caracterização dessa mesma música, a expressão sonora da maneira de ser de um povo, bem parecida com a que acima referimos: bom gosto, poesia, como que um perfume delicado, mas penetrante, desses que veem num frasco minúsculo, essência preciosa, uma miniatura. E, no entanto, lembramo-nos (creio que é Adolfo Salazar) que se a França é Debussy e Ravel é, também, Berlioz. E eis-nos desorientados.

Mas, na realidade, se há Berlioz.

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

e Victor Hugo, conforme salienta Salazar, não me parece que alguém tenha lembrado seu nome como tipicamente francês. Racine Fauré, sim. Aliás, há, por certo, uma restrição insinuada, quando o crítico é estrangeiro, na frase: demasiadamente francês para ser entendido por outros povos... E' o caso de Fauré. E' o caso de Hugo Wolff, em relação à Alemanha.

Em todo caso, é àquela tradição francesa que nos referimos a propósito de Fauré. E encontramos-na nas suas canções. E' nelas que vemos o melhor da obra do mestre. Sua música para piano, mesmo para conjunto de câmara, ou para orquestra, não realiza de modo completo, aquele momento perfeito de expressão que é tudo quanto podemos pedir de um artista. Nas canções, ele se encontrou, e, sincero consigo mesmo, legou-nos páginas inesquecíveis.

A arte de Fauré, sendo muito equilibrada, de forma policiada pelo bom gosto e pelo desejo de eliminar o supérfluo, dá-se, nas canções, a compensação fundamental de voz e acompanhamento necessária a realização de obras primas do gênero.

Eis-nos, agora, diante do problema. A canção, como música vocal, fá-lo ressaltar, de maneira extraordinária, por que o encerra no seu seio. Se o debate se torna mais fácil em outros gêneros, aqui é difícil.

Há, teoricamente, duas espécies de música: música pura, instrumental, o som despojado de significação e o som, não como linguagem autônoma, mas como prolongamento, por assim dizer, de palavras, de valor, sentido ou significação redutível em palavras, ao

contrário da música puramente som, que não admite isso.

Com a canção temos a voz e o acompanhamento. A voz, elemento dramático, em geral está mais presa ao texto poético do que o acompanhamento. Mas nem sempre isso acontece. As vezes, não utiliza a sua capacidade expressiva num sentido literário e, em certas obras, o acompanhamento, francamente descritivo, contrapõe-se a uma pureza inesperada no canto.

Mas essa é somente uma face do caso. Há, além das dificuldades entre acompanhamento e voz que surgem nas canções de Schubert, onde, por vezes, predomina o acompanhamento, e prossegue até achar a conciliação genial de Schumann, como notou Mário de Andrade, em sua "Pequena História da Música", ao lado desses surge o texto que é o elemento estranho, exterior, mas sem o qual não existe a canção.

E é aí que sentimos a maior qualidade de Fauré.

Há poesias que provocam, em nós, comentários como este: "Isso é pura música". E há obras musicais em que encontramos um sentimento poético pronunciado, porém de tal maneira unido à música, que é difícil dizer exatamente onde se acha, sendo mais propriamente, uma impressão que resulta do conjunto.

E Fauré consegue que, nas suas canções, não possamos nunca determinar onde termina a poesia e começa a música; há uma fusão de texto e música verdadeiramente assombrosa.

Essa, a contribuição do mestre francês. E não é pequena.

ROBERTO LYRA FILHO

EDMUND SPENSER o poeta da era Elizabethana

Os amantes da poesia provavelmente qualificarão Chaucer, Spenser, Shakespeare e Milton como os quatro supremos poetas ingleses, mas entre eles, por motivos que passamos a examinar, Spenser foi o "poeta dos poetas". Nasceu em 1552 em Londres, descendia de bom tronco da linha dos antigos Spencers de Althorpe, antepassados do grande duque de Malborough e do sr. Winston Churchill (cujo sobrenome integral é Spencer-Churchill) e, pelos laços matrimoniais, achava-se remotamente ligado aos condes de Dorset, Derby e Brackley.

Educado na Merchant Taylors' School, ingressou mais tarde na Universidade de Cambridge, onde se diplomou em artes em 1576. Amigo íntimo de sir Phillip Sidney e de sir Walter Raleigh, foi apresentado à Corte por este último e tornou-se conhecido da rainha Elizabeth. Passou a maior parte da vida na Irlanda, onde possuía uma propriedade.

O maior direito à glória de Spenser é que transformou a língua inglesa. Encontrou-a rude e impolida e deixou-a para Shakespeare — tal como Ennius deixara o latim para Lucrécio — graciosa e maleável, pronta para o aperfeiçoamento final. O seu "Shepherd's Calendar", aparecido em 1579, é uma série de doze poemas — um para cada mês do ano — sobre temas diferentes: problemas religiosos, amores não correspondidos, a beleza da vida. O personagem central, Colin Clout, é o próprio Spenser. A obra é artificial, como o são as pastorais na sua maioria, e o emprego da língua ar-

cada na boca de personagens rústicos antecipa as "Baladas líricas" de Wordsworth, mas com pouca felicidade. O poema mais conhecido de Spenser, "The Faerie Queen", embora datado de 1580, somente apareceu dez anos depois. Trata-se de uma longa, extravagante, mas bela alegoria, com pessoas reais e vícios e virtudes no seu entrelaço. Fala de cavaleiros e de lutas de cavaleiros com ardor e sensualidade e com uma poesia que põe uma nova nota na literatura inglesa. Atinge uma suavidade que não foi conseguida pelo próprio Chaucer.

Mas o valor real do poeta está nas outras obras, pois "The Faerie Queen" — essa grande sinfonia inacabada — é demasiadamente frequentemente uma mera alegoria, afastada da experiência humana. Seu poema supremo é "Epithalamion" — a maior obra do gênero em qualquer literatura — escrito para comemorar seu casamento em 1594, nos meados do verão.

Na prece que faz para que haja um verdadeiro dia de junho, dirigiu-se a Phebus num apelo humano tão direto e com eloquência tão segura que fazem ressaltar o dom que recebera para modelar o idioma nativo.

Muitas vezes, da sua aldeia irlandesa, Spenser cantou com a cabeça escondida entre nuvens, mas nesse seu grande poema também canta com os pés firmemente plantados no solo. Conserva-se em contato com a vida e com as emoções que agitam profundamente a humanidade. Em "Amoretti", obra menos apaixonada e viva, comemora os reveses e vitórias dos seus amores.

Escreveu igualmente várias sátiras sobre os seus contemporâneos que o prejudicaram, e uma outra ode de casamento para duas irmãs — "Prothalamion" — que fica muito aquém da canção sobre os seus próprios esposais, pois canta a felicidade alheia. Mas o livro também en-

500 Bouquets diferentes

foram criados para a escolha final do suave e delicado perfume do Sabonete Gessy!

Do gerânio ao sândalo e à "mouse de chène"... do "lavender" à violeta e ao âmbar... 20 finas essências se combinam para formar o perfume do sabonete Gessy. Escolhido entre 500 "bouquets" especialmente criados pelos pesquisadores da Gessy, o "bouquet" final do sabonete Gessy deixa, após o banho, uma sensação deliciosa de bem-estar, de higiene, de conforto. Experimente Gessy, o sabonete suavemente perfumado, de massa consistente e pureza absoluta.



GRATIS

Peça GRATIS pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestões, magnetismo, força de vontade, hipnotismo, etc. Inscreva-se no Curso por Correspondência. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,60 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

LAXOLAGAR GRANADO

COMBATE A PRISÃO DE VENTRE E NORMALISA AS FUNÇÕES DO TUBO DIGESTIVO

GRANADO E CO. S. PAULO, 1945

Modas para senhora...

Vestidos lingerie costumes blusas meias - bolsas lenços maillots culotes botas de montaria cintas e soutiens perfumes

Casa José Silva

RUA MIGUEL COUTO 3 e 5

DIABETE — OBESIDADE — MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cine-
lândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

Como conservar a
DENTADURA POSTIÇA
com firmeza na boca

Sua dentadura postica é incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó *alcalino* (não ácido) mantém a dentadura postica com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

89-13

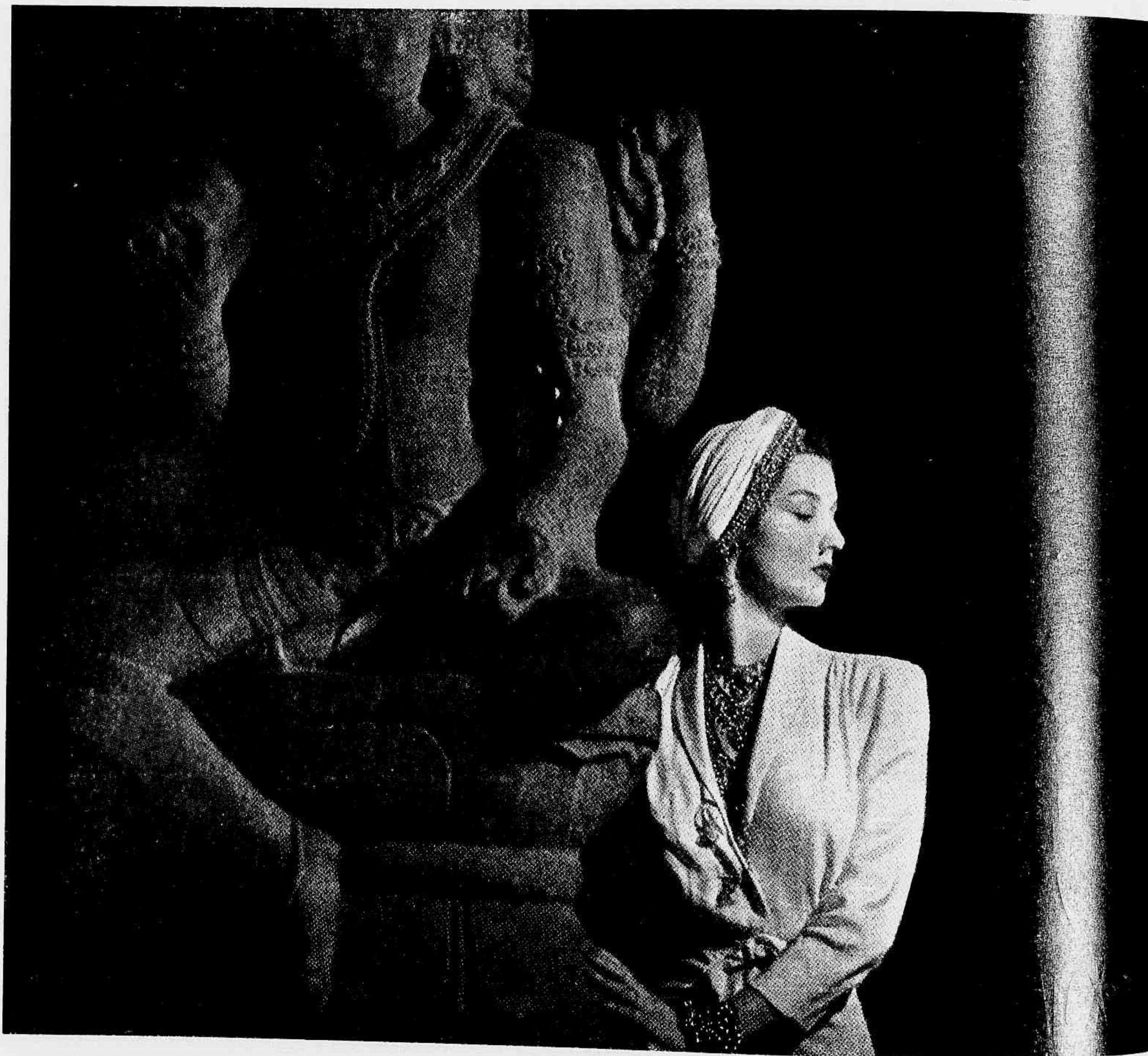
RUGOL
O CÉLEBRE
EMBELEZADOR DA PÉLE

BROMOL
ANTI-AR
De Manchas
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

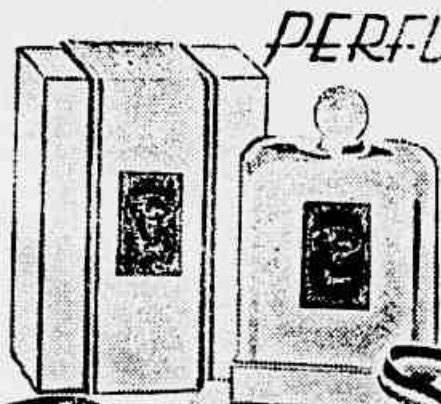
MEN GOL
ECLAIR

TURBANTES

O turbante continua em voga. Aliás o turbante é um adorno tão favorável às cabeças femininas, que não deve mesmo ser esquecido pelos ditadores da moda. Há vários estilos de turbante, e cada criatura pode escolher o gênero que se adapte melhor a seu tipo. Um turbante colocado com arte e escolhido com inteligência denota o bom gosto e a personalidade de uma mulher, cujo requinte logo resalta nos detalhes de sua indumentária.

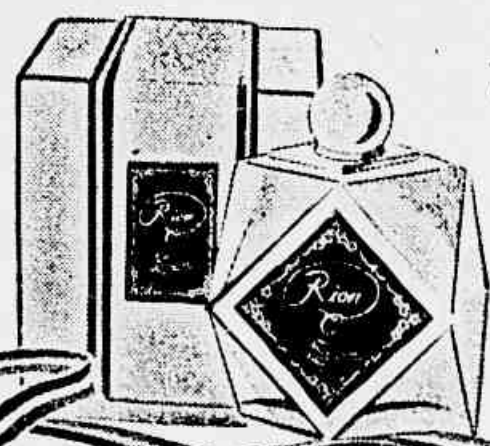


UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Rico



PERFUMES
BELLES FLEURS
MUSGO CHINE
05

MANUEL — Ela não quis dizer, doutor. Mas eu já a conheço. Ela é a mesma que eu vi na casa do dr. Levy. Ela me fez uma surpresa, dr. Luiz.

(Música)
(Porta abre)

LUIZ — Às suas ordens, minha senhora.

SUZETE — O senhor é o dr. Vilela?

LUIZ — Eu mesmo, minha senhora.

SUZETE — Doutor, são passados muitos anos. Mas como o senhor disse à minha mãe que mesmo vinte anos depois isso lhe interessava, eu vim lhe trazer uma informação preciosa.

LUIZ — E qual é, minha senhora?

SUZETE — O endereço do sr. Levy.

LUIZ — Ah, então a senhora é...

SUZETE — Sim. Eu sou a Suzete, a manicura e a vítima daquele bandido. Só agora me foi possível escapar das suas garras. Vim com ele até S. Paulo e foi de lá que fugi.

LUIZ — Então ele está em S. Paulo?

SUZETE — Sim. Ele está em S. Paulo. E não é só ele quem está em S. Paulo. Veio também o outro, que é o mandão. Mas eu quero denunciar aquele miserável. Eu vim aqui para lhe dizer tudo, dr. Vilela.

LUIZ — Vamos. Conte, dona Suzete.

SUZETE — O Levy e o Walter...

LUIZ — Walter? A senhora disse Walter?

SUZETE — Sim. Walter Zeiss.

LUIZ — Mas esse foi o homem que roubou os meus papéis!

SUZETE — Eu sei, doutor. Eu sei. E foi ele também que, certa vez, mandou que lhe armassem uma cilada.

LUIZ — Na estrada Rio-S. Paulo?

SUZETE — Justamente, doutor. Ah, o tal Levy me encarcerou todo esse tempo, mas eu aproveitei bem a minha prisão escutando às portas. Eu conheço todo o plano daquele espião!

LUIZ — Conte-me, então. Fale, senhorita Suzete.

(Música)

LUIZ — Muito obrigado, senhorita. Foi uma ótima revelação. Aqui está o seu prêmio. É um pequeno auxílio para recomeçar a sua vida no Brasil. E antes que eles me venham perseguir aqui no Rio eu irei ao encontro deles em S. Paulo.

SUZETE — Mas tenha cuidado, doutor. Aquêles homens são terríveis. E muito obrigada. O senhor pagou generosamente as informações que eu lhe trouxe. Mas eu já estava satisfeita só com a minha vingança. Precisava me vingar do tal Levy.

(Música)

JOSEFA — Como você está linda hoje, Luízinha.

LUIZINHA — Todo dia você acha isso.

JOSEFA — Mas é que cada dia você fica mais linda, minha filha. E esta roupa de banho ficou tão bem para você!

LUIZINHA — Eu gostava mais da outra que acabou.

JOSEFA — Não, Luízinha. Esta roupa está uma beleza.

LUIZINHA — Só porque foi feita em S. Paulo. Você está ficando muito metida a elegante, Zefinha. Olhe que o Zé Pedro pode ficar com ciúmes.

REGINA — E o pior não é isto. O pior é que a Josefa está lhe botando a perder com êsses elogios, com essa adoração.

LUIZINHA (exaltada) — Também... se a Josefa não me fizer galanteios quem é que vai fazer? O filho do Zé Poveiro? O Antônio? O sobrinho da tia Alzira? Aqui neste deserto onde eu vivo presa não sei por que, só mesmo os galanteios da Josefa...

REGINA — Mas o que é isto, Luízinha? Eu estou lhe desconhecendo minha filha.

LUIZINHA — Só hoje a senhora está me desconhecendo. Eu não sei mais quem é a senhora. Eu nem sei de quem sou filha. Eu não sei mais quem sou. Porque...

REGINA — Cale-se, Luízinha!

LUIZINHA — Já me calei de mais, mamãe. A senhora sempre desconversa quando eu lhe faço estas perguntas. E, afinal, a senhora não acha que eu tenho o direito de querer saber?

REGINA (chora) — Oh, meu Deus. Como sou infeliz! Eu não terei a paz que procurei. Oh, meu Deus. Eu não terei!

JOSEFA — Luízinha, sua mãe já tem chorado de mais. Não faça a sua mãe sofrer.

LUIZINHA — Oh, mãezinha. Me perdoe. Nunca mais lhe perguntarei coisa alguma. Mas não chore, mãezinha. Escute. Eu não quero saber de coisa alguma. Eu não quero vê-la chorar. Não chore mais. Vamos. Dê um sorriso para a sua filhinha. Assim. Está vendo, Josefa? É o sol depois da tempestade. Ela é tão bonita, a minha mãezinha, não é?

JOSEFA — Agora é você quem está fazendo galanteios?

LUIZINHA — E então? A minha mãezinha é tão moça! Ela também precisa e merece elogios, ora essa! Afinal, ela também não tem quem lhe faça galanteios.

REGINA — Pronto, Luízinha. Acabou-se. Vá nadar, minha filha. Vá ao seu banho de mar.

LUIZINHA — Está bem. Então, até já.

(Passos e pausa)

JOSEFA — Não faça uma cara tão triste, Heloísa.

REGINA — Era isso que eu temia, meu Deus!

JOSEFA — Por que não lhe conta a verdade?

REGINA — E você se esquece das censuras que ela me pode fazer? Ah, Josefa! Que noites de insônia eu tenho amargurado, a pensar nas acusações que a minha filha pode me atirar. Afinal, ela tem um pai ilustre, ela tem um lugar de relêvo na sociedade, ela poderá usar um nome glorioso, e eu, por uma questão toda pessoal, atirei-a nesta vida obscura, escondida neste anonimato tão injusto e tão cruel! Eu fui uma egoísta, Josefa!

JOSEFA — Mas você lhe deu uma instrução esmerada. E, a qualquer momento, você pode levar Luízinha para junto do pai. Ele só poderá ter orgulho de Luízinha. Ela é linda, é inteligente, é instruída. Por que não se resolve? Por que não volta para o Luiz?

REGINA — Ora, Josefa. Não tenha ilusões! Você não conhece o Luiz... Ele nem se lembra mais da minha existência. Imagine. O Luiz, dezesseis anos depois, me aceitando de braços abertos. Ele, tão egoísta e tão material!... O Luiz seria incapaz de guardar, tantos anos, uma pequena recordação. Ele sempre foi o homem da hora presente. O Luiz sempre renegou certos requintes do sentimento humano. Saudade, ternura, sacrifício, renúncia, tudo isso, ele sempre abominou.

JOSEFA — Mesmo assim eu acho que ainda era tempo de você tentar alguma coisa, ao menos por Luízinha.

REGINA — Eu não sei, Josefa. Eu não sei o que vou fazer. Nunca mais quis ler um jornal, e não soube nunca mais de coisa alguma. Eu nem sei onde anda o Luiz...

JOSEFA — Eu acho que você deve começar a pensar seriamente nestas coisas. É como diz a tia Alzira: o defeito de toda mãe é não enxergar o crescimento dos filhos. Luízinha ficou uma moça e foi preciso que ela dissesse certas coisas, para você ficar sabendo que ela não é mais uma criança.

REGINA — É isto mesmo, Josefa. Luízinha não é mais uma criança! Ela já está uma mulher!

(Música)

JOSEFA — Não peça isto, Luízinha. Eu não posso contar a você os segredos da vida de sua mãe. Tenha paciência. Qualquer dia dêsses ela se resolve e conta tudo a você.

como uma boneca. Que mistério profundo é a morte. E a vida? E' um grande mistério também.

VOZ DE MANUEL (fundo) — "Lutar mais não dá! Eu sinto tanto p'ra depois... não dá! Não dá! Não dá! Nenhuma, doutor. A gente está vendo que não tem nada. Tem que haver alguma coisa mais, doutor."

VOZ DE GERALDO (fundo) — "A vida para as almas cegas como a sua é como um alfabeto em relevo — latando aqui e ali acaba-se lendo o nome de Deus nas suas páginas finais..."

(Marcha fúnebre. Depois música)

REGINA — Mas ficou bonita a nossa casa, não ficou?

JOSEFA — Bonita ficou, mas eu não tenho fé no trabalho dessa gente daqui. Esta casa devia ter sido feita por um engenheiro lá de Santos ou de S. Paulo.

REGINA — Sim. Para atrair curiosidades? Para provocar comentários que podiam ir até o Rio de Janeiro? Você se esquece de que vivemos ocultas? Não. A casa ficou bem bonita e a construção está muito boa. Depois, só o prazer de ter eu mesma feito o seu desenho, de ter sido eu mesma o engenheiro... Eu fui o arquiteto da minha casa, Josefa.

JOSEFA — Foi por isso que ela ficou tão diferente de todas as casas que eu já vi.

REGINA — Diferente, mas bonita.

JOSEFA — Ficou bonita, mas parece um rancho de luxo.

REGINA — E' uma casa de campo. E eu quis que ela fôsse branca como a outra em que vivemos até agora, em homenagem aos moradores de S. Vicente. Para que eles possam continuar me chamando "a senhora da casa branca".

JOSEFA — Mas daqui a uns tempos ela vai acabar ficando verde.

REGINA — Por que?

JOSEFA — Você cercou esta varanda de trepadeiras. Estas folhagens vão crescer. Isto aqui vai virar um bosque.

REGINA — Aí então é que vai ficar uma beleza. Estou contente, Josefa. Eu terei dois triunfos na minha vida — a construção da minha casa e a educação da minha filha.

JOSEFA — Olhe quem vem ali!

REGINA — Ah, é o Zé Pedro. Ele deixou o serviço mais cedo hoje.

JOSEFA — Ele me disse que hoje vinha mais cedo para festejar a inauguração da casa.

REGINA — Olhe só como ele vem carregado de embrulhos.

JOSEFA — São doces. Ele acha que nós devemos festejar o dia de hoje. Você dá licença, não dá?

REGINA — Pois não, Josefa. Nós precisamos mesmo de alegria. Eu não quero que Luizinha se crie num ambiente de tristeza. Ela já acordou?

JOSEFA — Já. Ela está na caminha, com os olhos muitos arregalados e segurando o dedinho do pé.

REGINA — E' um amor a minha filhinha.

ZÉ PEDRO — Boa tarde, dona Heloisa. E meus parabéns. A senhora hoje já vai dormir na sua casa, hein?

REGINA — Na nossa casa, Zé Pedro. Vocês não moram apenas comigo. Vocês também são donos desta casa. Se vocês não me ajudassem, não me confortassem, eu não teria tido a coragem que tenho tido.

ZÉ PEDRO — Muito obrigado, dona Heloisa.

REGINA — Além disso você tem sido um ótimo auxiliar. Se você não colocasse o meu dinheiro e não se incumbisse de zelar pelo que é meu, como é que eu ia me arranjar? Você tem sido um amigo precioso, José. E sabe que comprou os móveis muito a meu gosto? Tal qual como eu queria. E esta mobília de vime aqui para a varanda você escolheu muito bem.

ZÉ PEDRO — A casa está uma beleza.

REGINA — E ninguém é capaz de dizer que esta casa foi feita por operários daqui.

ZÉ PEDRO — Olhe ali, dona Heloisa. Que grupo é aquele que vem lá?

REGINA — E' verdade. Um grupo grande, hein?

JOSEFA — E' a tia Alzira, é o Zé Poveiro.

ZÉ PEDRO — E' mesmo. E' a "sua" Juca das Rendas.

ZÉ PEDRO — Com estas flores vêm cumprimentar dona Heloisa por causa da casa nova.

REGINA — E' isso mesmo. Que gente boa.

JOSEFA — Olhe a tia Alzira como vem carregada de flores.

(Vozes que se aproximam)

TIA ALZIRA — Boa tarde. Olhe, dona Heloisa, a gente veio aqui p'ra desejar felicidades à senhora na sua casa nova. E trouxemos estas flores p'ra enfeitar a sua sala. Muito sossêgo é o que mais lhe desejo. O sossêgo é a melhor coisa deste mundo. E é dentro da casa da gente que o sossêgo deve morar. Quem não mora com o sossêgo deve morrer. Por isso eu desejo que a senhora tenha sempre esta riqueza na sua casa. O sossêgo é melhor que o dinheiro. Saúde e paz é o que a gente lhe deseja, dona Heloisa.

REGINA — Obrigada, muito obrigada, tia Alzira. Entrem todos. Venham comer uns doces conosco. Zé Pedro, traga os doces para aqui e veja também umas bebidas. Venham. Venham todos.

**(Vozes e risos)
(Música)**

MANUEL (telefone) — Alô... sim. E'. E' o Manuel quem está falando. Não senhora. O doutor não pode atender. Ele está no laboratório. Sim. Eu sei. Eu já conheci a voz. E' a dona Maria Lucia, não é? Sim senhora. Eu dou o recado. Mas eu acho que ele não vai, não. Ele agora não faz outra coisa senão estudar. De dia é no laboratório, de noite no escritório. Sim senhora. Em todo caso eu darei o recado. Está bem. De nada. Às suas ordens, minha senhora.

(Desliga o telefone)

MANUEL — Arre!... estas mulheres quando cismam com um homem!...

(Campainha do telefone)

MANUEL — Lá está o telefone outra vez... (Atendendo) — Alô... Sim, é a casa do dr. Vilela... ele não pode falar. Não senhora. No momento ele não pode atender. Ele está no laboratório. Quem é? Como é? Marizete? Está bem. Sim senhora. Eu darei o recado. De nada. Às suas ordens, minha senhora.

(Desliga)

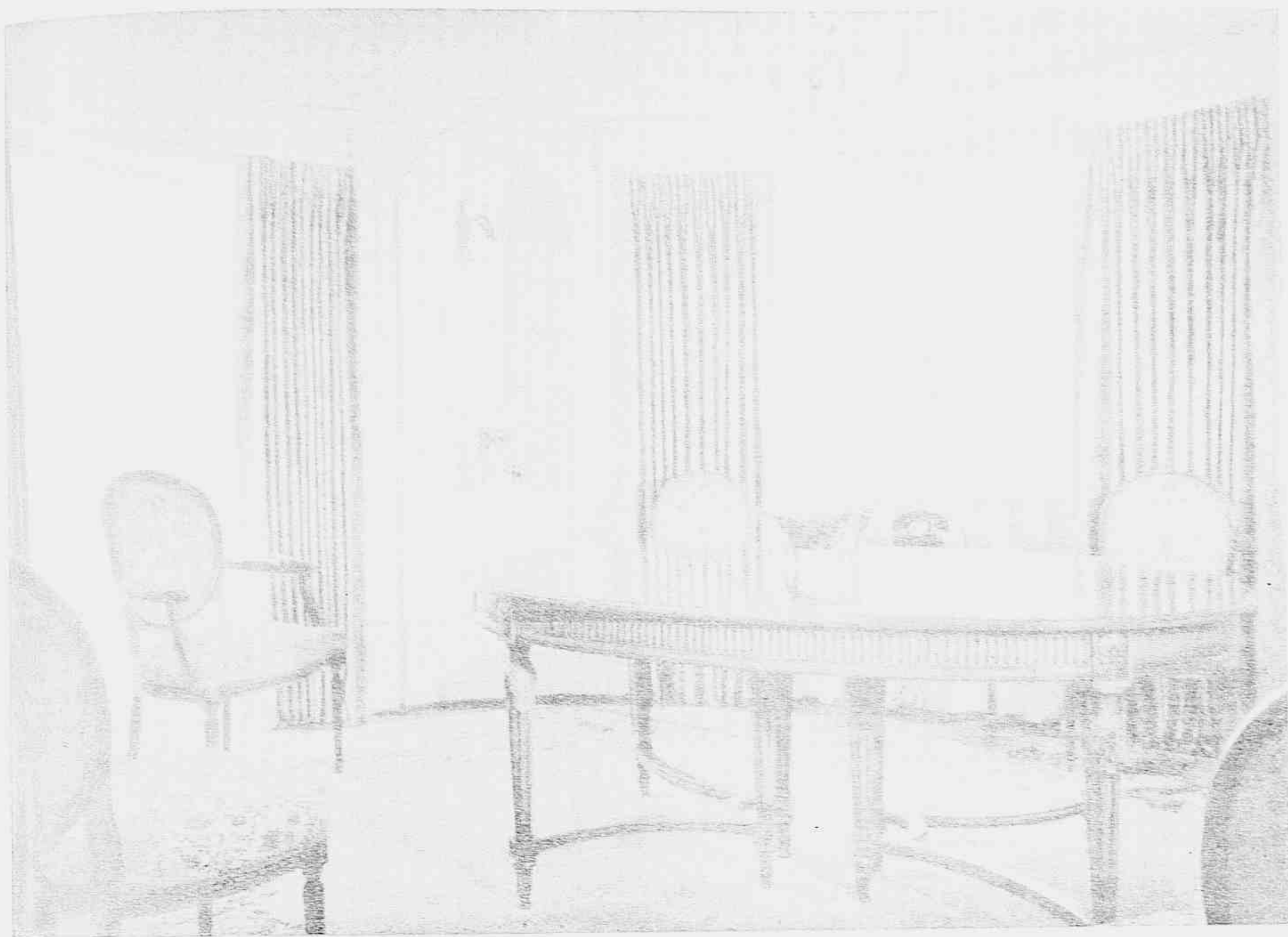
MANUEL — Puxa!... Nem que o dr. Luiz fôsse artista de cinema! E ele não liga a elas. Imagine se ele ligasse. Bem. Podia ser que assim elas não andassem atrás dele como andam. Mulher é um bicho tão esquisito! (campainha da porta) Bem, agora é na porta. Será a tal Ninon? Aquela não perde tempo com telefone...

(Passos)

MANUEL — Bem... se for ela eu vou lhe dar um contra que ela vai ver... (porta abre) Oh, mas... olhe quem está aqui!... (chamando) Dr. Luiz... dr. Luiz... venha ver quem está aqui!!!

**(Intervalo)
(Porta abre)**

LUIZ — Quem é, Manuel? Oh, você, Geraldo? Venha um abraço, meu caro!



DINING-ROOM

OVAL

As esta, uma sugestão para uma moderna, elegante e confortável sala de jantar oval, sem ornamentações custosas ou requintes de luxo, mas mobiliada de modo a dar o mais recente presente da técnica.

Esta sala, que tanto pode ser apropriada para um palacete moderno como para um apartamento relativamente espaçoso, é toda traçada em linhas modernas e sobrias, e foram utilizadas na concepção de suas peças modernas leves e finas, que bem combinam com o traçado das cadeiras e da mesa. Para numa sala oval a mobília fare um belíssimo efeito, embora se goste para qualquer peça de residência moderna.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ